



República de Cabo Verde

Ministério do Ensino Superior Ciência e Inovação



Departamento de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais

Licenciatura em Sociologia

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

A Escola como locus de produção e reprodução de violências:

(Uma Análise junto das escolas secundária público Sãovicentino)

NOME DO ACADÉMICO:

NUNO JORGE PIRES DELGADO

SÃO VICENTE

2013



Departamento de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais

Licenciatura em Sociologia

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

A Escola como locus de produção e reprodução de violências:

(Uma Análise junto das escolas secundária público Sãovicentino)

NOME DO ACADÉMICO:

NUNO JORGE PIRES DELGADO

DOCENTE/ ORIENTADOR: Francisca Gomes Pires

SÃO VICENTE

2013

NOME DO ACADÉMICO:

NUNO JORGE PIRES DELGADO

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

A Escola como locus de produção e reprodução de violências:

(Uma Análise junto das escolas secundária público Sãovicentino)

Monografia apresentada ao Curso de Sociologia na Universidade do Mindelo de São Vicente, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Sociologia.

Orientadora: Francisca Gomes Pires



SÃO VICENTE

2013

FOLHA DE APROVAÇÃO:**NUNO JORGE PIRES DELGADO****TÍTULO DA MONOGRAFIA****A Escola como locus de produção e reprodução de violências:***(Uma Análise junto das escolas secundária público Sãovicentino)*

Esta monografia de autoria de Nuno Jorge Pires Delgado, foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Licenciado no Curso de Sociologia, da Universidade do Mindelo (UM) – São Vicente.

São Vicente, aos _____ de _____ de 20____

Coordenador do Curso de Sociologia

-/Graciano Nascimento/-

Os Examinadores (Júris)

/Docente/

/Orientadora/

Francisca Gomes Pires

/Docente/



DEDICATÓRIA

Dedico esta Monografia de Grau de Licenciado aos meus Pais: Jorge Alberto Delgado e Maria da Luz Pires Delgado, aos meus Irmãos Ondina Delgado, Fernanda Pires e Jurandir Delgado, a minha namorada Suzete Delgado e a todos aqueles que sempre me apoiaram e incentivaram ao longo desta caminhada, como simbolo da luta, do esforço, dedicação e de toda a aprendizagem ao longo dos 4 (Quatro) anos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a **Deus**, por ele nunca ter-me abandonado nos momentos de grandes dificuldades e aflições, e por esta oportunidade de chegar a este tão grande e honroso momento para completar a minha Formação. “ **Sei em quem acreditei!” (2 Tm 1, 12), e “ O Senhor é meu Pastor e nada me faltará” Salmo 23.**

Agradeço aos meus pais, que são a minha alegria de acordar todos os dias e saber que sempre lutam para que eu e meus irmãos tenhamos um futuro brilhante, e também um obrigado para eles por toda esta caminhada na minha educação (Pré-escolar até a minha Licenciatura), que nós filhos devemos sempre honrar pelos seus esforços.

Aos meus Irmãos (Ondina, Nanda, Jurandir), que sempre me incentivaram a esforçar mais do que o necessário.

A minha namorada Suzete Delgado, Licenciada em História, pela sua companhia durante o percurso universitário, sempre me incentivando nos momentos mais difíceis à esforçar para que eu pudesse atingir os meus objectivos.

Aos meus colegas de turma e amigos, um **Grande Obrigado** pelo companheirismo pelos 4 (quatro) anos de convivência e de Aprendizagem um com o outro, e deixá-los a seguinte mensagem: “*Colegas para sermos **Vencedores** temos que lutar e para lutar é preciso ter **Coragem** e para vencer é preciso a **Esperança**”.*

A Todos os Docentes e funcionários das instituições educacionais por onde estudei (em especial aos docentes da ex- IESIG), que me acompanharam nesta longa caminhada e que me deram a conhecer sobre a sua experiência, **um muito obrigado e que Deus os proteja e os dê força e coragem nesta honrosa tarefa de ensinar e de proteger o património escolar.**

A todas as pessoas e instituições que me apoiaram quer directo ou indirectamente nesta pesquisa, um muito obrigado e também um bem haja a professora Francisca Pires.

Á Todos, a minha Gratidão.

“O Sentido mais trágico da vida, isto é, o sentido da vida, nada mais é do que essa problemática da violência”.

Henri Ey (1996)

RESUMO

O presente trabalho de investigação intitulado a escola como locus de produção e reprodução de violências, tem por objectivo, explorar o fenómeno violência no ambiente escolar em São Vicente, através de uma análise cuidada junto de discentes e docentes nas escolas secundárias públicas, apresentando uma reflexão sobre os processos de relações sociais que ocorrem no interior e no exterior das escolas que estão associados a vários factores que podem desencadear a violência. Num mundo cada vez mais global, onde a sociedade de informação é uma realidade, importa olhar a escola e as relações que nela se desenvolvem sob um novo prisma. Nomeadamente a violência em contexto escolar, é uma realidade incontornável e intrínseca do nosso quotidiano, que em nosso entender, assume uma inegável pertinência e actualidade no contexto educativo. Para isso fez-se o uso de metodologia quantitativa, tendo recolhido dados por meio de entrevistas com professores de algumas escolas e aplicado um questionário a alunos do ensino secundário público, onde conseguimos tirar ilações para chegar a conclusões satisfatórias sobre o assunto. Portanto, é de realçar que mesmo tendo informações recolhidas da vasta bibliografia consultada, ou de pesquisas feitas na internet (método qualitativa), a cerne e a veracidade da monografia está na análise de dados recolhidos no terreno.

Palavras-chave: Relações sociais; Indisciplina; Violência

ABSTRACT

This research paper titled school as a locus of production and reproduction of violence, aims to explore the phenomenon of violence in the school environment in St. Vincent, through a careful analysis of students and teachers at the secondary public presenting a reflection on social processes that occur inside and outside the schools that are associated with several factors that can trigger violence. In an increasingly global world, where the information society is a reality, it is important to look at the school and the relationships that develop it in a new light. Including violence in schools is an intrinsic and unavoidable reality of our daily lives, which in our view, is of undeniable relevance and time lines in educational settings. For it was made using quantitative methodology, collecting data through interviews with teachers from some schools and a questionnaire to students in public secondary education, where we take the data to arrive at satisfactory conclusions on the subject. Therefore, it is worth noting that even though information gathered from extensive bibliography, or surveys on the internet (qualitative method), the sum and truth of monograph is the analysis of data collected in the field.

Keywords: Social; indiscipline; Violence

INDICE

Resumo.....	viii
Abstract.....	xi
Índice de tabelas.....	xii
Índice de gráficos.....	xiii
Lista de abreviaturas e traduções.....	xiv
Introdução.....	1
Enquadramento Geral.....	4
Caracterização de São Vicente.....	5

Capítulo I

1. Delimitação do objecto de estudo	
1.1. Tema.....	8
1.2. Delimitação do espaço-temporal.....	8
1.3. População Alvo.....	8
1.4. Justificativa da escolha do tema.....	8
2. Formulação do Problema	
2.1. Pergunta de Partida.....	9
2.2. Objectivos da Investigação.....	9
3. Hipóteses em que assenta a investigação	
3.1 Hipótese central.....	10
3.2 Hipóteses específicos.....	10
4. Metodologia.....	11

CAPITULO II

• Problemática.....	14
Enquadramento teórico.....	14
1 - A ESCOLA COMO ORGANIZAÇÃO SOCIAL.....	14
1.1 A Instituição escolar e sua estrutura	18
1.2 A escola e as relações sociais	20
1.3 A importancia da participacao dos pais na escola	23

2 – A ESCOLA E A VIOLÊNCIA.....	24
2.1 A indisciplina e a violência no contexto escolar.....	25
2.2 Possíveis factores associados a violência no contexto escolar.....	28
2.2.1 Factores externos da violência no contexto escolar.....	28
2.2.1.1 Determinações macroestruturais.....	29
2.2.1.2 A influência do meio ambiente.....	30
2.2.2 Factores internos da violência no contexto escolar.....	32
2.2.2.1 Cultura escolar.....	32
2.2.2.2 Relação professor – aluno.....	34
2.2.2.3 Processo pedagógico.....	35
3 - VIOLÊNCIA NAS SECUNDÁRIAS PÚBLICA SÃO VICENTINA.....	36
4 - Concepção da problemática	40

Capítulo III

1. O Modelo de análise.....	43
1.1. Definição dos conceitos.....	43
1.2. Operacionalização dos conceitos.....	45
1.3. Relação entre os conceitos.....	47

Capítulo IV

1. Análise e discussão de resultados.....	48
2. Análise dos dados.....	53
3. Confrontação das hipóteses.....	72

Conclusão.....	74
Recomendações.....	76
Referência bibliográfica e sitográfica.....	78
Anexos.....	80

Tabelas

Tabela nº1.....	7
Tabela nº2.....	45
Tabela nº3.....	52
Tabela nº4.....	53
Tabela nº5.....	54
Tabela nº6.....	55
Tabela nº7.....	56
Tabela nº8.....	57
Tabela nº9.....	57
Tabela nº10.....	58
Tabela nº11.....	59
Tabela nº12.....	60
Tabela nº13.....	61
Tabela nº14.....	61
Tabela nº15.....	62
Tabela nº16.....	63
Tabela nº17.....	64
Tabela nº18.....	64
Tabela nº19.....	65
Tabela nº20.....	66
Tabela nº21.....	67
Tabela nº22.....	67
Tabela nº23.....	68
Tabela nº24.....	69
Tabela nº25.....	70
Tabela nº26.....	71

Gráficos

Gráfico nº1.....	52
Gráfico nº2.....	53
Gráfico nº3.....	55
Gráfico nº4.....	55
Gráfico nº5.....	56
Gráfico nº6.....	57
Gráfico nº7.....	58
Gráfico nº8.....	59
Gráfico nº9.....	60
Gráfico nº10.....	60
Gráfico nº11.....	61
Gráfico nº12.....	62
Gráfico nº13.....	63
Gráfico nº14.....	63
Gráfico nº15.....	65
Gráfico nº16.....	65
Gráfico nº17.....	66
Gráfico nº18.....	66
Gráfico nº19.....	67
Gráfico nº20.....	68
Gráfico nº21.....	69
Gráfico nº22.....	70
Gráfico nº23.....	70
Gráfico nº24.....	71

Nota: Os dados apresentados na tabela e nos gráficos, são frutos da pesquisa efectuada em São Vicente nas escolas de ensino secundário público, no ano lectivo 2010/2011, tendo como fonte o inquérito.

Lista de Abreviaturas e Traduções

n:..... Amostra

N:..... População

ONU:.....Organizações da Nações Unidas

Sr.(^a):..... Senhor ou Senhora

UNESCO:.....Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

-o0o-

Crosstabulation.....Cruzamento de dados ou entre tabela

Frequency:..... Frequência

Percent:..... Percentagem

Valid Percent:..... Percentagem Válida

Locus:..... Lugar

INTRODUÇÃO

No mundo em que vivemos actualmente, as transformações acontecem de forma acelerada provocando mudanças profundas em todos os domínios sociais, com consequências marcantes nas formas de relacionamento. Em consequência, a escola e o seu meio envolvente, têm vivido situações novas que com dificuldades tem conseguido responder.

Este encadeamento de transformações permanentes, permite o acesso a enormes quantidades de informação, que por sua vez provoca diversos tipos de influência, sendo que a escola deve preparar o indivíduo para ser capaz de seleccionar o essencial.

No nosso país, em particular, o índice de violências não é alarmante mas tem vindo a aumentar significativamente quer na sociedade e nas escolas, principalmente nas do ensino secundário, acarretando consequências nefastas para a sociedade.

O problema da violência tem sido uma das ocorrências entre as diferentes formas de organização social, sendo que a escola se apresenta como um lugar onde estas ocorrências destroem valores sociais e familiares resguardados e cultivados há muitas décadas. Muitos esforços têm sido empreendidos para eliminar as causas geradoras da violência que se apresenta como uma das características perversas da modernidade. Os obstáculos à concretização da paz buscada por todas as sociedades esbarram historicamente no encontro e desencontro da diversidade de pessoas e modos de viver, pensar, sentir e agir.

Urge a importância de se apropriar desse espaço, fazendo dele um ambiente propício para ampliar a consciência crítica de todos os agentes sociais – educadores, pais e alunos, valorizando a participação e a corresponsabilidade como instrumento importante à efectiva consolidação da democracia em nosso país e para construir uma escola cidadã, que seja um antídoto eficaz no combate ao desinteresse dos alunos pelos assuntos escolares, à indisciplina e a violência emergente nas escolas e na sociedade, de forma geral.

A violência é um problema social que podemos presenciar nas acções dentro das escolas, manifesta de diversas formas entre aqueles que estão envolvidos no processo educativo. Isso não deveria acontecer, pois a escola é lugar de formação da ética e da moral dos sujeitos ali inseridos, sejam eles alunos, professores, pais etc. Acreditamos ser

necessária uma nova aprendizagem, uma auto-regulação que tenha como palco a escola em conjunto com a família, pois é na família e na escola que a criança desde sua mais tenra idade deve aprender as regras sociais que são por estas estabelecidas e que funcionam como regras de boa convivência.

Sejam quais forem os tipos de manifestações, a violência nas escolas representa uma ameaça aos princípios internacionalmente reconhecidos sobre a educação, abalando directamente os quatro pilares propostos pela Comissão Internacional sobre Educação, para o século XXI: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

A presente monografia é fruto do meu esforço, insere-se no âmbito da conclusão do Curso de Sociologia, e é destinada à obtenção do grau de licenciatura. Tem como tema “*A escola como locus de produção e reprodução de violências (Uma análise junto das escolas secundária pública Sãovicentina)*”, e está dividida em quatro capítulos:

- O **Capítulo I** diz respeito à delimitação do objecto de estudo em que demarcamos o tema, a população-alvo, fazemos a delimitação espaço-temporal e explicamos o porquê da escolha do tema; e a formulação do problema onde deliberámos a pergunta de partida, os objectivos da investigação e as hipóteses iniciais, e a metodologia em que explicamos os métodos e as técnicas que utilizámos para a nossa pesquisa científica.
- No **Capítulo II** abordamos a problemática que inicia-se com o *enquadramento teórico*, em que desenvolvemos o tópico “Escola enquanto organização social” e de seguida passamos a analisar o conteúdo do nosso tema que centrava-se sobre a escola e a violência, onde esmiuçamos o conteúdo detalhadamente fazendo um breve apanhado de algumas publicações teóricas na literatura que se ajustava ao nosso tema, e por fim a concepção da problemática onde abordamos o tema sobre uma perspectiva teórica e respondemos a pergunta de partida sobre uma perspectiva teórica.

- O **Capítulo III** trata especificamente do modelo de análise, estabelecemos os parâmetros dos principais conceitos que adoptámos para a nossa investigação, operacionalizámo-los e estabelecemos as relações entre eles.
- O **Capítulo IV** compreende a parte da análise e discussão dos resultados, em que analisamos as informações recolhidas através dos inquéritos por questionário e das entrevistas. O quarto capítulo compreende ainda as conclusões e as recomendações.

Enquadramento Geral

Cabo verde é um Arquipélago localizado junto à costa da África Ocidental, é formado por 10 Ilhas que estão divididas em dois grupos Barlavento (Santo Antão, S. Vicente, Santa luzia, S. Nicolau, Sal, Boa Vista e os Ilhéus branco e raso) e Sotavento (Maio, Santiago, Fogo, Brava e os ilhéus secos ou de Rombo). O clima é quente e seco, pois fica na extremidade ocidental na faixa de Sahel.

Historicamente este país foi descoberto em 1460-1462 pelos navegadores Portugueses (António Da Nole e Diogo Gomes). Depois de 500 anos sob domínio português, cabo verde conquistou a sua independência no dia 5 de Julho de 1975.

De acordo com os resultados do recenseamento de 2010, a população total é de 491875 pessoas, sendo residente presente 484437 (98.5%) pessoas, residente ausente 7246 (1.5%) e população sem-abrigo 192 pessoas (0.0%).

No que concerne aos aspectos culturais, o povo Caboverdiano reflecte a influência da cultura Europeia e Africana, na gastronomia destaca-se a famosa cachupa e a base da culinária é o milho, feijão, batata-doce, mandioca, peixes, carnes, a doçaria é rica e variada, as bebidas são representadas pelos grogues, licores e refrescos.

A música é uma manifestação cultural por excelência principalmente, a morna (música de saudade) coladeira e o funaná (canções de amor, alegria e sensualidade) e ainda mazurca, valsa samba, os instrumentos mais utilizados ali são os de corda, violão, viola, cavaquinho, violino, tambores.

A língua materna é o crioulo (crioulo Cabo Verdiana), a sua literatura é a das mais ricas da África lusófona, tem um marco decisivo no movimento claridade, que surgiu em 1936 com os fundadores Baltazar Lopes, Manuel Lopes e Jorge Barbosa.

No que tange ao panorama sócio – económico, a economia de Cabo Verde depende sobre tudo da agricultura e da riqueza marinha. O sector industrial abarca a fabricação de aguardente, vestuário, calçados, tintas e vernizes, o turismo, a pesca e as conservas de pescado, a extracção de sal e artesanato.

Caracterização de São Vicente

São Vicente é a segunda ilha mais populosa de Cabo Verde, localizada no grupo do Barlavento, a noroeste do arquipélago. O canal de São Vicente separa-a da vizinha ilha de Santo Antão. O Aeroporto de São Pedro localiza-se a sul da cidade do Mindelo, o principal centro urbano da ilha e segunda maior cidade do país, onde se concentra grande parte da população da ilha que no seu todo conta com 74.136 habitantes. Mindelo é frequentemente considerada informalmente a capital cultural de Cabo Verde.

A ilha de São Vicente tem uma superfície de 227 km², medindo 24 km de leste a oeste e 16 km de norte a sul. É a sétima maior ilha de Cabo Verde (ou a quarta menor). Embora seja de origem vulcânica, a ilha é relativamente plana, especialmente a área central, a zona leste do Calhau e a zona norte da Baía das Gatas. O ponto mais alto da ilha é o Monte Verde com 774 m de altitude. Outras elevações importantes são o Monte Cara — assim chamado por fazer lembrar um rosto humano olhando o céu (488 m no pico do "queixo", 480 m na ponta do "nariz", estando a maior elevação da formação montanhosa no pico de fateixa, mais a oeste, com 571 m), o conjunto Madeiral/Topona (675 m e 699 m, respectivamente) e Tope de Caixa (535 m). O Monte Verde é a maior elevação da ilha. Apesar da forte erosão, são ainda bem visíveis algumas crateras de vulcões como são os casos do vulcão Viana, no leste da ilha, e a própria baía do Porto Grande.

O clima é tropical seco, rondando os 24 °C de temperatura média do ar. A temperatura da água do mar oscila, durante o ano, entre os 12 °C e os 25 °C. Há duas estações: de Novembro a Julho decorre a estação seca e é quando sopram os ventos alísios; de Agosto a Outubro é a "estação das chuvas", embora a precipitação seja na realidade baixa.

Descoberta no dia de São Vicente (22 de Janeiro) de 1462, pelo navegador português Diogo Gomes, escudeiro do infante D. Fernando, a quem ficou pertencendo por doação de D. João II, o rei seu tio. A ilha foi inicialmente outorgada aos Duques de Viseu que, porém, não procederam à sua ocupação, situação que se manteve depois de, por herança, São Vicente ter passado para a propriedade do rei D. Manuel I.

A ilha tornou-se escala obrigatória a meio do Atlântico para navios de todo o mundo e marinheiros de muitas nacionalidades confraternizavam nas tabernas e cafés do Mindelo. Por essa altura, a cidade tornou-se um centro cultural importante e cosmopolita onde a música, a literatura e o desporto eram cultivados. Chegou mesmo a aventar-se a hipótese de se transferir a capital de Cabo Verde para o Mindelo.

A população de São Vicente actualmente é de 76.107 habitantes, sendo que a população rural se fica pelas 4.174 pessoas. A ilha de São Vicente é, pois, a ilha mais urbana de Cabo Verde, sendo a taxa de urbanização de 97%, bem superior à média nacional que é de 54%. A densidade populacional é de 296 habitantes por quilómetro quadrado.

A taxa anual de crescimento demográfico é de cerca de 2,7%, superior também à nacional (2,4%). A esperança de vida é de 62 anos para os homens e de 65 anos para as mulheres, em evidente contraste com a esmagadora maioria dos outros países africanos, onde a esperança média de vida não vai além dos 56 anos. A taxa de mortalidade infantil é também relativamente baixa: 46 por cada 1000 nascidos.

A população da ilha de São Vicente é maioritariamente jovem, pois 66% da população tem menos de 30 anos, enquanto a população com 60 anos ou mais perfaz 8,6%.

Em termos da educação 54% da população de São Vicente tem como nível de instrução o chamado Ensino Básico Integrado (seis anos de escolaridade) e 24% tem estudos secundários. O analfabetismo é ainda elevado, afectando 19% da população com idade superior ou igual a 14 anos, se bem que abaixo da média nacional que é de 25%. Em relação à situação do ensino em São Vicente, pode-se constatar o seguinte:

- **Ensino Pré-Escolar:** 25 jardins-de-infância, na sua maioria de carácter particular, comportavam cerca de 2.600 crianças com idade compreendida entre 1 e 6 anos.
- **Ensino Básico Integrado** (1.º ano ao 6.º ano): 11 mil alunos distribuídos por 225 salas de aula e com um efectivo de 379 docentes.

Em relação aos dados do ensino secundário, no ano em que realizamos o estudo, eram o seguinte:

• **Ensino Secundário** (7.º ano ao 12.º ano): 7.239 alunos do ensino público, distribuídos por 138 salas de aula e com 471 professores, apresentados de acordo a tabela abaixo indicado:

Tabela nº 1

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO	Nº DE ALUNOS	Nº PROFESSORES	Nº DE SALAS
ESCOLA SALESIANA DE ARTES E OFÍCIOS	844	53	12
ESCOLA JORGE BARBOSA	1997	115	36
ESCOLA JOSÉ AUGUSTO PINTO	1998	109	35
LICEU LUDJERO LIMA	1440	87	21
ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DO MINDELO	960	107	34
TOTAL GERAL DO CONCELHO	7239	471	138

CAPITULO I

1- Delimitação do objecto de Estudo

1.1 - Tema

A escola como locus de produção e reprodução de violências (Uma análise junto das escolas secundária pública Sãovicentina).

1.2 - Delimitação Espaço-temporal

Deacordo ao espaço e o tempo, a referida investigação, decorreu em São Vicente no ano lectivo (2010/2011) no 3º Trimestre, junto de alunos e professores nas escolas secundárias pública sãovicentina, juntamente com pesquisas bibliográficas que se ajustavam ao nosso tema.

1.3 - População Alvo

Como população alvo da pesquisa, participaram: parte da comunidade educativa secundária pública Sãovicentina, onde decidimos aplicar um inquérito por questionário para uma amostra viável de alunos e um guião de entrevista para professores que preparamos para o referido estudo.

1.4 – Justificativa da Escolha do Tema

Escolhemos o tema, dada a importância que a escola tem que é de promover a aprendizagem e de criar laços de convivência e socialização entre a comunidade educativa, sabendo que não é o que se têm visto por esses tempos, mas sim uma escola onde deparamos com relações marcados pela violência, principalmente entre alunos, estes com professores, e não só, o que nos leva a questionar se é que a organização da escola está sendo dinâmica e competente para evitar tais situações? Se existe uma dimensão participativa da comunidade educativa secundária pública sãovicentina de forma a criar uma maior convivência e proximidade entre os seus membros? O porquê de não pegar da legislação definida pelo estado e construir seriamente um projecto de trabalho onde todos da comunidade educativa estejam presentes, abrindo espaços de escuta e canais para participação de todos, minimizando ou erradicando essa situação que

representa uma ameaça aos princípios internacionalmente reconhecidos sobre a educação. Essas são algumas questões que nos levaram a escolher este tema e a desenvolver a respectiva investigação.

Dizer ainda que, essa escolha é do meu agrado e vêm pelo propósito de ter-me estagiado durante 2 (dois) anos numa escola secundária em São Vicente, onde deparei com casos marcantes pela violência e não só, entre membros da comunidade educativa e também pela interação/convivência que tive com professores, alunos e outros funcionários de outras secundárias, que me deram a conhecer sobre a realidade das suas escolas, me incentivaram a tentar esmiuçar este tema que sei é um tanto complicado de desenvolver aqui em Cabo Verde, visto que pouco se tem pensado em debruçar sobre a temática violência a partir do contexto escolar. Através de pesquisas da literatura internacional que se ajustava ao tema, dos guiões de entrevista e pelo questionário aplicado a população alvo poderemos justificar a escolha do tema com maior precisão, chegar a conclusões que satisfaz as nossas objecções e apresentar a nossa proposta para enfrentar este fenómeno.

2- Formulação do Problema

2.1 - Pergunta de Partida

Até que ponto podemos considerar as escolas secundária público Sãovicentino um locus de produção e reprodução de violências?

2.2 - Objectivos da Investigação

2.2.1 - Objectivo Geral

- ✓ Analisar a questão da violência nas escolas secundárias públicas Sãovicentina a partir da visão de alunos e professores, identificando os factores (internos e externos) propícios ao desenvolvimento deste fenómeno e apresentar uma proposta para o seu enfrentamento.

2.2.2 – Objectivos Específicos

- ✓ Analisar as relações sociais que ocorrem nas escolas secundárias públicas Sãovicentina entre a comunidade escolar, entre elas às que desencadeiam a violência.
- ✓ Analisar se de facto os alunos são os únicos e principais responsáveis para o surgimento deste fenómeno nas escolas secundárias públicas Sãovicentinas.
- ✓ Verificar se a falta de participação e do diálogo dos agentes da comunidade escolar secundária pública Sãovicentina, têm sido um meio para que essas situações se repercutem no espaço escolar.
- ✓ Conhecer as políticas delineadas pelas escolas secundárias públicas SãoVicentina como meio de minimizar ou erradicar a violência inerente ao sistema.

3 – Hipóteses em que assenta a investigação

3.1 - Hipótese central

- ✓ As desigualdades soció-conômicas têm reflexo nas relações sociais e observa-se que a escola não só as reflete, mas também as reproduz, fazendo com que aqueles que são excluídos muitas vezes enveredem pela violência para pôr cobre a tais situações;

3.2 - Hipóteses específicas

- ✓ Talvez a fraca ou não participação dos pais na escola, faz com que os filhos se sintam abandonados, aproveitando do espaço escolar, para pôr cobre aos seus problemas do dia-a-dia e para confrontos entre pares.
- ✓ As relações sociais são hierarquizadas entre os actores da escola, principalmente entre professores e alunos, deixando transparecer a exclusão e a desigualdade que podem gerar a indisciplina e a violência;
- ✓ Normas estabelecidas pela escola, que na maioria das vezes, não consegue responder aos objectivos, uma vez que formuladas e implementadas de forma unilateral não ponderando a palavra e o conhecimento dos actores escolares, fazendo com que esses entrem em divergências, gerando os conflitos e se não a violência.

4 - Metodologia do estudo

Segundo Gilberto Teixeira¹, etimologicamente, metodologia significa o estudo dos caminhos e/ou dos instrumentos utilizados para fazer pesquisa científica e que nos dão a resposta de como fazê-lo de forma eficiente. Para o mesmo autor, a metodologia consiste na execução de um conjunto de acções e de estratégias planeadas no projecto de pesquisa, integradas e harmonizadas sequencialmente, para a geração de conhecimentos de acordo com certas exigências e condições.

Podemos também considerar que a metodologia é o conjunto de métodos e técnicas que fazemos uso para conceber determinada pesquisa científica. São esses métodos e técnicas que vamos utilizar para a nossa pesquisa e a observação. Para a pesquisa exploratória fizemos uso de uma grande parte da bibliografia publicada sobre o tema, bem como artigos recolhidos na internet.

Quanto à observação, segundo Quivy², ela consiste na construção do instrumento capaz de recolher ou de produzir a informação prescrita pelos indicadores. Ela pode ser directa ou indirecta. A directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Pela observação indirecta o instrumento de observação pode ser um questionário ou um guião de entrevista. O objectivo desses instrumentos é, segundo o referido autor, produzir ou registar as informações requeridas pelas hipóteses e prescritas pelos indicadores. Optar por um desses instrumentos, ou ambos, dependerá do que pretendemos observar e dos objectivos estabelecidos para a nossa investigação.

Sendo assim, optamos por utilizar tanto o inquérito por questionário como a entrevista.

O inquérito por questionário, segundo Quivy³, consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções e a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência ou de acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores.

¹ TEIXEIRA, Prof. Gilberto, *O QUE É METODOLOGIA?*, P.1

² QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, LucVan, *Manual de investigação em ciências Sociais*, p.p.165-166

³ Idem, *ibid*, p.190

Utilizamos a variante do questionário que se designa de “administração indirecta”, em que o próprio inquiridor o completa a partir das respostas fornecidas pelo inquirido.

As principais vantagens desse instrumento são que ele nos possibilita de quantificar múltiplos dados e de proceder a numerosas análises de correlação, e a exigência de representatividade do conjunto de entrevistados pode ser facilmente satisfeita através desse método.

Já as desvantagens têm a ver geralmente com o peso e o custo que geralmente acarreta, como a superficialidade das respostas, que permitem a análise de determinados processos e como a individualização dos entrevistados que são considerados independentemente das suas redes de relações sociais.

Para a aplicação do questionário, decidimos abordar **142** alunos num universo de **7.239** alunos inscritos nas (5) escolas secundárias públicas Sãovicentina, no intuito de obter uma margem de erro viável que satisfazia as nossas objecções da investigação.

Devido às desvantagens que vimos anteriormente que o inquérito por questionário possui, optámos também por aplicar entrevistas a um grupo de professores, para que ficassemos mais consciente sobre este estudo.

O método por entrevistas distingue-se do inquérito por questionário pela aplicação dos processos fundamentais da comunicação. Segundo Quivy⁴ as entrevistas permitem ao investigador retirar as informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados. Ao contrário do inquérito por questionário, os métodos da entrevista caracterizam-se por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores e por uma fraca directividade por parte daquele.

Fizemos o uso da entrevista semidirectiva. Ela não é inteiramente aberta, nem encaminhado por um grande número de perguntas. Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação por parte do entrevistado.

As entrevistas são bastante úteis segundo Quivy⁵, quando se quer analisar o sentido que os actores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se vêm confrontados como sistemas de valores referências normativas, etc; quando se faz a análise de um acontecimento específico como o funcionamento de uma organização.

⁴ QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, LucVan, *Manual de investigação em ciências Sociais*, p.193

⁵ Idem, *ibid*, pág.194

As principais vantagens da técnica das entrevistas, segundo o autor, referem-se ao grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos e a flexibilidade e fraca directividade do dispositivo que permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando os seus próprios quadros de referência como a linguagem e as categorias intelectuais.

CAPITULO II

- **Problemática**

I – Enquadramento Teórico

1 - A ESCOLA COMO ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Achamos pertinente que ao analisar o tema a escola como locus de produção e reprodução de violências, deveria ser procedida algumas considerações sobre a escola enquanto organização social e lugar de formação da personalidade, além de promotora do desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

Assim, entendida a escola é considerada como um local privilegiado de formar os futuros cidadãos, sendo que, o que ocorre nela, tendo em vista o aluno, é a aprendizagem e a socialização, processos abstraídos em termos de padrões e tendências colectivas, mas que concretamente se efectuam em cada indivíduo de forma singular.

Uma das características marcantes da escola, enquanto grupo social, é a existência e a coexistência de duas estruturas: formal e informal. A estrutura formal é resultante da organização deliberada e consciente das autoridades escolares e educacionais, é o domínio das normas escritas, regras e organogramas, é a estrutura administrativa escolar e pode ser comum a todo um sistema escolar. Porém, as normas escritas muitas vezes não funcionam na prática, em lugar delas as normas não-escritas, resultantes da dinâmica social da escola (estrutura informal), são aceites como legítimas. Assim sendo, a realidade estrutural de cada escola, adquire suas próprias características e sua estrutura informal é única, embora características gerais possam ser identificadas em cada contexto social onde estas se encontram inseridas. Os elementos que integram a vida escolar são em parte transpostos de fora, em parte redefinidos na passagem, para ajustar-se as condições grupais; em parte desenvolvidos internamente em consequência dessas condições.

A estrutura formal e informal nas escolas, interagem de tal modo que é muito difícil generalizar qual é a mais forte, pois se constata grandes diferenças entre a estrutura formal e as relações paternalistas e patrimonialistas nas escolas e seus contextos sociais, o que, segundo suas concepções, acarretam consequências como: a desintegração social, a hipertrofia da estrutura informal, o ritualismo burocrático e o desajustamento das pessoas aos seus papéis. Isto posto, pode-se considerar a escola como um grupo social com uma composição definida e que possui rudimentos de organização e estrutura, cuja existência depende basicamente da actividade combinada dos seus membros (CÂNDIDO, 1976)⁶.

Porém, partindo do princípio de que a escola é um grupo estável, com localização, população, sistema de normas e finalidade, esta apresenta forçosamente uma diferenciação interna, apresentando segmentos dispostos de modo definido e ainda a sua dinâmica interna propícia lugar para formações específicas que são mantidas por um sistema de normas e valores que também são desenvolvidos internamente. Assim sendo, a diferenciação estrutural entre as escolas depende também da estrutura externa, de tal forma que cada escola se caracteriza por ordenações estabelecidas pelos grupos sociais institucionais (poder público), além da própria vida social internamente desenvolvida (CÂNDIDO, 1976)⁷.

Assim entendida, a escola torna-se uma mediadora entre determinantes gerais e o destino de seus membros, isto é, a escola efectiva um movimento de uma totalidade, e a educação articula-se com esta totalidade mediante as relações de classes, como também as relações de classe se articulam como a totalidade mediante a educação. A educação, concebida na totalidade social, passa a ser o elemento dessa totalidade e como tal expressa a produção humana, resultante das relações de classe e as relações de classe determinam as relações dentro da escola porque são interiores a ela. Portanto, na vida comunitária de uma escola existem desafios a serem resolvidos, sendo que um dos maiores fontes de desafios, são os conflitos decorrentes das diferenças individuais entre os membros da instituição escolar.

O choque entre as determinações sociais, através de docentes e administradores, e as tendências da sociabilidade juvenil, que resultam as várias formas de competição ou acomodação, de assimilação ou de conflito. Estas discussões levam à seguinte observação: sendo a escola um grupo onde as pessoas convivem por determinação legal (educação obrigatória) certamente há

⁶ CÂNDIDO, Antônio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, Luiz Pereira e FORACHI, Marialice Educação e sociedade. 7ed. 1976. p.107-128.

⁷ Idem

existência de conflitos abertos e latentes (GOMES, 1994, p. 94)⁸. O autor apresenta duas abordagens básicas em sociologia que levam a diferentes visões da escola enquanto grupo social: uma construída sob o paradigma do conflito e outra sob o paradigma do consenso.

O paradigma do conflito enfatiza as tensões e oposições entre professores e estudantes. Nesse paradigma a escola é vista como uma instituição que impõe certos valores e padrões culturais ao alunado. Já o paradigma do consenso enfatiza os valores comuns e a cooperação entre professores e alunos, de modo que a escola funcione como elemento de integração e continuidade entre gerações.

Considerando o estabelecimento escolar sob o paradigma do consenso, são enfatizados os valores comuns e a cooperação entre professores e alunos, pois, neste paradigma, os elementos da moralidade aparecem em destaque e dois destes são: a integração e a interação no grupo social e estão relacionados à aplicação das normas de conduta, onde a unidade da autoridade e a regularidade de suas aplicações derivam do conceito de disciplina adoptado pela unidade de ensino e estão em conformidade com a filosofia educacional sugerida pela mesma (DURKHEIM, 1967, apud GOMES, 1994, p. 94)⁹. Ancorado neste último paradigma (do consenso), é que pode se conceber que a escola deve desenvolver nos alunos a regularidade e o autodomínio de sua natureza, o que tem duas predisposições básicas e a sugestionabilidade. Nesta concepção pode-se concordar que é a partir delas que a escola desenvolve a disciplina aplicada aos alunos.

Segundo a perspectiva durkeimiana, a disciplina não deve ser um mero recurso para assegurar a ordem na sala de aula, deve representar a moralidade da sociedade e uma preparação para a vida adulta. Os alunos devem sentir que as normas merecem respeito, assim como a autoridade moral da figura do professor. Quando esta existe, os alunos vêem as normas como algo sagrado e inviolável, e a punição como um meio de mostrar que, apesar das aparências, as normas não são forças, mas sim autoridade (GOMES, 1994, p. 96)¹⁰. Com efeito, o “mito do controle coercitivo”, constata que, à medida que as sanções coercitivas são usadas consistente e rapidamente contra os transgressores, a ameaça de coerção por si só é suficiente, e o uso da própria coerção deixa de ser necessário. Desse modo quando os alunos vêem um número significativo de colegas transgredindo as normas e a infração torna-se uma possibilidade a ser considerada como um desafio, um acto de coragem, estes tendem a desafiar a ordem, e o mito do

⁸ GOMES, Candido Alberto. A educação em perspectiva sociológica. 3. ed. São Paulo: EPU, 1994. 164 p.

⁹ Idem

¹⁰ Idem

controle coercitivo cai por terra, porque os recursos coercitivos da escola são na realidade, muito limitados. Isto ocorre porque, segundo Durkheim, cada um de nós tem um ser individual e um ser social.

Passando para o paradigma do conflito, devemos enfatizar as tensões e oposições entre professores e alunos. Neste contexto a escola deve ser vista como uma instituição que impõe certos valores e padrões culturais ao alunado.

(Waller 1967, apud GOMES, 1994,)¹¹, concebeu as escolas como centros de difusão que levam os padrões culturais dos grupos mais amplos as comunidades locais. Para o autor há um conflito contínuo entre professores e alunos e as escolas representam a cultura da comunidade local e a cultura dos adolescentes que se desenvolvem nos interstícios do mundo adulto. A escola tem um modo característico de interação social, centrado em dar e receber através do processo de ensino-aprendizagem. Tendo uma cultura distinta, a “cultura da escola”, é uma mistura do trabalho dos jovens, elaborando cultura, e adultos elaborando cultura para jovens e, neste contexto, professores e alunos são grupos em conflito. Através das forças sociais em contacto na escola, o conflito é uma potencialidade sempre presente e portanto, pode ser o germe das situações de violência nas escolas.

Porém a escola é socialmente complexa, onde muitos subgrupos se entrecruzam, chamando a atenção para se considerar uma hipótese que encare a escola como um ambiente social distinto, onde professores e alunos também sofrem um processo comum de socialização, pois os professores são também socializados na escola e são influenciados por diversos actores como: pais, estudantes, outros professores, outros funcionários da escola e directores.

Não há como negar que o trabalho escolar torna-se impossível sem a cooperação de professores e alunos no contexto de sala de aula, onde se faz presente um intrincado processo de negociação. Estes processos de conflito e cooperação entre professores e alunos significam que a vida escolar não ocorre nem harmoniosamente nem em permanente conflito, mas sim convive com essas duas realidades. A existência de conflitos, encarado sob um prisma negativo, em potencial na escola, aponta que sua estrutura apresenta falhas que deverão, ser investigadas e analisadas para então serem elaboradas propostas educativas de intervenção. Outro factor que merece destaque é o facto de que também pode existir a situação em que o conflito deriva do próprio movimento da escola, ou seja, de suas interações. Também estes podem configurar como

¹¹ Idem

resultantes das investigações de problemas ou ainda, de acções pensadas por conta de influências externas ou movimentos internos, à escola.

1.1 – A instituição escolar e a sua estrutura

A escola, constitui-se num ambiente importante de estudo e observação, bem como às possibilidades que oferece de vivências com as condutas e normas. Isso destaca a importância de se conhecer a estrutura da escola. Segundo (Cândido 1976, p. 107)¹², a estrutura administrativa de uma escola exprime a sua organização no plano consciente, e corresponde a uma ordenação racional, deliberada pelo poder público. Com esta definição percebe-se que a escola como entidade que presta serviço ao público não possui total autonomia, ainda, para se organizar e, portanto está interligada ao poder público, de onde recebe instruções para se estruturar enquanto grupo social. Todavia, esta estruturação será diferenciada de acordo com o sistema a que está directamente subordinada, o que irá direccionar sua organização interna.

Considera-se importante o estudo da estrutura da escola por considerar a sua interferência na estrutura de suas relações que derivam da sua existência enquanto grupo social. Observa-se que a estrutura da escola é composta de relações oficialmente previstas e outras que nascem da própria dinâmica do grupo social que a compõe. Diante disso, pode-se afirmar que existem diferentes estruturas escolares, pois cada unidade de ensino apresentará uma estrutura própria resultante das características da comunidade onde esta se encontra inserida e que a compõe.

Vê-se que a escola, enquanto grupo social, mantém um certo grau de autonomia interna, porém sua estrutura é influenciada por normas estabelecidas segundo interesses de outros grupos que são ajustadas às normas básicas ditadas pelo poder público. Os grupos sociais que mais interferem na estrutura escolar são grupos religiosos e políticos, que cobram da escola um sistema de normas de modo a confortá-la às suas finalidades próprias (CÂNDIDO, 1976, p. 108-109)¹³.

Todavia, a dinâmica interna da estrutura escolar dá lugar a formações específicas resultantes de um sistema de normas e valores internamente desenvolvidos e dependentes, em parte, da estrutura social externa, ou seja, da estrutura da sociedade circundante e circunvizinha, assim como da própria vida social internamente desenvolvida, a qual se faz mais presente,

¹² Idem

¹³ Idem

merecendo uma atenção especial dos pesquisadores devido às tendências da sociabilidade infantil e juvenil.

Na opinião do autor, para o estudo da estrutura social da escola deve-se começar pelo estudo das relações juvenis, dando atenção especial ao que há de específico na sociabilidade do adolescente/jovem em face do adulto; aos tipos de agrupamentos por eles desenvolvidos; aos mecanismos de selecção de líderes; ao conflito com os padrões sociais impostos pela educação, etc.

Nestas relações o adulto exerce um conjunto de pressões que atendem mais aos interesses da organização social do que aos interesses dos alunos, e estes reagem a seu modo, procurando dar expressão à sua sociabilidade própria. Nesta dinâmica de inter-relações estabelece-se uma dupla corrente de sociabilidade: a que envolve o ajustamento do imaturo aos padrões do adulto, e a que exprime as suas necessidades e tendências.

É na confluência das duas correntes que se situa a prática pedagógica, que poderá ser mais satisfatória à medida que conseguir atenuar a tensão existente entre elas. A tensão provocada pela relação estabelecida entre professor-aluno pode ser latente, limitando-se à concorrência normal dos grupos de idade, e pode ser conflitual, levando ao desenvolvimento de atitudes e normas socialmente reprovadas, fazendo crer que as condições do meio influem na formação dos grupos de delinquência infano-juvenil.

Festinger (1975)¹⁴, também tenta explicar a influência da motivação sobre o intercâmbio de atitudes entre os indivíduos, através da teoria da dissonância cognitiva. Segundo o autor, a motivação é uma consequência da existência, na mente dos indivíduos de dois ou mais conceitos “dissonantes”, ao que chama de “dissonância cognitiva”. Na opinião do autor estes conceitos têm um componente social muito importante, porque ele direcciona o comportamento que o indivíduo apresenta na interação com outros indivíduos, com seu grupo e com outros grupos. Para Festinger (1975)¹⁵ é a relação dissonante que tem carácter motivacional, pois na opinião do autor, ela desperta no indivíduo uma atitude com a intenção de eliminar a diferença entre esses conceitos, ou diminuí-la ao máximo possível, isso porque é comum no indivíduo a busca do equilíbrio.

Porém, a tendência do indivíduo em se comparar com o outro, diminui à medida que aumenta a diferença entre o próprio indivíduo e o outro, tanto nas opiniões como nas aptidões.

¹⁴ FESTINGER, Leon. Teoria da dissonância cognitiva. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 249p.

¹⁵ Idem

Ainda na óptica do autor, quanto mais fraco é o poder da realidade física na validade das opiniões, mais aumenta a importância do grupo e a pressão para comunicar. Assim sendo o impacto das relações estabelecidas, assim como dos meios de comunicação, assumem um alto grau de importância na formação do indivíduo, tendo um forte significado na vida dos jovens.

Com isso, o processo de exposição a esses modelos, inclusive às formas violentas de comportamento, torna-se mais precoce e mais difícil de ser assimilado criticamente. Nesta fase os adolescentes mantêm dois tipos principais de conduta moral: a forma de se relacionar com os pais, professores ou com as leis: comportamentos exigidos pelas normas da escola ou da família (professores e pais), e o comportamento baseado na norma do grupo, destinado a manter um bom relacionamento e a aprovação dos demais, sobretudo dos colegas. Essa conduta pode incluir comportamentos saudáveis ou nocivos. Frequentemente essas normas competem entre si, inclusive em nível inconsciente, o que leva o aluno a tentar superar conflitos para conseguir um equilíbrio entre as necessidades impostas pelas normas desses vários grupos.

Percebemos que a simulação e a tendência conspiratória são traços importantes na integração dos grupos sociais, podendo resultar num reforço ou numa subversão da estrutura escolar, o que constitui terreno fértil para a violência na escola, especialmente quando estas ocorrem na sociedade em que insere-se a instituição escolar.

1.2 – A escola e as relações sociais

A escola é um espaço onde convivem pessoas adultas, adolescentes e jovens durante um grande período de horas por dia e de dias por semana. Este facto provoca uma forte experiência de socialização. A escola como uma instituição de trabalho, de convivência e de vida, não pode se descuidar da organização das relações interpessoais que ocorrem em seu interior e no seu entorno. Na medida em que a escola é considerada como um espaço de vida e de convivência social, recai sobre ela a necessidade de organizar os acontecimentos que fazem parte das pessoas e da coletividade.

A escola era controlada e controladora, autoritária por excelência, apropriando-se de alguns princípios do ideário escola novista, porém era calcada nos pressupostos de: objectividade, racionalidade e neutralidade, condições necessárias à produção de um determinado modo de pensar a cientificidade, onde a educação é concebida, desvinculada de posições políticas,

concepções de mundo, valores, etc. Porém, os anos 80 anunciaram-se como os anos da redemocratização, em que a vida pública ressurgiu no cenário político.

Surge a partir dos estudos sobre os novos movimentos sociais, a noção de sujeitos colectivos, entendida no sentido de uma coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas, através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades.

A luta pela qualidade de ensino e os embates pela democratização da escola assumem um papel relevante, nas lutas sociais. Surgem, na escola, uma estrutura hierarquizada e hierarquizante, onde a participação dos professores e dos alunos, enquanto sujeitos activos da vida escolar, fica secundarizada, sendo estes transformados em meros executores de um processo concebido, planejado, coordenado e controlado por aqueles que são reconhecidos e legitimados como os donos do saber. Nesse contexto dar-se-á a relação entre a escola e a comunidade que busca seus serviços. A implantação dos conselhos de escola fez emergir embates e conflitos relacionados às propostas que desafiava a ordem autoritária presente no quotidiano das escolas e consequentemente na relação da escola com a comunidade. Por sua vez a melhoria da qualidade do ensino, vista sob esta óptica, envolve necessariamente, maior participação e aproximação da família e da comunidade em relação à escola.

Vê-se que a existência de vínculos sociais, portanto, é inerente a qualquer tipo de agrupamento e no tocante à escola esse conjunto de vínculos se manifesta através da disciplina.

Assim sendo, no ambiente escolar interagem forças sociais de consenso e de conflito e estas são compostas por uma multiplicidade de grupos que precisam conviver juntos por diversos motivos e esta união ocorrerá por intermédio de diversos mecanismos sociais.

A convivência dos membros dos grupos no ambiente escolar pode ocorrer de modo autoritário ou democrático e é nas tensões entre os subgrupos que se formam no interior da escola, assim como na inadequação dos processos de interjeição e mediação entre esses grupos, que surgem as condições para emergirem a violência nas escolas. Além das condições internas presentes na escola, muitas vezes provocada pelo próprio conflito de gerações, a instituição escolar reflecte seu entorno, provocando a entrada dos conflitos na escola. De tudo o que referimos acima, (ABRAMOVAY; et al, 2002), diz o seguinte:

“[...] Toda a escola situa-se num espaço social e territorial cujas características afectam sua rotina, suas relações internas e as interações entre os membros da comunidade escolar com o ambiente social externo.”

Estas afirmaram que os grupos que competem ou entram em conflito, no entorno das escolas, levam suas diferenças para dentro dos muros da escola, tornando-a um palco de processos dissociativos, em vez de um lugar de formação social.

Como a cultura da escola não corresponde à cultura que alguns alunos transportam de sua família, é esperado que esta discrepância contribua para o aumento das dificuldades de adaptação do aluno na escola.

No ambiente escolar encontram-se alunos que manifestam uma certa apatia, enquanto outros reagem com agressividade, o que sugere o prolongamento das vivências da violência no seio familiar. Portanto, a diferenciação de valores provoca, no espaço escolar, consequências negativas e um ambiente de insegurança que não pode ser ignorado nas propostas de políticas públicas para a educação, assim como na elaboração do projecto político-pedagógico da escola.

(Arendt 2001, p. 239) também faz referências sobre as interferências do comportamento da família e da sociedade no ambiente educacional. A autora observa que o isolamento das crianças e dos jovens em relação à sociedade transforma a escola num mundo privado, questionando o estrangulamento das relações escola e família, escola e comunidade. Cabe à educação a responsabilidade de preparar os alunos para viverem em perfeita interação com o mundo; por outro lado, existe a preocupação com o facto da educação não estar acompanhando as mudanças por que passa o mundo com a mesma velocidade.

As reflexões proporcionadas sobre a escola como lugar de aprendizagem e da interacção entre adolescentes, jovens e educadores contribuem significativamente nos estudos e pesquisas sobre a violência na escola. Diante do exposto, sugere-se que somente o fortalecimento dos processos de consenso democrático pode resultar em meios alternativos para enfrentar as manifestações da violência presentes nas escolas. A necessidade da formação continuada de professores, e demais agentes educacionais, aparece como fundamental para que as questões relativas à indisciplina e à violência na sala de aula e na escola possam ser equacionadas, problematizadas e reflectidas.

1.3 - A importância da participação dos pais na escola

Abordando os aspectos pedagógicos da família, (Nogueira 2002) explica que a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos, pode influenciar, de modo efectivo, o desenvolvimento escolar dos filhos.

No mundo escolar, encontra-se todo o tipo de pais: Um número reduzido de pais atento e preocupado, que vão à escola com regularidade, que participa nas reuniões de pais, nas actividades da escola; um grande número de pais que só vão à escola quando é convidado a ir, que não aparece nas reuniões porque não tem tempo, não participa nas actividades porque considera ser uma perda de tempo; e os pais perfeitamente despreocupados dos filhos, que não sabe nem quer saber se está tudo a correr bem na escola, que anda completamente alheado dos problemas do seu filho; e depois há ainda aquele pai que fica de repente muito preocupado com o seu filho, quando lhe aparece em casa uma participação grave do seu educando e então é altura de “castigar” a escola pelos desastres cometidos pelo seu filho e claro, não foi essa a educação que lhe deu.

É cada vez mais importante sensibilizar os pais para participarem activamente na vida escolar dos seus educandos. A escola faz parte do quotidiano do aluno e os pais devem estar envolvidos em todo o processo de aprendizagem. Pode-se dizer que a escola é um prolongamento do lar, onde o aluno se socializa com os outros e partilha o seu dia-a-dia. Assim, a colaboração e interacção dos pais com os professores ajuda a resolver muitos dos problemas escolares, dos seus educandos, que vão surgindo ao longo do seu percurso escolar.

Para os pais participar na escola, não deve ser só para receber informações dos seus educandos. É preciso que façam sugestões, tomem algumas decisões em conjunto com os professores, participem nas actividades da escola, etc. Note-se que, muitas vezes, a causa da abstenção dos pais na vida escolar dos filhos passa pelos seus horários de trabalho inflexíveis e acompanhar o percurso escolar do aluno, torna-se bastante difícil, nestas circunstâncias. Sempre que possível, os pais devem: comparecer na Escola sempre que pedido ou por iniciativa própria; participar activamente e cooperar em actividades extracurriculares; incentivar o aluno a usar a biblioteca da escola, se existir; incutir nos alunos a compreensão da necessidade de respeito pelo trabalho, o horário, os professores e as exigências disciplinares da Escola; Procurar criar o hábito de ser assíduo e pontual às aulas; Atribuir pequenas responsabilidades, ajudando o aluno a

organizar-se nas actividades escolares para torná-las mais independentes e seguras de si; Mostrar interesse em tudo o que o aluno realiza, incentivando-o nas pesquisas e esclarecendo dúvidas, sem, no entanto, fazer os trabalhos por ele; Favorecer o seu desenvolvimento de acordo com a sua capacidade, não fazendo comparações com os colegas, mas estimulando-a a superar-se; Ser optimista perante a vida em geral, criando um ambiente positivo.

É preciso que os alunos tirem o máximo partido do tempo que passam na escola, com os colegas e professores e que o façam de uma forma responsável e sentido que têm todo o apoio que os pais lhes podem dar. A participação dos pais traz-lhes benefícios, pois que aumentando as suas informações melhoram o seu papel de educadores. Aos encarregados de educação cabe a tarefa de fomentar nos seus filhos a noção de responsabilidade, que estes desempenhem responsabilmente o papel de estudantes, para que hoje enquanto jovens se preparem para a vida adulta.

O envolvimento das famílias melhora o sentimento de ligação à comunidade. Este envolvimento Escola-Família, contribuirá significativamente para uma educação de sucesso, com sucesso, para o sucesso e não só, poderá ajudar na minimização dos actos e incivildades que acontecem na escola entre a comunidade escolar.

2 – A ESCOLA E A VIOLÊNCIA

As instituições escolares têm vindo a enfrentar profundas mudanças, com aumento das dificuldades quotidianas, que provêm tanto dos problemas de gestão como das suas próprias tensões internas e da efectiva desorganização da ordem social, que se expressa mediante fenómenos exteriores à ela; como a exclusão social e institucional, a crise e o conflito de valores e o índice de desemprego.

A escola ainda hoje é uma instituição considerada pela sociedade como lugar ideal para a reprodução dos valores sociais por ela eleitos, responsáveis pela manutenção da sociedade. Porém a cada dia aumenta a responsabilidade educativa que a família delega à escola, sendo a crise económico-social enfrentada pelas famílias, apontada como uma das maiores causas desse fenómeno.

A violência, na sociedade tomou uma proporção alarmante e que vêm repercutindo no ambiente escolar em quase todo o mundo, onde se percebe o aumento das agressões (verbais e

físicas), depredação (violência contra o património) etc. Talvez isso se deve ao facto de que a escola acolhe alunos que possuem valores que não coincidem com aquilo que se ensina, que apresentam má conduta na escola, e que não possuem limites, que se constituem muitas vezes, em ameaças constante aos professores, aos funcionários e aos demais alunos.

Muitas vezes os actos de violência relatados como sendo na escola, na verdade ocorrem fora dos muros da escola, mas envolvem estudantes como autores ou vítimas sendo por isso, às vezes, computados como violência nas escolas. Algumas agressões que desfecham em acidentes graves que ocorrem fora dos muros das escolas, tiveram o início do desentendimento dentro do espaço escolar, outras que iniciam fora dos muros das escolas, transpõem os muros escolares e vão repercutir-se no seu interior. Há nas escolas diversas manifestações de violência, entre estas a indisciplina, as agressões físicas e verbais, incivildades, roubos e porte de armas. Todavia há nas escolas, quotidianamente actos de indisciplina e de violência, de falta de limites, de falta de respeito e de incivildades, que contribui para um clima de instabilidade nas escolas. Assim sendo a verdadeira causa da indisciplina e da violência nas escolas requer uma profunda reflexão e elasticidade de consciência para a sua compreensão.

2.1 - A indisciplina e a violência no contexto escolar

É de salientar que os fenómenos de indisciplina, violências, e mesmo de delinquência estudantil têm perturbado progressivamente as escolas em todo o mundo, constituindo hoje grande preocupação de professores, pais, alunos e responsáveis políticos etc.

A indisciplina e a violência na escola se constituem em consequência de outros tipos de violências, causadas pelos adultos sobre os mais jovens, principalmente da violência estrutural imposta pela estrutura de poder instituído pelos sistemas sociais. Portanto, na escola se dão os encontros a quase todos os tipos de violência produzidos pela sociedade. Assim sendo, a escola é o local de confronto estrutural que incide sobre o estudante, e também da indisciplina e da violência generalizada que este confronto provoca como reacção.

O conceito de indisciplina assim como o de violência, não é estático, uniforme nem tão pouco universal. Ele varia dentro de uma mesma sociedade ou entre diferentes culturas, pois está relacionado com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história. No meio

educacional costuma-se compreender a indisciplina, como manifestação por um indivíduo ou um grupo, como um comportamento intransigente, um sinal de rebeldia, de desacato às autoridades educacionais, como falta de respeito pela autoridade do professor, ou agitação motora na sala de aula, comportamento considerado similar aos denominados de incivildades na classificação das violências nas escolas (REGO, 1996).

Muitos educadores atribuem a culpa do comportamento indisciplinado à educação recebida na família, assim como na desestruturação dos lares, ou ainda à falta de interesse dos pais em acompanhar a vida escolar de seus filhos, a indisciplina conceituada sob esta óptica torna-se uma consequência da desvalorização da educação por parte da família (REGO, 1996, p.88).

Quanto à responsabilidade sobre a indisciplina dos alunos há muitas controvérsias, a escola responsabiliza a família, a família responsabiliza a escola. Assim Rego (1996 p.88) diz o seguinte:

“ [...] É comum educador ver a indisciplina na sala de aula como reflexo da pobreza e da violência presente de um modo geral na sociedade e a opinião de que esta seja fomentada pela mídia, especialmente a TV”.

Outros vêem na personalidade do aluno um indicador de maior ou menor indisciplina. Porém, segundo a autora, profissionais da educação, directores, coordenadores, técnicos etc, e muitos pais atribuem a responsabilidade ao professor na sala de aula. Na opinião da autora há entre educadores um consenso quanto ao pensamento de que a indisciplina na escola, além de revelar um estado violento do indivíduo, é considerada perniciosa, na medida em que prejudica o acto pedagógico de ensino-aprendizagem causando danos aos seus pares, que ficam prejudicados em seu direito de aprender e bem os conteúdos ministrados nas aulas. A indisciplina também é vista como prejudicial ao professor, pois lhe tira o direito de cumprir bem a sua obrigação. Por estes motivos, a indisciplina é também considerada um tipo de violência na escola.

Muito dos problemas de indisciplina têm origem na questão do desrespeito. A indisciplina, com frequência, é considerada como uma manifestação de coeficientes de poder não adequadamente equacionados, os quais os alunos não conseguem verbalizar e por isso manifestam de alguma forma como: querer sair da sala de aula a todo o momento, ficar conversando fora do assunto da aula, não fazer as actividades propostas pelo professor, agredir o colega ou o professor.

É preciso que se faça uma reflexão diante das queixas dos actos de violência manifestadas pelos alunos, pois a maioria destes actos é a negação da esperança, a negação de um futuro melhor para esses alunos:

“[...] Vasconcellos (1997: 245) chama a atenção para o facto de que enquanto o desrespeito do aluno, normalmente, é explícito, o desrespeito da escola é camuflado, sutil, envolvendo várias facetas e entre elas se encontra o preconceito de classe”.

A indisciplina é resultante do impacto do ingresso de um novo sujeito histórico com suas demandas e valores, sendo que sua gênese residiria na rejeição operada pela escola que se apresenta incapaz de administrar as novas formas de existência concreta e nesse ponto de vista sócio-histórico, a indisciplina passa a ser considerada como uma força legítima de resistência e produção de novos significados e funções, da instituição escolar.

Segundo Guimarães (1996)¹⁶ os conceitos de indisciplina e o de violência são diferentes, onde a indisciplina implica na inobservância aos preceitos ou normas estabelecidas pela escola, enquanto que a violência é caracterizada por qualquer acto violento, que pelo uso da força, provoca constrangimento físico ou moral. Na abordagem proposta por essa autora a indisciplina aparece sob todas as formas de conflito que incorporam uma capacidade de resistência dos pequenos grupos e se expressam sob uma aparente submissão, através dos excessos: depredação, ironias, tagarelice, insultos etc.

Em conformidade com Caeiro e Delgado (2005: 16)¹⁷, o alargamento da escolaridade obrigatória e a mudança para uma escola de massa tendo como finalidade elementar, combater o analfabetismo e democratizar o ensino, fez com que muitos alunos encarassem a escola como imposição, potencializando assim situações de desinteresse e de indisciplina.

2.2 – Possíveis factores associados a violência no contexto escolar

Para compreender e explicar o fenómeno da violência na escola convém recorrer aos factores tanto relativos ao interior quanto ao exterior da escola, como características das vítimas e dos agressores assim como as diferentes instituições e ambientes pelos quais os estudantes circulam. Para identificar variáveis ou factores comumente inter-relacionados com a violência

¹⁶ GUIMARÃES, Áurea M. A dinâmica da Violência escolar: Conflito e Ambigüidade. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

¹⁷ CAEIRO, José e DELGADO, Pedro, (2005), Indisciplina em contexto escolar, Lisboa, Instituto Piaget.

nas escolas, percorrem-se diversas outras relações sociais. A tendência é não isolar um único factor como possível causa ou antecedente que as potencializaria. Prefere-se, em lugar disso, identificar conjuntos ou ambientes favoráveis a violência.

É consensual o reconhecimento da vulnerabilidade negativa (riscos e obstáculos) da escola diante de distintos processos contemporâneos, em particular as exclusões sociais, a atitude do poder público para com a educação e a perda de prestígio e de poder aquisitivo pelos professores.

Hoje em dia a escola está mais vulnerável a factores e problemas externos (como o desemprego e a precariedade da vida das famílias pobres) ou podemos dizer que a escola reproduz. Ele menciona, também, o impacto da massificação do acesso à escola, a qual passa a receber jovens negativamente afectados por experiências de exclusão, o que implica consequências para todos os membros da comunidade educativa: alunos, pais e professores.

Esses factores externos de vulnerabilidade se somam àqueles decorrentes do aumento das condutas delinquentes e de incivildades na escola.

Embora os factores externos tenham impacto e influência sobre a violência na escola, é preciso tomar cuidado com o facto de que, dentro da própria escola, existem possibilidades de lidar com as diferentes modalidades de violência e de construir culturas alternativas pela paz, adoptando estratégias da própria escola.

2.2.1 – Factores externos da violência no contexto escolar

O fenómeno da violência é intolerável pelo facto que ele nega os valores universalmente reconhecidos nos direitos humanos, tais como aspiração individual e colectiva à inviolabilidade, à integridade, à protecção, ao respeito e à justiça. A violência quando unida à escola indica uma falha por parte dessa instituição e compromete os seus planos futuros.

Porém, muitas vezes o átomo da investigação da violência pelos sujeitos nas escolas continua sendo o indivíduo, e não a violência inerente ao sistema social ou às instituições sociais que estão na raiz do problema.

Assim sendo, é relevante identificar alguns factores externos apontados pela literatura, os quais apresentam a violência que surgem nas escolas como uma manifestação externa.

2.2.1.1 - Determinações macroestruturais

De entre os factores externos que geram a violência na escola destaca-se a tônica fundante de cunho sociologizante, que apresenta por parte de alunos como o resultado de determinações macroestruturais. Nesse caso as raízes desta estariam fora da escola, e a acção escolar reproduziria de forma difusa os efeitos desses contextos externos.

O sociólogo norueguês Galtung, conceitua a violência como sendo estrutural, mostrando que a ameaça está presente nas instituições, mesmo quando não há violência literal, ou tal como estrita ou tradicionalmente definida, baseando-se na suposição de que factores tais como pobreza, racismo, desemprego, discriminação pelo género e má distribuição de renda são os factores estruturais e causas arraigadas.

A violência é associada a macrotendências como pobreza, desigualdades sociais e falhas de comunicação. Refere-se ainda à perda de legitimidade e às formas de relações com poderes, como o exercido pelas armas, pelo medo, pela intimidação e pelo não-respeito ao outro. Este fenómeno, poderia ser considerada como um produto da exclusão social vigente, e, para reduzi-la, é preciso reduzir as desigualdades sociais através da implantação de programas de combate à pobreza. Associado a esse fenómeno está a obrigatoriedade da escolarização básica.

As escolas receberam um grande número de alunos ocupando os espaços vagos no período nocturno. A democratização da escolaridade absorveu jovens de camadas sociais mais populares, crescendo a aspiração por trabalhos de maior prestígio social, porém, houve um descompasso entre essas expectativas e as possibilidades efectivas de tipos de trabalho que esse nível educacional propicia.

Assim, a escola passa a não ser via de acesso às melhores posições no mercado de trabalho. É justamente nas deficiências dos processos de socialização de jovens nos bairros, na família e na presença de um sistema educacional que não responde às verdadeiras necessidades do seu desenvolvimento, que, cada vez mais, vem se localizando a raiz do comportamento violento juvenil.

A escola que deveria ser o lugar que proporciona a ascensão social, acaba *reproduzindo* a violência e muitos alunos não conseguem se sobressair na vida.

2.2.1.2 - A influência do meio ambiente

Não podemos esquecer que o meio ambiente também pode ser considerado um potencial factor para a prática de comportamentos que põem em causa a sua convivência na sala de aula em particular, e na escola em geral. Isto é possível, na medida em que, desenvolvendo num ambiente onde a violência é uma realidade, têm a tendência em assimilar e reproduzir diversos tipos de condutas que violam os princípios morais vigentes na escola.

Nesta linha de pensamento, tendo conhecimento que a origem social do aluno influencia expressivamente o sucesso deste na escola, uma vez que, de acordo com Bourdieu citado por Marques (2000)¹⁸ se verifica porque não há uma distribuição equitativa do capital cultural no seio das famílias. Portanto, em detrimento dessa desigual distribuição do capital cultural, os alunos oriundos das classes mais favorecidas tendem a ser os mais bem sucedidos no contexto escolar do que aqueles provenientes das classes desfavorecidas. Em coerência com os aspectos supracitados, podemos concluir que as diferenças não se restringem apenas a nível dos resultados escolares, mas também essas diferenças terão repercussões a nível dos comportamentos dos mesmos.

Assim, os alunos provenientes das classes abastadas, dominando um código linguístico mais elaborado, tendem a integrar-se rapidamente no contexto escolar, uma vez que o código utilizado na escola é o mesmo e os alunos originários das famílias mais desfavorecidas por algemarem de um código linguístico restrito ao entrarem em contacto com o mundo escolar, entram em choque simultaneamente com a cultura linguística aí desenvolvida. Como é evidente, em função dessa descontinuidade em termos de código linguístico, esses tendem a ser actores de comportamentos considerados inadequados e puníveis no seio do ambiente escolar.

Em conformidade com Santos e Nunes, “os membros da família exercem uma forte influência na conduta dos indivíduos em fase de amadurecimento emocional, visto que, este dependerá, em grande escala, de suas experiências emocionais anteriores, ou seja, aquilo que foi experimentado na infância desempenha importante papel durante os anos de adolescência”.¹⁹

Da mesma forma podemos acrescentar que de facto, a família, sendo um agente de socialização primária, desempenha um papel de destaque na formação moral do indivíduo, visto

¹⁸ MARQUES, Ramiro, (2000), Breve dicionário de pedagogia, Lisboa, Editorial Presença.

¹⁹ Disponível em: <http://www.fja.edu.br/candumba/pdfs/MarinildesNunes2006v2n1.Pdf>

que, é ali que este tem contacto com as primeiras regras, princípios e normas que pautam as suas condutas no ambiente inter e extra familiar. Portanto, como diz Freud, a maturidade se forma nos primeiros anos de vida do sujeito.

Mas, segundo Santos e Nunes²⁰ é evidente o papel da família sobre as atitudes e metas dos jovens. Cada família, como todo sistema, possui uma estrutura determinada, que se organiza a partir das demandas, interações e comunicações que ocorrem no seu interior e com o exterior. Esta estrutura forma-se a partir das normas transaccionais da família, que informam sobre o modo e com quem deve relacionar-se cada um dos seus membros. Ainda hoje a família transmite, avalia e interpreta a cultura para a criança.

Actualmente, o factor económico exerce um forte poder sobre a estrutura das famílias. A este respeito Santos e Nunes dizem:

“ [...] A família, nos tempos actuais, é fortemente influenciada pelo factor económico. A falta de estabilidade económica desestrutura psicologicamente seus membros. A figura do pai, associada ao poder de sustento do lar, deixa de existir à medida que a crise económica reduz os salários, condicionando famílias a uma total mudança de comportamentos devido à redução do padrão de vida”.

Em coerência com Costa (2003)²¹, na instituição escolar interagem professores, não professores, alunos, todos eles diferentes em espaços situados em comunidades com características específicas. Deste modo, cada um destes sujeitos apresenta níveis de desenvolvimentos distintos, transportando consigo a sua história, as suas experiências, as suas expectativas, os seus significados, as características dos seus contextos de vida, e é na interacção destes múltiplos actores que se constrói a identidade da comunidade escolar. Em contrapartida, a instituição escola é um sistema aberto que estabelece relações próximas com o exterior e é influenciada por diferentes variáveis.

Mas, segundo a referida autora citada, o desenvolvimento se concretiza mediante um processo contínuo de assimilação e acomodação ao meio, que quando mais rico e desafiante, mas simultaneamente, fonte de segurança, mais promove a necessidade de novas explorações que permitam uma acomodação construtiva ao meio.

²⁰ Idem

²¹ COSTA, Maria Emília, (2003), *Gestão de conflitos na escola*, Lisboa, Universidade Aberta.

2.2.2 - Factores internos da violência no contexto escolar

Apontada também como produtora da violência, a escola perde o seu real significado de ambiente formador e socializador. Como espaço propiciador do desenvolvimento ao fenómeno, passa a ser a própria negação dessa instituição. Apreender os factores internos é romper as cortinas desse palco institucional para focalizar aos actos de violências que se fazem presentes entre os diferentes actores da comunidade educativa. Vejamos então alguns factores:

2.2.2.1 - Cultura escolar

A este propósito, não é possível sustentar que a escola tão somente reproduz as forças *externas* a ela, mas, os factores internos produzem algo de novo no interior da escola, por meio da (re) apropriação de tais vectores de força exógena por parte dos envolvidos e seus procedimentos instituídos, que corresponde às directrizes nacionais, normas, regulamentações, oriundas das diversas instâncias burocrático-legais do sistema educacional e ainda os instituintes que se relacionam às acções desenvolvidas pelos vários segmentos da comunidade educativa, que por meio de suas actividades, criam e acrescentam novas dinâmicas ao que já existe. Há uma dimensão institucional da violência relacionada tanto à natureza da organização escolar quanto às atitudes e às práticas dos professores e administradores, sendo a avaliação o instrumento de destaque para a *produção e reprodução* da indisciplina e violências.

Um sistema de notas instituído como forma de coacção sobre os alunos provoca resistência violenta por parte dos “fracassados”. Contrapondo também ao pensamento de ser apenas reprodutora da ordem vigente, a escola é apresentada como produtora de violência, pois enquanto instituição não apenas reproduz a violência advinda do plano macroestrutural, mas também é produtora da sua própria violência e indisciplina. A cultura escolar pode ser também fonte de violências, quando se faz presente no âmbito da escola a violência simbólica, ou práticas fundamentadas nos modos de conceber a avaliação e a disciplina.

A cultura escolar, mantida através de seus mecanismos de controlo e punição, que têm como objectivo criar indivíduos normalizados, impõe a violência simbólica. Esta pode ser percebida quando não se respeita a experiência do aluno trazida do seu meio. Assim sendo, falta diálogo e há violência do sistema escolar porque falta a palavra, falta o desejo. “Essa negação do diálogo no quotidiano da sala de aula é uma porta de entrada da violência na escola; e a reacção

dos alunos aparece como uma espécie de prática libertadora, mas, fundamentalmente expressiva; é, pois, contra esse carácter violento da instituição escolar que os alunos se rebelam, mesmo que não seja de forma organizada” GUIMARÃES, (1996)²².

Assim, a violência estará no germe da relação pedagógica, quando esta for uma relação de forças, quando a escola não reconhecer a todos, os mesmos direitos ou não se assegurar a eles o respeito. “Por isso mesmo é que, qualquer que seja a situação em que alguns homens proíbam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta” (FREIRE, 1985).

Assim sendo as instituições geram a violência, gerando em contrapartida as acções que subvertem o instituído e esta violência pode ser definida a partir de três modalidades: violência dos poderes instituídos, a violência anômica e a violência banal. A dos poderes instituídos, refere-se à dos órgãos burocráticos, dos estados, do serviço público, de entre eles a escola estaria incluída através de suas acções que tem como objectivo planificar e controlar racionalmente a vida social através da burocracia; A violência anômica como sendo as representações de protestos contra a homogeneização constitutiva do tecido social, existindo em todas as formas de revolta e exprimindo o desejo irreprimível do querer-viver social; e a violência banal” como todo tipo de banalidade que, ao não se integrar completamente ao instituído, se oporia a ele, também denominada de modalidade as submissões aparentes, o conformismo das massas, o silêncio social e a não-resposta. Portanto, as duas últimas referem à expressão dos alunos contra o poder próprio da cultura escolar. Abramovay diz o seguinte:

“ [...] Na medida em que as punições são, na maioria das vezes, estipuladas de forma arbitrária pelos poderes instituídos, a escola seria, por um lado, locus privilegiado de exercício da violência simbólica” (ABRAMOVAY; 2002).

A violência dos poderes instituídos, vendo a escola como fomentadora desse fenómeno, submete seus alunos a uma pressão constante através do modelo de comportamento imposto com o objectivo de torná-los dóceis. Por meio do uso da prática dos exercícios dos deveres ideologicamente elaborados a priori tenta conduzir a homogeneidade. Aquele que é gerada dentro da instituição escolar é multifacetada e multiforme, assim sendo elas não acontecem da mesma maneira, apresentando faces, tempos e particularidades, dependendo do contexto em que apresentam.

²² Idem

A violência na escola pode assumir duas formas: explícita e mascarada. A primeira é combatida, criticada e controlada através das punições aplicadas pelos professores e pela escola. Porém, a segunda passa sem punição, ou porque pode não ser percebida como sendo confundida com a indisciplina, ou porque é considerada pouco grave não tendo consequências relevantes, ou porque não é visível. Confundida também com brincadeira e ainda porque não maltrata o corpo, os danos da violência mascarada são geralmente, de ordem psicológica e/ou moral. Essa que não é controlada se repetida continuamente passa a ser banalizada e traduzida como algo normal.

2.2.2.2 - Relação professor e aluno

Também destacados como produtores da violência na escola estão os próprios professores. Estes, por banalizarem-na ou não darem atenção especialmente às incivildades e manifestações de discriminação na sala de aula, estariam contribuindo para desrespeitar os direitos dos alunos, bem como a má qualidade do ensino e o tratamento autoritário dado aos alunos.

Além disso, há professores que declaram não gostar de determinada turma ou classe, discriminando assim alguns alunos, que ficam incomodados pelo facto de outros colegas receberem tratamento diferenciado e privilegiado. A distância social e cultural entre professores e os alunos dos meios populares é mais um aspecto que entra nesse cenário. Essa distância pode ocorrer ou porque o professor em geral é de classe média e tem preconceitos contra classes populares ou por falha na sua formação.

O professor que não desenvolveu habilidades para se aproximar do estudante, muitas vezes usa discursos sobre os maus actos dos alunos, para tentar justificar essa falta, fazendo uma opção contrária ao que deveria ser o papel da escola, ou seja, mostrar ao aluno que ele não é o único potencial dos actos de violência que a acusam de ser. Existindo uma dificuldade de reflectir sobre suas posturas, muitos professores não se percebem como agentes violadores dos direitos dos alunos produzindo a violência simbólica, refletindo na escola o modelo violento de convivência social. A falta de orientação, compreensão e adequada preparação profissional estaria gerando situações que conduzem à indisciplina e violência nas escolas, traumatizando os alunos e em consequência geraria a contra-agressão.

A contra-agressão, quando manifestada na prática de incivildades, sinaliza um conjunto de insatisfações que os alunos manifestam pela sua experiência escolar, e traduz também a dificuldade das escolas em promover um espaço democrático que seja capaz de conviver com os actos de violências.

2.2.2.3 - Processo pedagógico

Dos factores até então referidos, entra no cenário o processo pedagógico que é considerado tanto como um tipo de violência quanto como vítima desta. Assim, constitui um tipo de violência se as escolas não conseguirem acompanhar o ritmo do desenvolvimento imposto pelo mundo actual, se tornando incapazes de despertar interesses em adolescentes e jovens que a frequentam, geralmente portadores de carências de toda espécie (DELORS et al, 2005)²³.

Associado a esse factor está a inabilidade dos professores em dialogar com as turmas, com comportamentos diversificados e que chocam com o modo de pensar dos professores e ainda o inconformismo diante das más condições de ensino, isso tudo somado tem um caldo de cultura ideal para o vandalismo e outras formas de violência física e simbólica. Assim Grossi diz que:

“ [...] O conceito de violência devia ser substituído por “toda a acção que impede a aprendizagem”. essa intervenção traduz o sentido de que “... há faixa de responsabilidade pela violência nas escolas que é da própria escola, que está ensinando pouco se ela passar a ensinar mais, não só à prevenirá no seu interior como fora dela” Grossi (2003)”.

A autora afirma não ter dúvida de que uma das medidas que precisa ser tomada pela escola para erradicar a violência é a aprendizagem. Se, por um ângulo, uma baixa aprendizagem pode gerar a violência, uma vez que os “fracassados” podem se revoltar e reagir violentamente, por outro lado, a violência causa impactos no processo de ensino aprendizagem, pois os alunos que convivem com situações muito agressivas, quer seja fora quer dentro da escola, não conseguem concentrar-se nos estudos. Alunos vítimas perdem a vontade de ir a escola, constituindo a violência uma das razões de transferência da escola e até mesmo evasão escolar.

Esse facto também ocorre com os professores que desistem da profissão ou alertam

²³ DELORS, Jaques (coord.) e outros. (2005). *Educação um tesouro a descobrir*. (9ª edição). Portugal. Edições ASA

entidades de segurança para sua protecção, depois de agressões e ameaças quer por parte de alunos, pais ou familiares.

3 -VIOLÊNCIA NAS SECUNDÁRIAS PÚBLICA SÃO VICENTINA

São Vicente tem vindo a registar um índice de violência nas secundárias sem precedentes nos últimos tempos, isto na perspectiva de alguns professores dos estabelecimentos do ensino secundário e também relatados nos média.

Segundo os relatos destes, os alunos tem vindo a cometer vários actos de ameaça e até de agressões físicas entre estes e contra docentes, sem que tenham recebido a “merecida” punição disciplinar. Ao longo dos tempos, já ocorreram casos preocupantes, entre elas, agressões física e ameaças explícitas, perpetradas por estudantes de ambos sexos. Isto sem contar com cenas de apedrejamento registado nos pátios de algumas escolas e que, por pouco não provocara vítimas entre alunos e docentes.” *Eu vi-me no meio dessa cena e escapei, por sorte, a duas pedradas. Uma delas passou-me perto da cara e outra pedra roçou o meu cabelo*”, conta uma professora.

Tudo indica que o episódio foi protagonizado por jovens de outras paragens, que decidiram ir “*acertar contas*” com estudantes alegadamente pertencentes a grupos rivais. Começaram a atirar pedras para dentro do atrio, quando alunos e professores estavam presentes no recinto. Por sorte, ninguém saiu ferido.” *Mas vivemos momentos de pânico*”, acrescenta a professora.

Na perspectiva de outros docentes, está-se a enfrentar um clima de “indisciplina e violência externa”, que encontra terreno fértil por causa da falta de intervenção atempada e energética das escolas.”

“*Os alunos estão violentos, abusados, e ameaçam os professores por tudo e por nada, como se fossem os donos das escolas*”, descreveram professores, que já foram vítimas de ameaças verbais dentro de salas de aulas. Segundo conta um professor, alguns alunos ensaiaram uma brincadeira de “pasta” dentro da sala e teve de obriga-los a parar com a “brincadeira”. “*Ai, disse-lhes para lembrarem que tem um passado manchado, porque chegaram a ferir uma professora portuguesa com uma forquilha*”. Dito isso, um aluno olhou-a fixamente nos olhos, franziu a testa e disse-lhe, com toda a naturalidade: ‘*E tu vais ser a próxima vítima. Eu é que te vou acertar com a forquilha*’. Fez-se uma participação ao conselho de disciplina, que castigou o

aluno com um dia de suspensão”, conta a professora, para quem essa punição não serviu nem para assustar o aluno.”Muito pelo contrário, ele anda todo- poderoso, faz aquilo que quer na sala, só para a perturbar.Tem feito de tudo para não lhe dar atenção, de modo a evitar conflitos.

Outra professora relata que um aluno já o ameaçou de morte só porque pediu-lhe para abandonar a sala de aulas. *“Ele estava a atirar papeis para o ar, enquanto eu escrevia no quadro”*. Perguntou-o onde pensava que ele estava e começou a chamar-lhe uma série de nomes obscenos. Aí, pediu-lhe para abandonar a sala de aula. Ao passar pela sua secretária, roçou todos os materiais e atirou-os para o chão. Antes de sair, virou-se para ela e disse que *“um dia desses te mato”*, conta a docente, que apresentou o caso à direcção da escola e à própria esquadra da polícia nacional. Segundo as suas palavras, o director fez de tudo para impedi-la de ir a PN mas, uma vez que se sentiu ameaçada, não pensou duas vezes e fez questão que o processo fosse remetido no tribunal.

A par desta ocorrência, a PN recebeu uma participação de outra professora, igualmente ameaçada, desta feita por uma aluna. A semelhança do caso anterior, tudo começou dentro da sala de aulas. A aluna não gostou da forma como foi expulsa e, num acto de fúria, ameaçou acertar contas com a sua docente na rua, em qualquer sítio. O Pior é que, enquanto proferia as suas ameaças, os colegas a apoiavam, gritando “yes”, acrescenta esta fonte, que também acusa a direcção dessa escola de não só andar a proteger demasiadamente os alunos como também de tentar culpar sempre os professores.” O director, fica apenas a exigir mais tolerância e não vê que essa postura está a tirar-nos autoridade sobre os alunos, realça a fonte.

Entre os factos relatados pela classe docente, constam ainda acontecimentos que as fontes analisadas consideram de maior gravidade. Um deles calhou a um professor que foi agredido na rua por um aluno, que já o tinha ameaçado na escola. O agressor esperou o momento certo e acertou o docente com uma pancada na testa, provocando-lhe um corte. O assunto foi analisado com urgência pelo conselho de disciplina, que suspendeu o estudante e enviou o dossier à direcção-geral do ensino. Outro caso envolveu uma professora de nacionalidade portuguesa, que foi atingida nas costas por uma forquilhada, enquanto leccionava. A vítima ficou ligeiramente ferida, apresentou o assunto à direcção daquela escola, mas, passado algum tempo, acabou por regressar a Portugal. Para os colegas ela tomou essa decisão porque se sentiu desprotegida pela escola; para a direcção, ela regressou à sua terra por “ motivos pessoais”, que nada tem a ver com o caso.

O comportamento agressivo dos alunos, na perspectiva dos seus professores, tem por base o sentimento de impunidade, mas até então eu pergunto será que é só isto? Segundo dizem, a situação já chegou a tal ponto que há alunos a assistirem às aulas cheirando a álcool ou com sinais visíveis de estarem “pedrados”. Por aquilo que foi dito, costumam frequentar lojas situada nos arredores das escolas, onde compram bebidas, fazem misturas que os deixam “high”, como dizem, revela a fonte, acrescentando que houve alunos que já foram retirado duma ou outra escola, de ambulância, tal era o estado de embriaguez. Paralelamente, as mesmas fontes apontam estudantes armados nas escolas, com x-act e pequenos punhais, que utilizam para amedrontar os colegas nos arredores. Aliás em conversa com alguns alunos, estes me revelaram que já foram vítimas desse tipo de situação. Isso sem contar o facto de grupos de gangs aguardarem os mais “cretinhos” à noite, à saída dos liceus, escondidos da PN em esquinas, prontos a criar algazarra.

Segundo um director de uma das secundárias, é estranho a preocupação dos professores em estar a contactar a imprensa e outras entidades. Até porque, deixou claro, que a direcção só teve conhecimento oficial de caso dum aluno que agrediu o professor na rua. Um incidente que, segundo esse, mereceu devido tratamento. O agressor foi ouvido, suspenso e o processo remetido à cidade da praia. Já houve situações de ameaças, os alunos foram ouvidos e ficou claro que não gostaram da forma como foram tratados pelos professores, e reagiram mal. Quando assim acontece, é de salientar aos professores de que tem responsabilidades para com a formação dos alunos e que existe o director de turma, o conselho de disciplina e a direcção para exporem os problemas”, acentuando que há que defender o diálogo para a resolução dos conflitos. Para esse responsável de uma das maiores escolas secundárias, alguns dos alunos considerados problemáticos enfrentam problemas graves na sua vida quotidiana. Essa carga negativa, que os envolve, acaba por transportá-la para a escola.

“Vejam alguns exemplos:

Alunos que já viram os pais a suicidarem-se à sua frente. Alunos que não tem onde dormir, vivem de favores. Será que vamos castigar ainda mais os jovens que vivem nessas condições?”, questionou um director, que pede sempre aos docentes mais tolerância no relacionamento com as turmas ditas problemáticas. É que, na sua perspectiva, o papel do professor não é só passar a matéria, dar as costas e ir para casa. Mais, os alunos “difíceis” são aqueles que mais precisam de apoio, inclusive os professores.

Os casos de ameaças e de agressões não acontecem em todas as escolas, embora haja aqueles que sejam de menor intensidade, de acordo com os depoimentos recolhidos.

Exemplo de outros casos: “um aluno atingiu um professor com um pontapé nas costas, devido a uma divergência registada dentro da sala de aula. O caso, segundo o director, foi remetido ao conselho de disciplina. Segundo o sub-director pedagógico dessa escola, o estudante, que até tem um comportamento normal, confessou ter agido de “cabeça quente”.

Noutras escolas, professores já encontraram vidros dos seus carros partidos, mas não sabe dizer ao certo se isso foi ou não obra de alunos. De resto, as direcções das escolas não tem tido conhecimento de situações mais complicadas, tirando as rixas entre os alunos nos intervalos, estas asseguram que nada de grave tem acontecido internamente. No ano em que decorreu essa investigação, segundo informações recolhidas, muitos alunos confrontaram-se violentamente e como castigo tiveram que limpar as respectivas salas, outros com suspensões etc. “No tocante ao relacionamento professor-aluno, há quem defende que o professor deve saber manter o pulso, pois alunos gostam de testar a capacidade de tolerância e o próprio nível de conhecimento técnico dos professores. Por isso, é preciso discernimento nessas horas”, aconselha um director de escola, que se mostra no entanto apreensivo com o movimento de grupos à saída das aulas.²⁴

²⁴ Disponível em: Jornal A SEMANA, sexta-feira 16 de Abril de 2010

4 - Concepção da problemática

Conceber uma problemática consiste, pois, em optar por uma orientação ou abordagem, através da qual se procura responder a pergunta de partida, esta que exprime exactamente aquilo que o investigador procura saber. A nossa pergunta de partida colocada era o seguinte:

Até que ponto podemos considerar as escolas secundária público Sãovicentino um locus de produção e reprodução de violências?

O fenómeno da violência é verdadeiramente complexo e pluridimensional e, é tão antiga como a humanidade, mas as formas como se apresenta não foram sempre as mesmas, por isso, ela não é um fenómeno novo.

Entretanto, nos últimos anos tem-se falado muito de violência, até porque esta passou a fazer parte do nosso quotidiano. Hoje, a violência está estampada nas grandes cidades e não só, este problema tomou tamanhas proporções que está sendo visto como de âmbito mundial e também como uma questão de utilidade pública, pois sua manifestação se propaga em proporções semelhantes às das doenças infecciosas, uma vez que afecta as grandes cidades. Portanto, este fenómeno não é uma realidade apenas da sociedade cabo-verdiana e em particular da cidade de Mindelo. Outros países apresentam uma elevada taxa de violação dos direitos humanos.

Assim escolhemos fundamentar a nossa pesquisa na perspectiva construtivista mas concretamente o construtivismo estruturalista de Pierre Bourdieu (1930 – 2002), que realizou estudos sobre os mecanismos escolares da reprodução social, preocupando sempre em mostrar que a elaboração teórica nunca deve ser totalmente separada do trabalho empírico.

Na perspectiva construtivista, as realidades sociais são apreendidas como construções históricas e quotidianas dos actores individuais e colectivos, mas eles não a fazem arbitrariamente em condições por elas escolhidas, mas sim condições directamente obtidas e herdadas do passado, estas que são reproduzidas, apropriada, distituída e transformadas enquanto outras são inventadas ou produzida nas práticas e nas interações da vida quotidiana dos actores e a violência não foge a regra.

Assim podemos dizer que o percurso histórico da formação do povo Cabo-verdiano teve como base a escravatura, que gerou comportamentos de servidão, de mando e de submissão, em que o indivíduo era desrespeitado na sua condição fundamental de pessoa humana e tratado como “objecto” de manipulação dos seus “proprietários”. É nesta perspectiva que Corcuff (1995) citado

por Carvalho (2007) considera esta forma de dominação como sendo uma violência simbólica, que significa por um lado que ocorre num processo de reconhecimento em que o dominado reconhece a cultura do dominador como sendo legítima e por outro lado no processo de desconhecimento onde os dominados adiram à ordem do dominante desconhecendo os seus mecanismos e seu carácter arbitrário.

Entender a questão da violência, significa pois, afirmar que enquanto processo social ela é permanente, ela é um processo que se constitui a partir das contradições sociais.

Neste aspecto, explica-se o fenómeno da violência pelo movimento da sociedade no seu desenvolvimento histórico e nas suas contradições sociais, assim pode-se afirmar que a realidade social constitui-se como a origem da violência e seus desdobramentos.

A violência contra o ser humano faz parte de um trama antigo e complexo: antiga, porque data de séculos as várias formas de violência perpetradas pelo homem e no próprio homem; complexa por tratar-se de um fenómeno intrinsecado, multifacetado.

Privilegia-se a questão histórica no sentido de que a violência é essencialmente um processo no qual a humanidade construiu formas e mecanismos de enfrentá-la, ou na pior das hipóteses de conviver com ela. Não se pode negar que essa tem como uma característica histórica a permanência em várias formas de sociedade. Há que se considerar também que ela surge com o advento da capacidade dos indivíduos conviverem em comunidade, da vida social e gregária.

Ao contrário do que pensam os autores que defendem a ideia do **individualismo metodológico**, é de todo modo certo que o indivíduo tal como o conhecemos é fruto de um longo processo histórico e da modernidade, por meio dos processos de desencaixe que o mercado e o estado moderno provocaram, desenraizando as pessoas e fazendo-as independentes de seus contextos particulares, com que os indivíduos assumem a feição de seres abstractos e intercambiáveis. Além disso, os indivíduos somente se individualizam de modo específico mediante sua *sociação* – isto é, a aprendizagem de padrões cognitivos, expressivos, morais e afectivos – dentro de uma determinada cultura.

Podemos dizer que é nas contradições sociais dentro da comunidade que a violência ganha forma e destaque no espaço social, têm-se a forma da violência urbana como principal aspecto a ser analisado. Este fenómeno se caracteriza quando os actores sociais nela envolvida assim a qualificam, ratificando assim um consenso social a respeito. Deve, portanto, ser compreendida como fruto de um determinado tempo.

O caráter científico-filosófico da violência requer reflectir a própria sociedade capitalista, trata-se de compreender a sua dimensão sociológica. “A compreensão das relações entre a escola e as práticas da violência passa pela reconstrução da complexidade das relações sociais que estão presentes no espaço social da escola” (SANTOS, 2001, p.107).

Afirma o autor que, mesmo no interior da escola e nas práticas professores e alunos, a questão da violência apresenta-se a partir de uma complexidade que lhe é inerente.

Assim, a violência não é somente gerada e/ou reproduzida fortuitamente no interior da escola, ela decorre das práticas sociais que são constituídas na sociedade como um todo. Trata-se então de um caráter sociológico para o entendimento desse processo, ou seja, a escola é apenas uma pequena parte de um amplo e complexo contexto social.

É nas relações sociais que se pode considerar a origem da violência, é a partir destas relações reproduzidas no interior da escola que esse processo se constitui como determinante.

Tomando ainda a escola como espaço social e de contradições, a violência se caracteriza como uma forma de recusa do próprio espaço escolar, isso evidencia também uma certa resistência em compreender a escola como um espaço para a superação dessas contradições. É mais do que necessário conhecer e debater as relações sociais na sociedade numa perspectiva do conhecimento escolar e da prática docente. Há que se constituir uma relação pedagógica (relação ensino/aprendizagem) entre o processo da violência escolar e o processo do conhecimento. Não se deve abrir mão ou se afastar desta relação. A abordagem sociológica do processo da violência na escola torna-se então necessária. A materialização desta relação concretiza-se a partir do acto da pesquisa. A pesquisa é a prática metodológica para se construir o conhecimento específico sobre o processo da violência na escola.

Deve-se estabelecer uma relação com um saber que é elaborado e construído epistemologicamente, pois requer um método e uma ciência para a sistematização do conhecimento.

CAPITULO III

1. Modelo de Análise

1.1 – Definição de conceitos

Para conceber o Modelo de Análise adoptamos os conceitos de **Relações Sociais e Violência Escolar** para a operacionalização. Vejamos então o que significa Relações Sociais:

Em Ciências Sociais, **relação social** refere-se ao relacionamento entre indivíduos ou estes no interior de um grupo social. As relações sociais formam a base da estrutura social. Nesse sentido, as relações sociais são o objecto básico da análise das Ciências Sociais. Investigações fundamentais sobre a natureza das relações sociais são encontradas nos trabalhos da sociologia clássica, tais como a teoria da acção social de Max Weber.

Segundo Weber, a relação social diz respeito à conduta de múltiplos agentes que se orientam reciprocamente em conformidade com um conteúdo específico do próprio sentido das suas acções. Na acção social, a conduta do agente está orientada significativamente pela conduta do outro ou outros, ao passo que na relação social a conduta de cada qual entre múltiplos agentes envolvidos (que tanto podem ser apenas dois e em presença directa quanto um grande número e sem contacto directo entre si no momento da acção) orienta-se por um conteúdo de sentido reciprocamente partilhado²⁵. Assim, em Weber, relação social seria uma conduta de vários indivíduos, reciprocamente orientada e dotada de sentido partilhado pelos diversos agentes de determinada sociedade.

No que tange a teoria de **violência (escolar)**, de um modo geral, ela é conceituada como um acto de brutalidade, física e/ ou psíquica contra alguém e caracteriza relações interpessoais descritas como de opressão, intimidação, medo etc.

Ela pode-se manifestar por signos ou por símbolos, preconceitos, metáforas, desenhos, isto é, por qualquer coisa que possa ser interpretada como aviso de ameaça, o que ficou conhecido como violência simbólica. Os actos agressivos implicam em condutas ou

²⁵ Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$relações-sociais](http://www.infopedia.pt/$relações-sociais)>.

comportamentos de dano, de ataques á integridade física, social, simbólica, psicológica ou patrimonial do outro.

A percepção desta, muda de acordo com o olhar pelo qual esse meio é abordado. No passado, as análises recaíam sobre a violência do sistema escolar, especialmente por parte dos professores contra os alunos (punições e castigos corporais). Na literatura contemporânea, sociólogos, antropólogos, psicólogos e outros especialistas privilegiam a análise da violência praticada entre alunos ou de alunos contra a propriedade e em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos.

No espaço escolar a violência aparece no desrespeito ao outro e é marcado pela violência verbal que aparece na forma de segregação, exclusão e indiferença ao outro (desigualdades).²⁶

Em uma visão social Bordieu propõe pensar a violência como “forma de sociabilidade”, desta maneira o poder se faz presente nas relações de violência, legitimados pelas normas sociais. Tanto Bordieu como Foucault concordam ser a violência um excesso de poder, uma forma de disciplina que se torna presente justificando-se racionalmente, podendo levar a exclusão dos que formam a força contrária.

²⁶ Fonte: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/violência/violência.html>

Tabela nº2 - Operacionalização dos Conceitos

Conceitos	Componentes	Dimensões	Indicadores
Relações Sociais	<i>Relacionamento entre indivíduos ou destes no interior de um grupo social, que caracteriza o quotidiano da escola.</i>	<i>Acção</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Grau de Confiança - Laços de Convivência - Hierarquização de relações - Conduta dos indivíduos
Violência (Escolar)	<i>Acções anti sociais e educativas, que caracterizam certas relações quer na escola ou na sociedade</i>	<i>Física</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Agressões (brigas entre pares), no pátio e fora da escola - Depredação
		<i>Psíquica (Verbal)</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Ameaças - Intimidação - Injúrias
		<i>Simbólica e institucional</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Indiferença ao outro - Exclusão - Desrespeito - Imposição/autoridade

Para analisarmos o fenómeno da violência inerente a escola, optamos por trabalhar os seguintes conceitos: Relações sociais e violência escolar visto que estes dois conceitos estão interligados entre si e existe uma dependência entre eles.

O conceito de **(Relações sociais)** é dividida em uma única dimensão:

1ª A dimensão: *Ação*, Que é medida pelos seguintes indicadores:

- Grau de confiança
- Laços de convivência
- Hierarquização de relações
- Condutas dos indivíduos

De seguida passaremos então ao conceito de Violência (escolar), que é dividida em três dimensões:

1ª A dimensão: (*Física*) que recai sobre as agressões corporais (brigas entre pares) e a depredação (patrimonial). Que identificam os seguintes indicadores:

- Agressões (Brigas entre pares)
- Depredação

2ª A dimensão: (*Psíco-verbal*) em que podemos identificá-los com os seguintes indicadores:

- Ameaças
- Intimidação
- Injúrias

3ª A dimensão: (*Simbólica e Institucional*), em que podemos identificar os seguintes indicadores:

- Indiferença ao outro
- Exclusão
- Desrespeito
- Imposição/autoridade

➤ Relação entre os conceitos

Para explicar a operacionalização destes conceitos, podemos então apresentar o seguinte esquema:

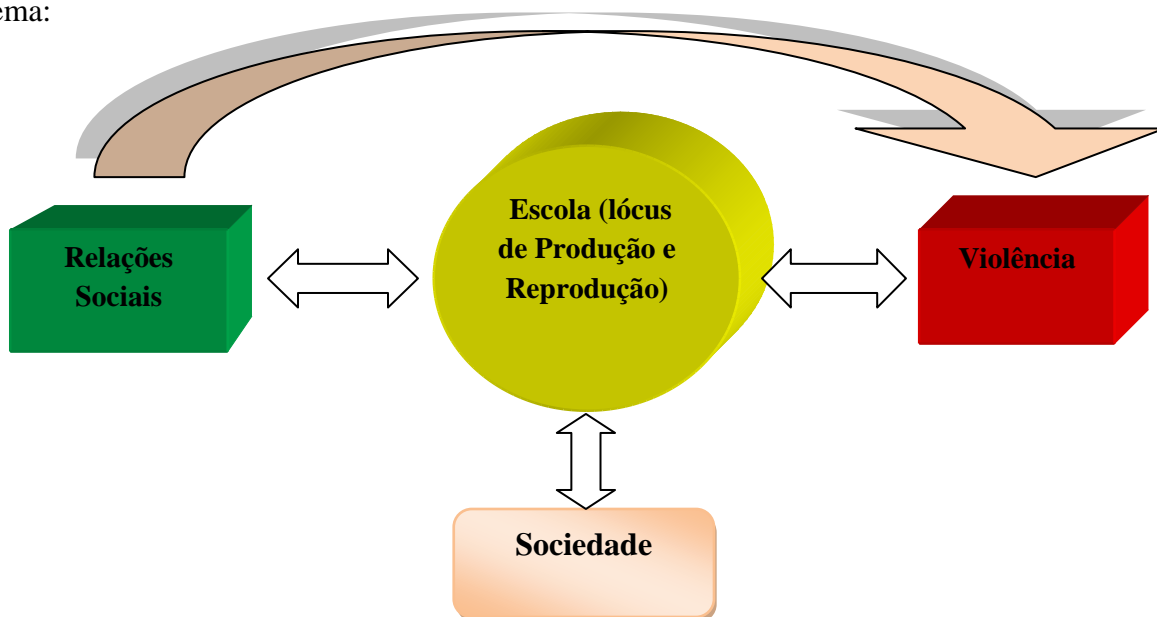


Fig. 1

Para analisar este esquema, a que ter em conta que o processo de operacionalização dos conceitos abarcados neste contexto é de certa forma o ponto chave, para a avaliação destas. Por isso podemos dizer que para analisar o tema a escola como lócus de produção e reprodução de violências, sobre um olhar pelas escolas secundárias públicas na sociedade Sãovicentino, a que fazer pequenas averiguações no âmbito dos seguintes conceitos: **Relações sociais e Violência (escolar)**, quando na verdade, podemos também encontrar indicadores que de certa forma têm um papel importante para o desenrolar deste processo.

CAPITULO IV

1. Análise e discussão dos resultados

1.1 - Análises das entrevistas com os professores

Para tornar esse estudo de mais confiança, decidimos conversar com cerca de (16) professores, visto que o tempo e os recursos não permitiam abordar um maior nº de professores para satisfazer as nossas objecções e sendo assim fizemos uma análise conjunta das suas opiniões e em síntese apresentamos o seguinte:

Segundo no falar dos professores, as escolas secundárias sãovicentinas, estão vivendo momentos difíceis, pelo facto das relações de convivência serem pouco satisfatórias e muitas vezes conflituosas isto porque, os alunos têm tornado essas relações difíceis “*A relação entre os alunos e os professores são principalmente de escárnio e maldizer*” isto refere alguns professores enquanto outros respondiam que “*é de pouca tolerância e desrespeito mútuo*”. Ao longo das entrevistas podemos ver que na opiniao de alguns professores a escola tem contribuido pouco ou nada para evitarem a violência e que os alunos trazem os seus problemas dos meios e sempre acabam por apontar como culpados os professores. Estes nos disseram, que têm havido agressões nas escolas entre alunos e que estas sempre são acompanhadas de punições “*mas será que estas punições valem a pena?*”. Mas para estes professores tudo tem acontecido também, devido aos problemas sociais que afectam a nossa sociedade entre elas destacada a “pobreza” do meio onde estes jovens estão inseridos ou seja a sua zona. Portanto achamos pertinente elucidar essa análise, com uma entrevista, que contribui muito nesse estudo:

Entrevista (seleccionada) com um professor:

1. Como é que o Sr. vê as relações sociais nas escolas secundárias sãovicentina? R: Não existe relação social de convivência, pois as novas tecnologias e as aparências inibem cada vez mais essa relação, uma relação mesmo fraca de pouca tolerância, os alunos aderem muito pouco as actividades de convivência nas escolas. “*Lá se foram os velhos tempos*”...

2. O que o Sr. pensa sobre a escola como locus de produção e reprodução de violências? R:

A escola é o local para demonstrar essa violência, porque é o espaço aberto com mais população, ou seja podemos ver que a violência já é existente na nossa sociedade e muitas vezes repercute na escola isto porque existe actos que acompanha a pessoa humana de qualquer meio envolvente, mas também mesmo nas escolas têm-se produzido actos que vão repercutir na nossa sociedade.

3. O que o Sr. pensa sobre os actos de violências que tem ocorrido nos estabelecimentos de ensino secundário sãovicentino? R:

Penso que é uma situação mesmo preocupante e se não for feito alguma coisa a tendência é para piorar. Hoje os alunos não escolhem nada e nem ninguém para demonstrar agressão, até o professor é a vítima do aluno.

4. Tem conhecimento de algum (s) caso (s) de violências na sua escola? R:

Sim, casos de indisciplinas e mesmo de actos de violências entre as quais, brigas entre alunos mesmo dentro da escola depois envolvendo outros grupos que não pertencem a escola o que é muito perigoso.

4.1. Se Sim que casos e onde ocorreram: R:

na sala de aula, no pátio e por fim acabam por ir parar fora dos muros da escola em acertos de contas visto que envolvem mais pessoas ou grupos.

4.2. Quais foram as medidas tomadas para a sua resolução? R:

Normalmente há punições ou são enviados para apoio psicológico, mas estas medidas só ficam a cargo do conselho de disciplina que não faz um bom trabalho pedagógico a não ser castigar os alunos com dias de suspensão.

5. As vítimas de agressão foram maioritariamente do sexo masculino () ou feminino () ? E os agressores? Masculino () ou Feminino (). R:

Ambos os sexos, mas a maior parte é perpetrada pelas raparigas.

6. A escola tem usado alguma (s) medida (s) e/ou desenvolvido projectos com o objectivo de reduzir os actos de violências. Quais? R:

A escola tem desenvolvido projectos principalmente no segundo ciclo (9ºano) os alunos produzem cartazes publicitários apelando para o respeito e disciplina, mas no meu ver a escola têm feito pouco ou quase nada para erradicar este fenómeno.

7. Acha que o principal actor dos actos de violências que ocorrem nas escolas secundárias tem como único culpado os alunos? Se sim; em parte ou se não porquê? R: em parte, isto porque os professores também pelo facto de não serem muito tolerantes acabam por ir na onda do aluno e há professores que pelo facto de tratamentos diferenciados cria um sentimento de exclusão. Por ex: existe professores que afirmam gostar de uma turma em relação a outras ou gostar muito de tal aluno, e isto muitas vezes não é feita de forma discreta mas sim directa ofendendo aqueles que sintam no momento excluídos gerando assim sentimento de ódio, vingança etc.

8. Na sua opinião, quais os factores que tem gerado essas situações? R: São factores sociais e familiares. A crise familiar, um ambiente nada propício em casa desencadeia esses problemas. Mas existe outros meios onde os jovens são influenciados, como por exemplo a televisão e em especial filmes, novelas etc.

9. Achas que os pais têm colaborado para que esses acontecimentos sejam minimizados? R: Não, os pais tem optado pela ausência, desinteressando-se da educação dos filhos, remetendo toda a responsabilidade para a escola ou para o próprio aluno, o que não deveria acontecer.

10. A escola tem uma proposta pedagógica para a resolução/redução dos actos de violências? R: Não, em São Vicente pouco ou nada se tem ouvido falar em proposta de enfrentamento de violências, a não ser o programa escola segura, mas já é hora de todos os membros da comunidade educativa e todas as instituições são-vice-ntina sentarem e reflectirem sobre esse assunto visto que a nossa sociedade está tornando cada dia mais violenta, senão vejamos alguns casos de violência que já foram relatados pelos media e entre estes alguns que já aconteceram pelas escolas e na sociedade cabo-verdeana que tornou em perdas irreparáveis.

10.1. Se a resposta for positiva, descreva como é essa proposta. (passa para p 11)

11. Se a resposta for negativa: qual (is) as dificuldades para a organização de uma proposta colectiva? Você acredita que uma proposta pedagógica é importante? Na sua opinião o que a escola deve fazer para organizar essa proposta?

R: Falta meios materiais, e humanos que seriam importante mas as escolas não tem recursos.

12. Na qualidade de professor que tipo de educação você acredita que poderá reduzir os actos de indisciplina e violência nas instituições de ensino secundário? R: Para vencer o desafio imposto pela sociedade actual a escola precisa prover uma educação formativa, ou correrá o risco de ser sufocada pelo fechamento que ela própria está gerando, uma educação preventiva, onde se dá atenção não só aos conteúdos científicos, mas também a transmissão de valores.

13. O que deveria ser feito para reverter esse quadro de violências na escola e implantar uma cultura de paz? Quais as pessoas que deveriam ser envolvidas? R: apostar num ensino-aprendizagem mais dinâmico, criar actividades onde estivesse inseridos todos os agentes da comunidade educativa, criar jornadas onde todos da comunidade educativa tivessem oportunidade de expôr suas opiniões e soluções para termos uma escola de paz e de boa convivência e a melhor forma de implantar uma cultura de paz é através do diálogo entre todos.

1.2 - Caracterização da Amostra

Para elaboração da investigação escolheu-se a **Amostragem por Quotas**, dada a sua importância nas Ciências Sociais, e sem dúvida de ela permitir obter uma representatividade suficiente, tentando reproduzir na amostra, as distribuições de variáveis importantes, tal como existe na população a estudar.

Os entrevistadores são livres de escolher as pessoas a inquirir. Logo a qualidade de uma amostra por quotas depende da forma como os entrevistadores procuram os indivíduos e entram em contacto com eles. E ela também tem a vantagem de ser sempre aplicável qualquer que seja a população estudada e o seu custo é menos elevado.

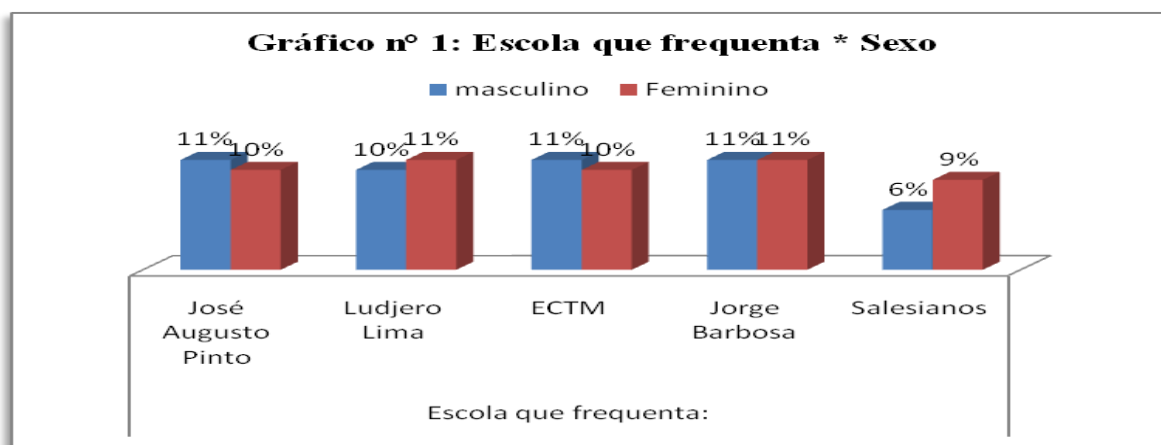
Inquiriu-se alunos das escolas secundárias públicas da cidade do Mindelo, de ambos os ciclos, com idade compreendida entre os 12 e os 21 anos. Estes dados foram cedidos pela Delegação do Ministério da educação e desporto dessa ilha. Dos dados desse ano 2011, em que realizamos esse estudo verificamos que estavam inscritos cerca de 7.239 alunos.

Logo começamos por calcular a nossa amostra, em que primeiramente fez-se o estudo do Universo, e para trabalhá-lo utilizou uma margem de erro de 9%, que *a priori* nos mostrou ser um pouco complicado trabalhar com essa percentagem, mas optamos por seguir esse caminho tendo

em conta que o tempo era limitado e abarcaria menos custos. Assim sendo, optamos por fazer um número reduzido de questionários, onde introduzimos o tamanho da população de $N=7.239$ com a margem de erro de 9%, com um nível de confiança de 97%, que nos deu o tamanho da amostra (n) no total de 142 indivíduos que iríamos inquirir, sendo que, (70) eram Masculinos e (72) do sexo Feminino. E a partir daí dividir esses inquiridos pelas 5 escolas secundárias públicas pelas diferentes classes. Assim sendo podemos consultar a tabela e o grafico seguinte:

Tabela nº 3: Escola que frequenta: * Sexo

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Escola que frequenta:	José Augusto Pinto	16 11,0%	14 10,0%	30 21,0%
	Ludjero Lima	14 10,0%	16 11,0%	30 21,0%
	ECTM	16 11,0%	14 10,0%	30 21,1%
	Jorge Barbosa	15 11,0%	15 11,0%	30 22,0%
	Salesianos	9 6,0%	13 9,0%	22 15,0%
	Total	70 49,0%	72 51,0%	142 100,0%



2. Análise dos dados:

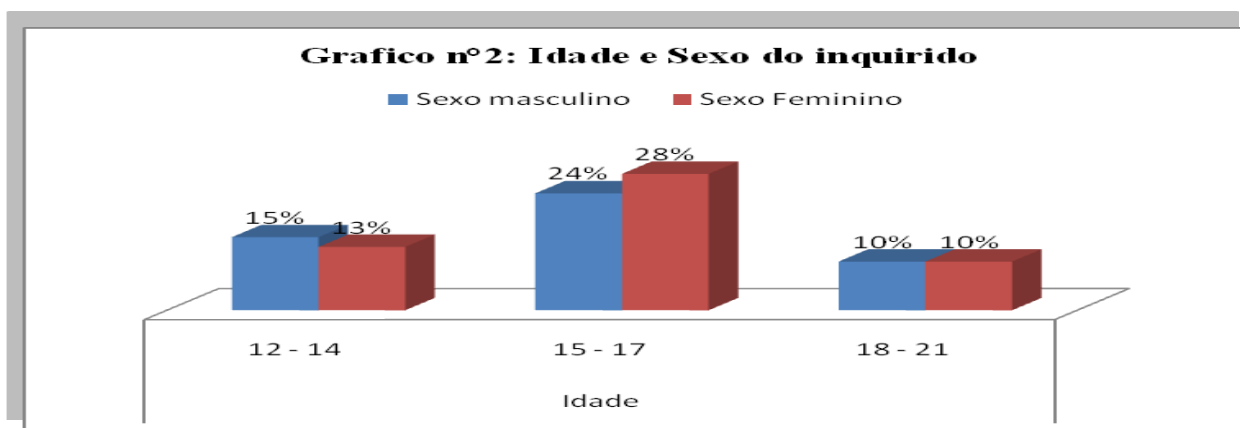
Leitura de tabelas e gráficos

Classificação dos inquiridos por sexo e idade

Tabela nº 4: Idade e Sexo do inquirido

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Idade	12 - 14	22 15,0%	18 13,0%	40 28,0%
	15 - 17	34 24,0%	40 28,0%	74 52,0%
	18 - 21	14 10,0%	14 10,0%	28 20,0%
Total		70 49,0%	72 51,0%	142 100,0%

Dos 142 alunos inquiridos, (40) tem a idade compreendida entre os 12 aos 14 anos, sendo que 22 eram do sexo masculino e 18 do sexo feminino o que equivale a 28%; (74) alunos situam-se na faixa etária dos 15 aos 17 anos, sendo que 34 eram do sexo masculino e 40 do sexo feminino, equivalendo a um peso de 52% e (28) alunos pertencente a faixa etária dos 18 aos 21 anos, sendo que 14 eram do sexo masculino e 14 do sexo feminino, que equivale a 20%. Vejamos o gráfico seguinte:



Assim sendo, através da tabela e do gráfico, podemos ver que temos um maior peso dos inquiridos do sexo feminino, isto porque não existia critérios que dissessem que deveria escolher um maior nº de inquiridos de qualquer dos sexos, logo podemos ver que foi uma selecção equilibrada, mas no que concerne a variável idade, logo consegue-se identificar a faixa etária que tem maior peso nessa investigação, que é o grupo dos 15 aos 17 anos.

Tabela nº5: Quando tem um problema pessoal, conta para quem? * Sexo

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Quando você tem um problema pessoal, você conta para quem?	Parentes/Familiares	32 23,0%	27 19,0%	59 42,0%
	Amigo	27 19,0%	30 21,0%	57 40,0%
	Ninguém	4 3,0%	9 6,0%	13 9,0%
	Professor	7 5,0%	6 4,0%	13 9,0%
Total		70 49,0%	72 51,0%	142 100,0%

Para iniciar o estudo começamos por uma questão no tocante ao grau de confiança do alunado ou seja em quem confiar os seus problemas, assim obtivemos os seguintes resultados: Dos 142 inquiridos que participaram do estudo e responderam a essa questão, 59 responderam que a pessoa certa são parentes/familiares que corresponde a 42%, destes 59 que responderam a questão 32 eram do sexo masculino e 27 do sexo feminino; 57 responderam que a pessoa certa são os amigos que corresponde a 40%, destes 57 que responderam a questão 27 eram do sexo masculino e 30 do sexo feminino; 13 responderam que não conta a ninguém os seus problemas, o que corresponde a 9%, destes 13 que responderam a questão, 4 eram do sexo masculino e 9 do sexo feminino; 13 responderam que conta ao professor os seus problemas que corresponde a 9%, destes 13 que responderam a questão 7 eram do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Portanto conferimos o gráfico nº3:

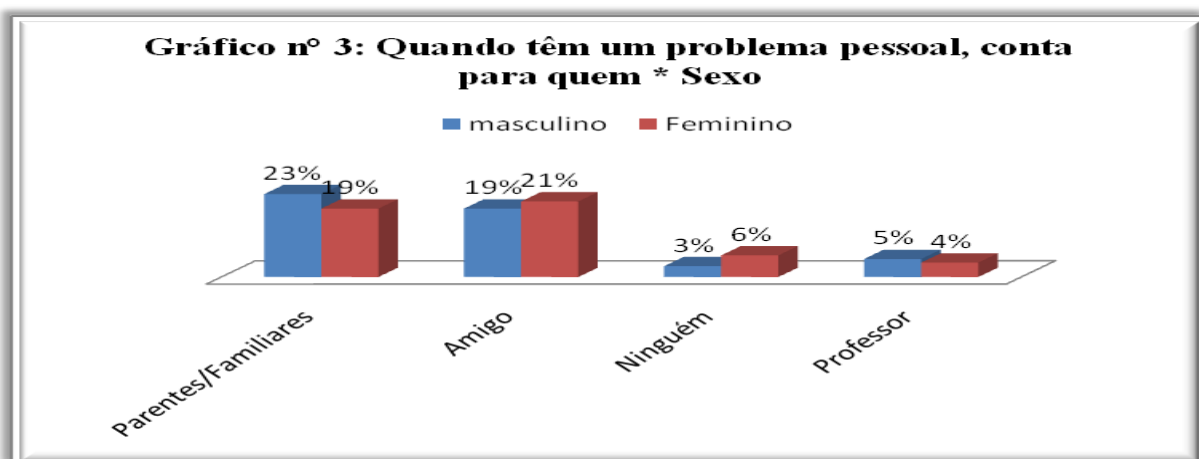


Tabela nº 6: Na sua opinião como avalia as relações sociais na sua escola?

	Frequencia	Percentagem
Boa	62	43,7%
Razoavel	78	54,9%
Péssimo	2	1,4%
Total	142	100%

Dos 142 inquiridos que responderam essa questão, 62 desses indivíduos que corresponde a 44% dessa amostra responderam a opção nº 1 que existe uma boa relação; 78 indivíduos que tem um peso de 55% da nossa amostra responderam a opção nº 2 ou seja que existe uma relação razoável, enquanto 2 indivíduos que corresponde a 1% da amostra responderam que existe uma péssima relação social na sua escola. Assim sendo conforme o gráfico abaixo nos indica, a maior fatia vai para a opção 2 que existe uma relação razoável.

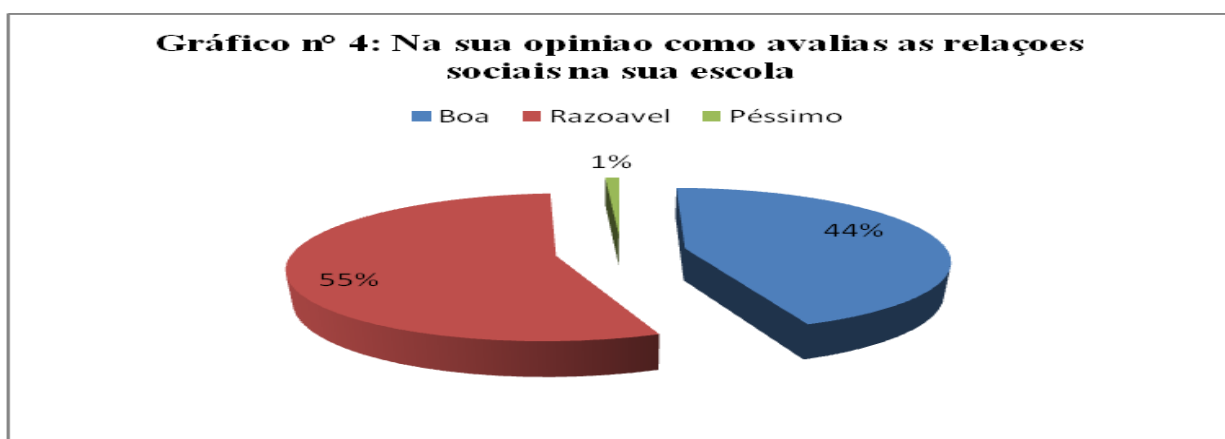
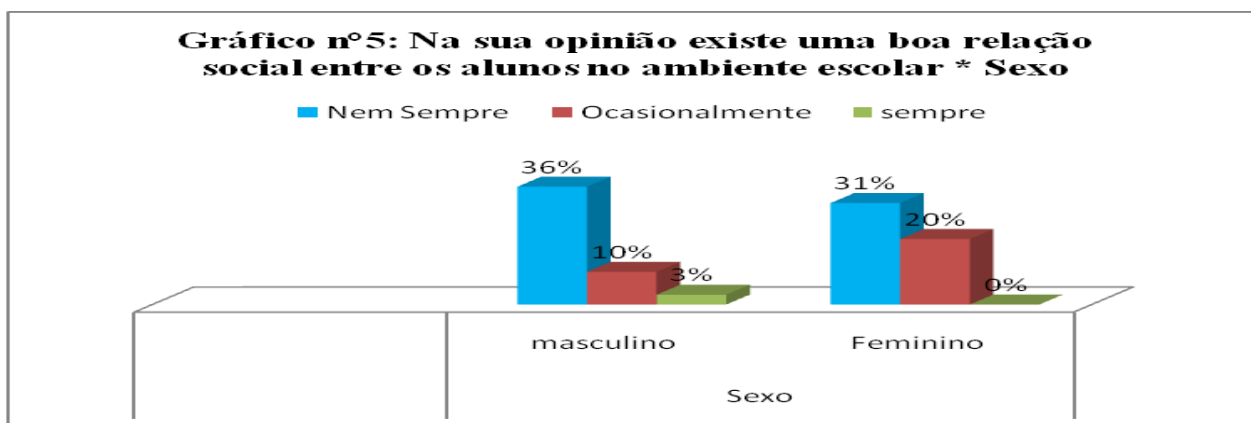


Tabela nº 7: Na sua opinião existe uma boa relação social entre os alunos no ambiente escolar * Sexo

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Na sua opinião existe uma boa relação social entre os alunos no ambiente escolar?	Nem Sempre	51 36,0%	44 31,0%	95 67,0%
	Ocasionalmente	15 10,0%	28 20,0%	43 30,3%
	sempre	4 3,0%	0 0,0%	4 3,0%
Total		70 49,0%	72 51,0%	142 100,0%

Dos 142 alunos inquiridos, 95 responderam que nem sempre “existe uma boa relação” entre os alunos, sendo que destes 95 indivíduos, 51 eram do sexo masculino e 44 eram do sexo feminino, 43 responderam que “ocasionalmente”, onde 15 eram do sexo masculino e 28 do sexo feminino, enquanto que, 4 do sexo masculino responderam a terceira opção “que sempre existe uma boa relação” entre os alunos no ambiente escolar. De seguida analisamos o gráfico percentual:



Como podemos ver no gráfico, dos indivíduos do sexo masculino que responderam essa questão, 36% disseram que “nem sempre”, 10% ocasionalmente e 3% responderam que “sempre”, totalizando assim um peso de 49% na amostra; enquanto que do sexo feminino que responderam a mesma questão, 31% disseram que “nem sempre”, 20% responderam que ocasionalmente, sendo que não houve indivíduos que optaram pela opção “sempre” totalizando 51% do peso da amostra.

Tabela nº 8: Como classifica a relação social entre alunos e professores no ambiente escolar?

	Frequencia	Percentagem
Excelente	5	3,5%
Boa	49	34,5%
Razoavel	76	53,5%
Péssimo	12	8,5%
Total	142	100%

Dos 142 alunos inquiridos, 5 responderam que existe uma “excelente” relação entre alunos e professores o que corresponde a 4%; 49 responderam que existe uma “boa” relação o que corresponde a 34%; 76 responderam que existe uma relação razoável que equivale a 53% da amostra, enquanto que 12 responderam que a relação entre professores e alunos é “péssimo” com o peso de 9%, totalizando assim os 100% da nossa amostra. De seguida conferimos o gráfico correspondente aos dados referidos na tabela:

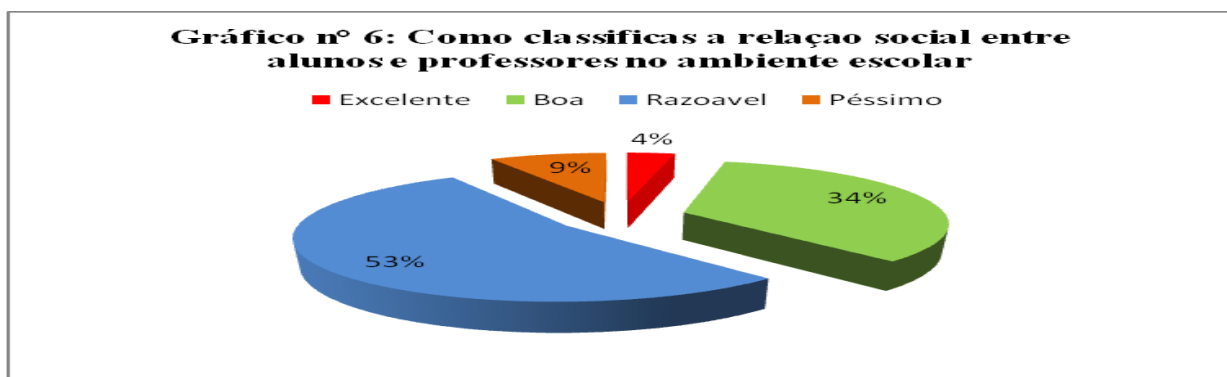


Tabela nº 9: Na sua opinião as relações sociais são hierarquizadas na sua escola? * Sexo

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Na sua opinião as relações sociais são hierarquizadas na sua escola?	Sim	42 29,6%	39 27,5%	81 57,0%
	Em parte	18 12,7%	19 13,4%	37 26,1%
	Nao	10 7,0%	14 9,9%	24 16,9%
Total		70 49,3%	72 50,7%	142 100,0%

Dos 142 Indivíduos que responderam a questão, 42 que corresponde a 29,6% eram do sexo masculino responderam que “sim” sendo que 39 do sexo feminino que corresponde a 27,5% responderam a mesma opção, totalizando 81 indivíduos com um peso de 57% da amostra que responderam a opção 1 “sim”; 18 indivíduos que corresponde a 12,7% eram do sexo masculino responderam que “em parte”, sendo que 19 do sexo feminino que corresponde a 13,4% responderam a mesma opção, totalizando 37 indivíduos com um peso de 26,1% da amostra que responderam a opção 2 “em parte”; 10 indivíduos que corresponde a 7% eram do sexo masculino responderam que “nao”, sendo que 14 do sexo feminino que corresponde a 9,9% responderam a mesma opção, totalizando 24 indivíduos com um peso de 16,9% da amostra que responderam a opção 3 “nao”, e assim totalizamos os 100% da amostra. Portanto podemos conferir o gráfico percentual seguinte:

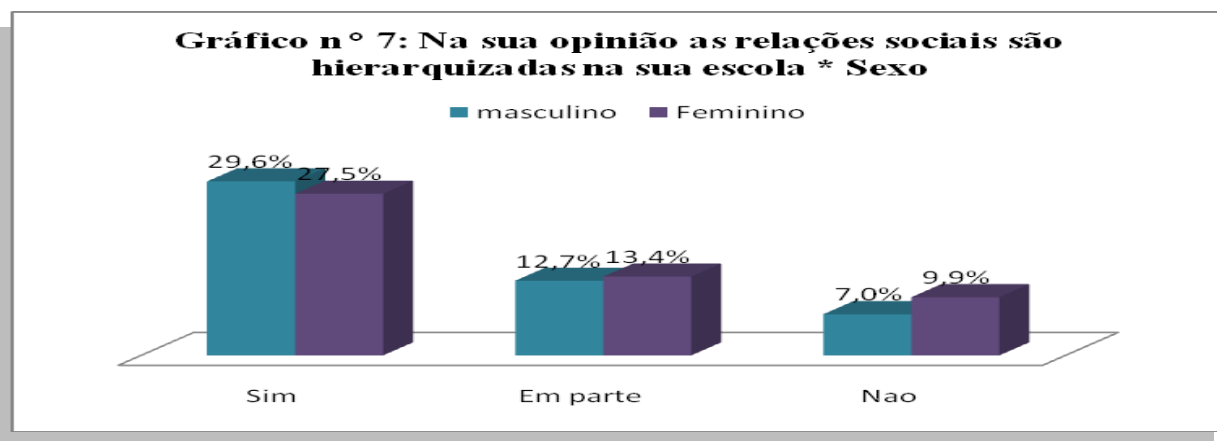


Tabela n° 10: Acha que a escola cria actividades que visa gerar uma maior aproximação/convivência entre a C.educativa.

	Frequencia	Percentagem
Nem sempre	43	30,3%
Nunca	38	26,8%
Ocasionalmente	54	38,0%
Sempre	7	4,9%
Total	142	100%

Dos 142 Indivíduos inquiridos, 43 que corresponde a 30,3% responderam que “nem sempre” a escola cria actividades para gerar uma maior aproximação/convivência entre a comunidade educativa; 38 que corresponde a 26,8% disseram que “nunca”, 54 que corresponde a 38,0% responderam que “ocasionalmente”, e 7 que corresponde a 4,9% responderam que “sempre”.

38% respondeu que “ocasionalmente”, sendo que 7 indivíduos que corresponde a 4,9% respondeu que sempre a escola cria actividades para gerar uma maior proximidade entre a comunidade educativa, logo podemos ver e afirmar através dos dados, que as escolas estão sendo pouco dinâmicos em termos de actividades que podem gerar maior proximidade e maior convivência entre os actores do seu quotidiano. Portanto conferimos o gráfico percentual seguinte, com os dados arredondados:

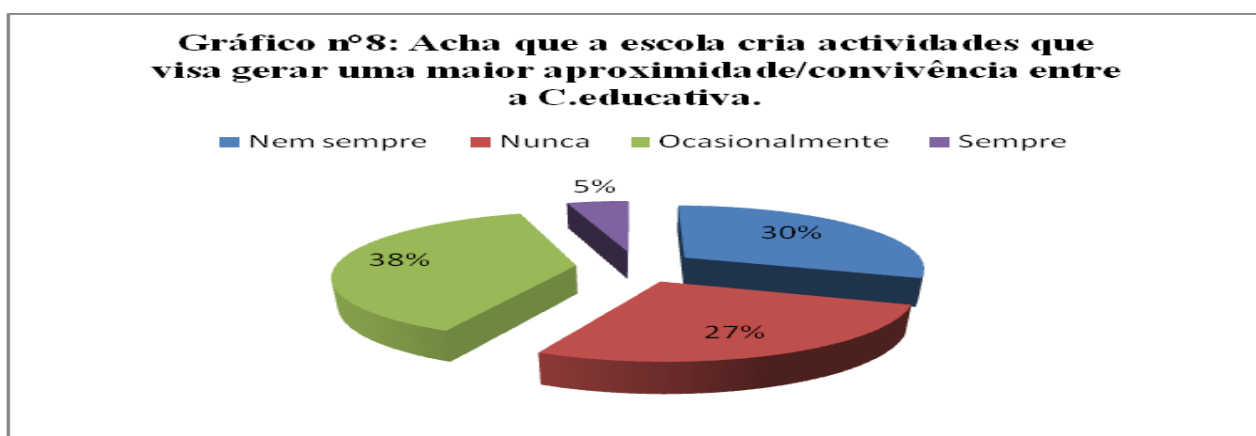


Tabela nº 11: Acha que existe uma participação activa dos pais na sua escola? * Sexo

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Acha que existe uma participação activa dos pais na sua escola?	Acha	25 17,6%	24 16,9%	49 34,5%
	Não Acha	41 28,9%	46 32,4%	87 61,3%
	Ns/Nr	4 2,8%	2 1,4%	6 4,2%
Total		70 49,3%	72 50,7%	142 100,0%

Dos 142 indivíduos que responderam a essa questão, 49 que corresponde a 34,5% responderam a opção 1 que “acha”, sendo que 17,6% eram do sexo masculino e 16,9% do sexo feminino; 87 que corresponde a 61,3% responderam a opção 2 que “nao acha” que existe uma participação activa dos pais na escola, sendo que 28,9% eram do sexo masculino e 32,4% do sexo feminino e 4,2% nao sabia ou não quis responder a essa questao. Deacordo os dados pode-se ver que os pais tem sido poucos participativos deixando inteiramente a responsabilidade a escola.

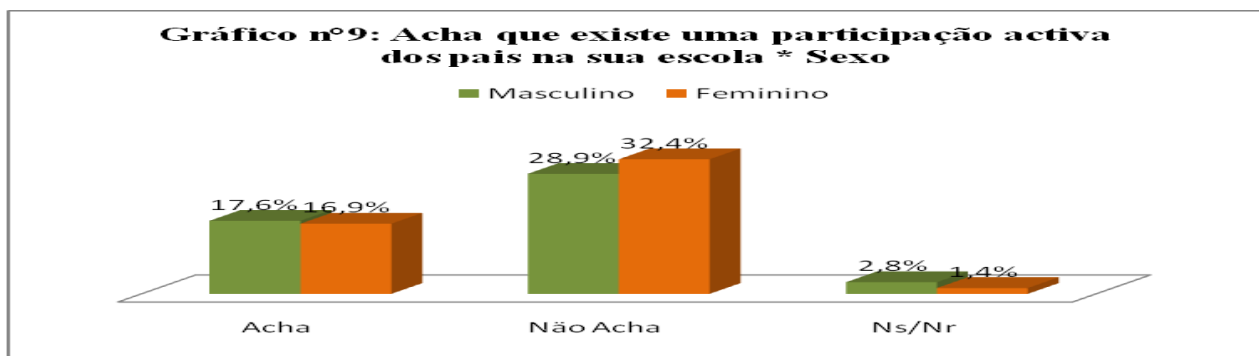


Tabela nº 12: Acha que todos os membros da C. educativa, participa das tomadas de decisões da sua escola?

	Frequência	Percentagem
Em parte	48	33,8%
Não	87	61,3%
Ns/Nr	7	4,9%
Total	142	100%

Dos 142 alunos inquiridos que responderam a essa questão, 48 que corresponde a 33,8% disseram que “em parte”; 87 que corresponde a 61,3% disseram que “Não” sendo que 7 indivíduos que corresponde a 4,9% não sabia ou não quis responder a essa questão. É de salientar ainda, que a opção “sim” ficou excluído da cotação isto porque não houve quem respondesse a esta opção. Portanto continuamos a verificação gráfica que corresponde aos dados:

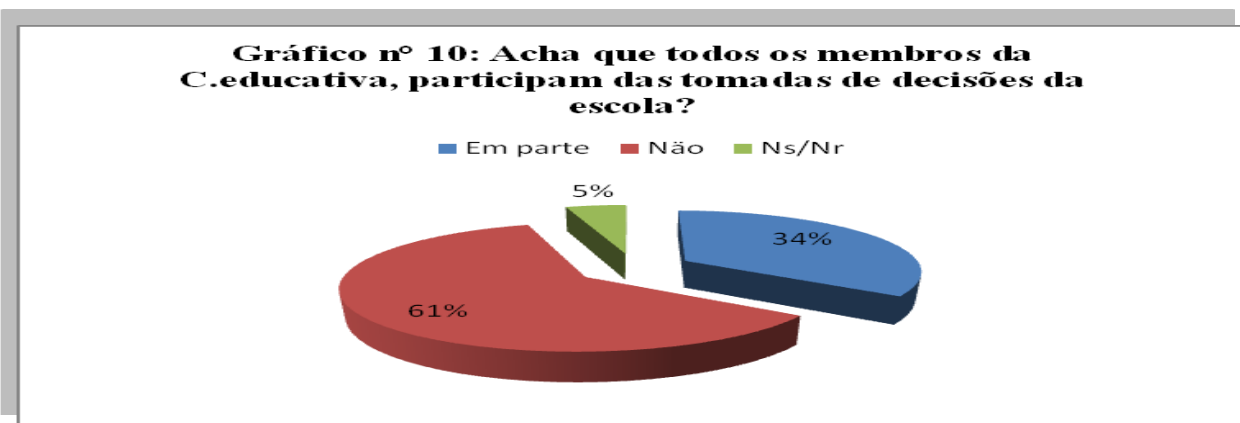


Tabela nº 13: Como avalia o grau de Indisciplina na sua escola?

	Frequência	Percentagem
Muito elevado	46	32,4%
Elevado	55	38,7%
Baixo	37	26,1%
Muito Baixo	4	2,8%
Total	142	100%

Dos 142 alunos inquiridos, 46 que corresponde a 32,4% responderam que o grau de indisciplina é muito elevado; 55 que corresponde a 38,7% responderam “elevado”; 37 que corresponde a 26,1% responderam que é “baixo” enquanto que, 4 que corresponde a 2,8% responderam que é “muito baixo”, assim sendo como podemos ver que o índice de indisciplina é mesmo alarmante no ensino secundário público e que merece uma atenção mesmo especial por parte dos governantes e não só.

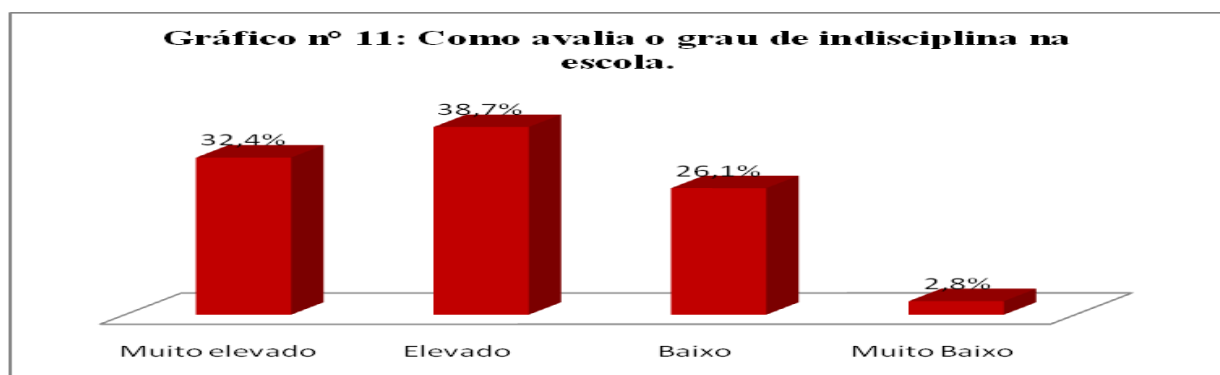


Tabela nº 14: Onde os casos de indisciplina têm maior incidência?

	Frequencia	Percentagem
Sala de aula	75	52,8%
No pátio	21	14,8%
Ambas as opções	42	29,6%
Ns/Nr	4	2,8%
Total	142	100%

Dos 142 alunos inquiridos, 75 que corresponde a 52,8% responderam que a indisciplina tem maior incidência na sala de aula; 21 que corresponde a 14,8% disseram que a indisciplina incide mais no patio; 42 que corresponde a 29,6% optaram pela opção 3 “ambas as opções” enquanto que 4 com um peso de 2,8% da amostra nao soube ou nao quis responder a essa questao. É de salientar através dos dados, que é mesmo preocupante, que a indisciplina esteja mais centrada na sala de aula, logo questionamos o porquê, visto que na sala de aula o professor

deve ter um auto controlo sobre os alunos para minimizar essas situações. Portanto conferimos o o gráfico percentual (arredondado).

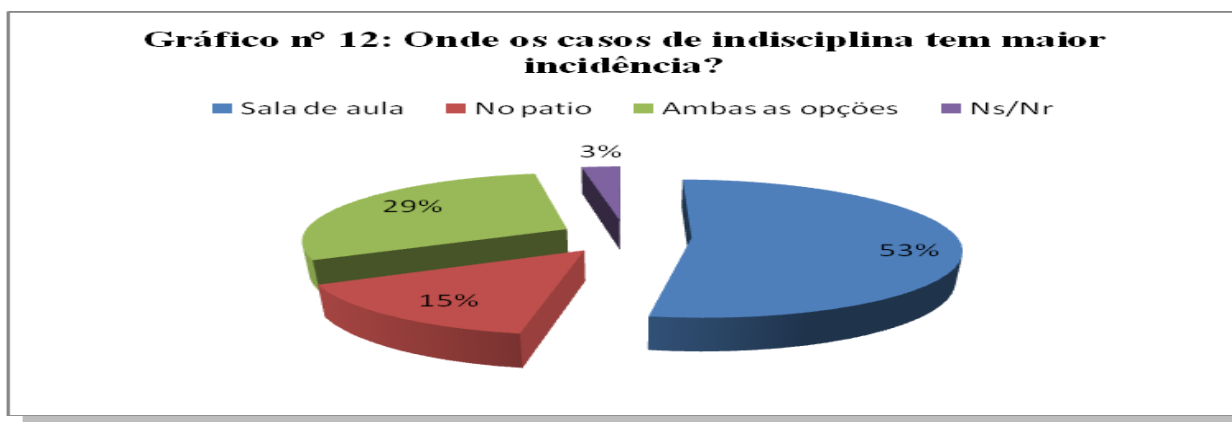


Tabela nº 15: Na sua escola são realizadas actividades que visam combater a indisciplina?

	Frequencia	Percentagem
Sempre	2	1,4%
Muitas vezes	22	15,5%
Raras vezes	85	59,9%
Nunca	23	16,2%
Ns/Nr	10	7,0%
Total	142	100%

Dos 142 alunos inquiridos que responderam essa questão, 2 que corresponde a 1,4% responderam que “sempre”; 22 que corresponde a 15,5% responderam que “muitas vezes”; 85 que corresponde a 59,9% responderam que “raras vezes”; 23 que tem um peso de 16,2% responderam que “nunca” enquanto que, 10 que corresponde a 7% não sabia ou não quis responder a questão. Assim sendo podemos afirmar através dos dados, que a escola tem feito pouco para combater a indisciplina e neste pondo é mesmo preocupante a escola não estar a zelar para erradicar esta situação. Conferimos o gráfico seguinte:

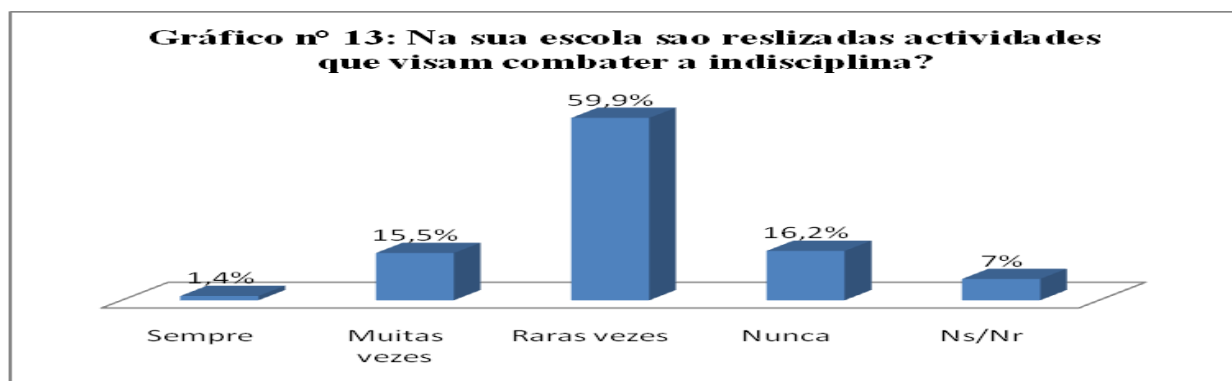


Tabela nº 16: Alguma vez presenciou alguém a ser alvo de agressão (verbal ou física) e ou/ ameaça na sua escola?

	Frequencia	Percentagem
Sim	128	90,1%
Ns/Nr	14	9,9%
Total	142	100%

Dos 142 alunos inquiridos, 128 que corresponde a 90,1% do peso da amostra, responderam que já presenciaram alguém a ser alvo de agressão na escola, enquanto 14 que corresponde a 9,9% não sabia ou não queria responder a essa questão. Sendo assim através dos dados podemos ver que a maioria esmagadora já presenciou casos de agressões na sua escola.

Gráfico nº 14: Alguma vez presenciou alguém a ser alvo de agressão e ou ameaça na escola?

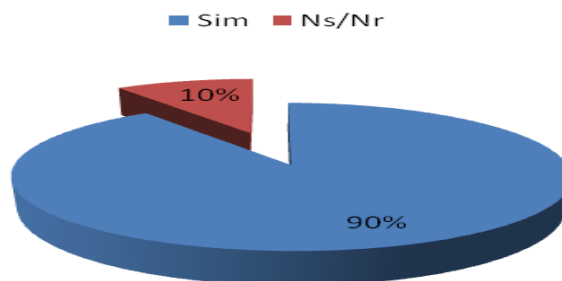


Tabela nº 17: Quem eram os intervenientes? * Sexo

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Quem eram os intervenientes?	Alunos	38	41	79
		26,8%	28,9%	55,6%
	Alunos x Professores	17	23	40
		12,0%	16,2%	28,2%
	Alunos x Outros	6	3	9
		4,2%	2,1%	6,3%
	Professores	2	1	3
		1,4%	,7%	2,1%
	Ns/Nr	7	4	11
		4,9%	2,8%	7,7%
Total		70	72	142
		49,3%	50,7%	100,0%

Dos 142 alunos inquiridos, 79 que corresponde a 55,6% da amostra, sendo 26,8% do sexo masculino e 28,9% do sexo feminino, responderam que os alunos eram os intervenientes, 40 que corresponde a 28,2%, sendo 12% do sexo masculino e 16,2% do sexo feminino responderam que eram os “alunos x professores”; 9 que corresponde a 6,3%, sendo 4,2% do sexo masculino e 2,1 do sexo feminino responderam que eram “alunos x outros”; 2,1% responderam que eram “professores” enquanto que, 11 correspondente a 7,7% da amostra Ns/Nr.

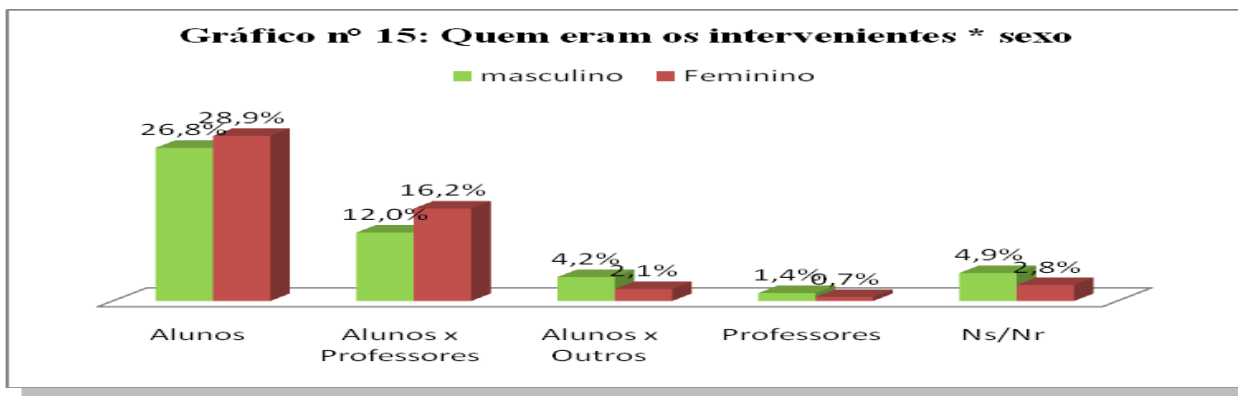


Tabela nº 18: Acha que na sua escola existe violência?

	Frequencia	Percentagem
Acha	86	60,6%
Em Parte	54	38,0%
Nao Acha	2	1,4%
Total	142	100%

Dos 142 alunos inquiridos que responderam a questão, 86 que corresponde a 60,6% responderam que acha que existe violência na sua escola; 54 que corresponde a 38% responderam que em parte, enquanto que 2 com um peso de 1,4% nao acha que existe violência na sua escola.

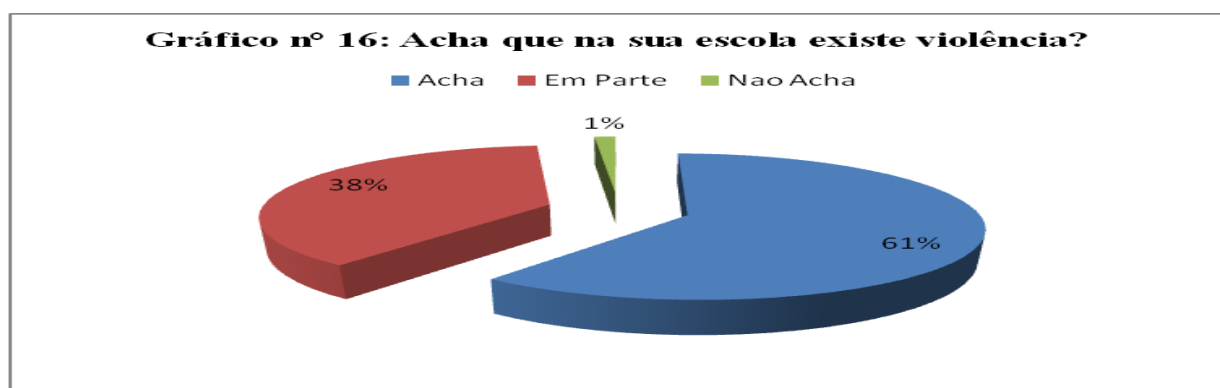


Tabela nº 19: Acha que essa violência é produzida ou reproduzida na escola?

		Frequencia	Percentagem
	Produzida	39	27,5%
	Reproduzida	65	45,8%
	Ambas opções	22	15,5%
	Ns/Nr	14	9,9%
	Total	140	98,6%
Missing	System	2	1,4%
Total		142	100%

Dos 142 alunos inquiridos que responderam a essa questão: 39 que corresponde a 27,5% optaram pela opção que a violência é “produzida” que é a própria escola que cria a sua violência; 65 que corresponde 45,8% optaram pela opção de que a violência é reproduzida, isto é a violência já existente na sociedade ou no meio repercute no espaço escolar; 22 que corresponde a um peso na amostra de 15,5% optaram por ambas as opções, enquanto que, 14 correspondente a 9,9% da amostra Ns/Nr.

Tabela nº 20: Podia indicar-nos UM acto que considera ser violência e que ocorre na sua escola?

	Frequencia	Percentagem
Agressões Verbais	33	23,2%
Injúrias	30	21,1%
Acusação difamatória	6	4,2%
Brigas	73	51,4%
Total	142	100%

Dos 142 alunos inquiridos que responderam essa questão, de indicar 1 acto que considera ser violência; 33 que corresponde a 23,2% considera ser “agressões verbais”; 30 que corresponde a 21,1% responderam “injúrias”; 6 que corresponde a 4,2% responderam a “acusação difamatória”; 73 que corresponde a 51,4% responderam “brigas”.

Gráfico nº 18: Podia indicar-nos UM acto que consideras ser violência?

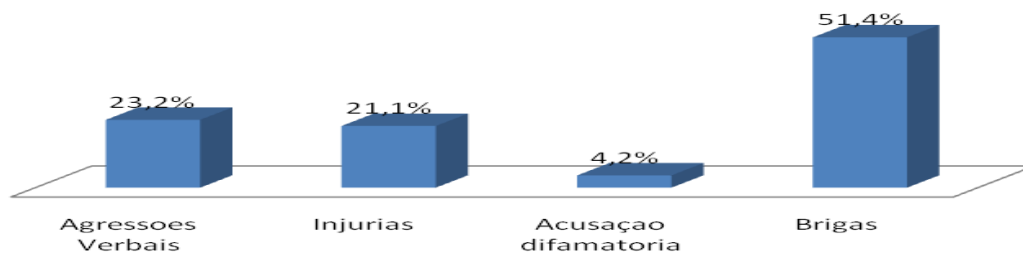


Tabela nº 21: Onde estes actos tem maior incidência?

		Frequencia	Percentagem
Valid	Sala de aula	36	25,4%
	No pátio	57	40,1%
	Lado de fora (para lá do muro)	49	34,5%
	Total	142	100%

Dos 142 alunos que responderam a questão, 36 responderam “na sala de aula”, que corresponde a 25,4%; 57 responderam que no patio, correspondente a 40,1%; 49 responderam que o lado de fora ou seja 34,5%. Como podemos ver que a violência está instalada no patio das escolas, mas é preocupante a percentualidade que deparamos na sala de aula e pelo lado de fora. Portanto conferimos o seguinte grafico:

Gráfico nº 19: Onde esses actos tem maior incidência?

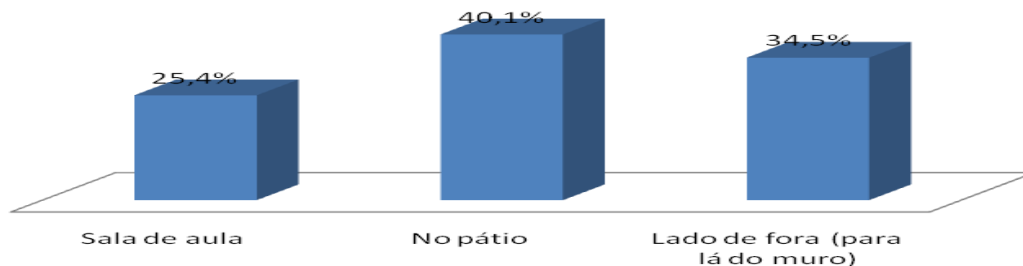


Tabela nº 22: Podia indicar-nos UM factor que considera ser gerador da violência na sua escola? * Sexo

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Podia indicar-nos UM factor que considera ser gerador da violência na sua escola?	Desigualdades sociais	24 16,9%	22 15,5%	46 32,4%
	Pobreza	8 5,6%	8 5,6%	16 11,3%
	Influência dos midia	22 15,5%	26 18,3%	48 33,8%
	Meio Ambiente	15 10,6%	15 10,6%	30 21,1%
	Outro!	1 ,7%	1 ,7%	2 1,4%
Total		70 49,3%	72 50,7%	142 100,0%

Dos 142 alunos inquiridos que responderam a essa questão, 46 indivíduos que corresponde a 32,4% escolheram a opção “Desigualdades sociais” sendo 16,9% do sexo masculino e 15,5% do sexo feminino; 16 indivíduos que corresponde em termos percentuais a 11,3% escolheu a opção “pobreza” sendo 5,6% do sexo masculino e 5,6 do sexo feminino; 48 indivíduos que corresponde a 33,8% da amostra escolheram a opção “influência dos midia” sendo 15,5% do sexo masculino e 18,3% do sexo feminino; 30 indivíduos que corresponde a 21,1% responderam que o “meio ambiente” ou seja o ambiente familiar, sendo 10,6 do sexo masculino e 10,6% do sexo feminino, enquanto 2 indivíduos optaram por exemplificar. Portanto vejamos o gráfico correspondente aos dados da tabela.

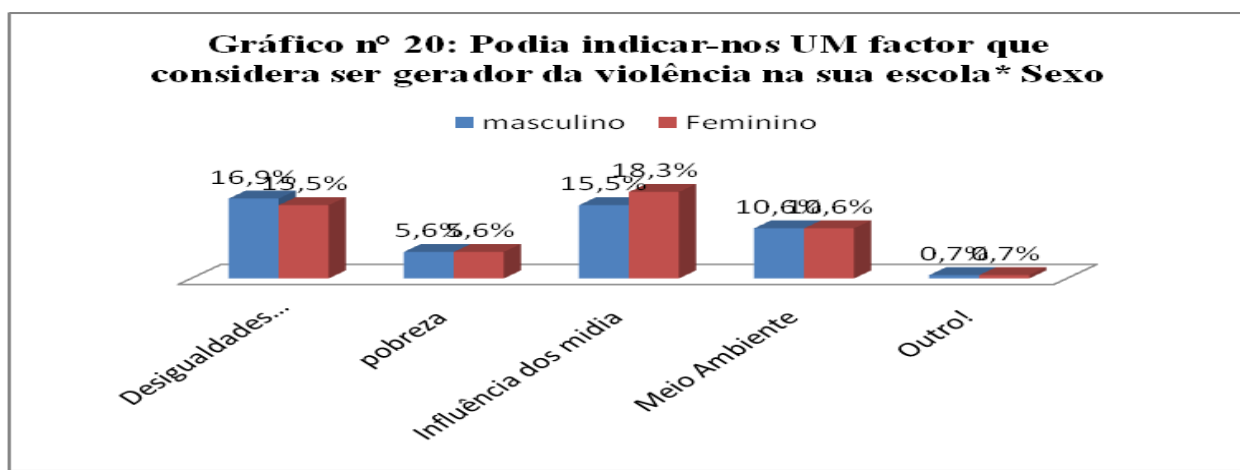


Tabela nº 23: Alguma vez presenciou alunos c/ armas na sua escola

	Frequencia	Percentagem
Sempre	90	63,4%
Muitas vezes	39	27,5%
Nunca	9	6,3%
Ns/Nr	4	2,8%
Total	142	100%

Dos 142 alunos inquiridos, 90 destes que corresponde a 63,4% responderam que sempre presenciou armas na sua escola; 39 que corresponde a 27,5% responderam que muitas vezes presenciou armas na sua escola; 9 que corresponde a 6,3% responderam que nunca, enquanto 4 que corresponde a 2,8% Ns/Nr, logo é de salientar que existe uma falta de segurança nas escolas. Portanto através do gráfico seguinte, analisemos os dados referente a tabela acima:

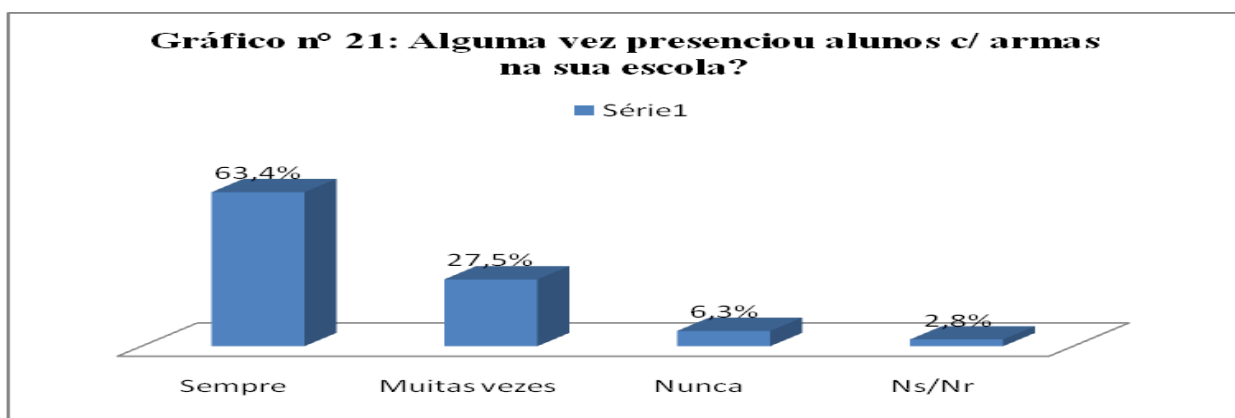


Tabela nº 24: Na sua opinião quem responsabiliza por todas essas ocorrências

	Frequencia	Percentagem
Direcção das escolas (Concelho Disciplinar)	31	21,8%
Pais/Encarregados de educação	30	21,1%
Os Alunos	26	18,3%
Ministério da Educação	25	17,6%
Professores	22	15,5%
Ns/Nr	8	5,6%
Total	142	100%

No que concerne a quem responsabilizasse as ocorrências do quotidiano da escola (indisciplina, violência, porte de armas) os 142 alunos inquiridos que responderam a essa

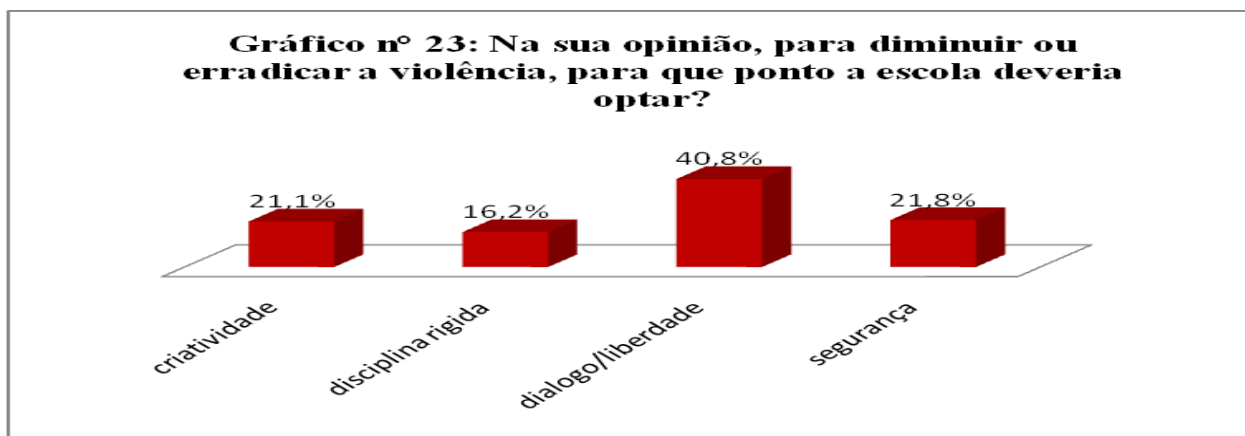
questão, 31 que corresponde a 21,8% responderam que é a “Direcção das escolas (Concelho disciplinar) ”; 30 que corresponde a 21,1% responderam que são os “Pais e encarregados de educação”; 26 que corresponde a 18,3% responderam que são os “alunos”; 25 que corresponde a 17,6% culpabilizam o “ Ministério da educação”; 22 que corresponde a 15,5% responsabilizaram os “Professores”, enquanto que, 8 com um peso de 5,6% da amostra Ns/Nr. De seguida conferimos o gráfico:



Tabela nº 25: Na sua opinião, para diminuir ou erradicar a violência, para que ponto a sua escola deveria optar?

	Frequência	Percentagem
Criatividade	30	21,1%
Disciplina rigida	23	16,2%
Dialogo/liberdade	58	40,8%
Segurança	31	21,8%
Total	142	100%

Dos 142 alunos inquiridos que responderam a questão, 30 que corresponde a 21,1% responderam que a escola deveria optar pela criatividade; 23 que corresponde a 16,2% responderam que a escola deveria optar pela disciplina rigida; 58 que corresponde a 40,8% responderam que o diálogo/liberdade era a melhor solução, enquanto que, 31 que corresponde a 21,8% responderam a opção segurança.

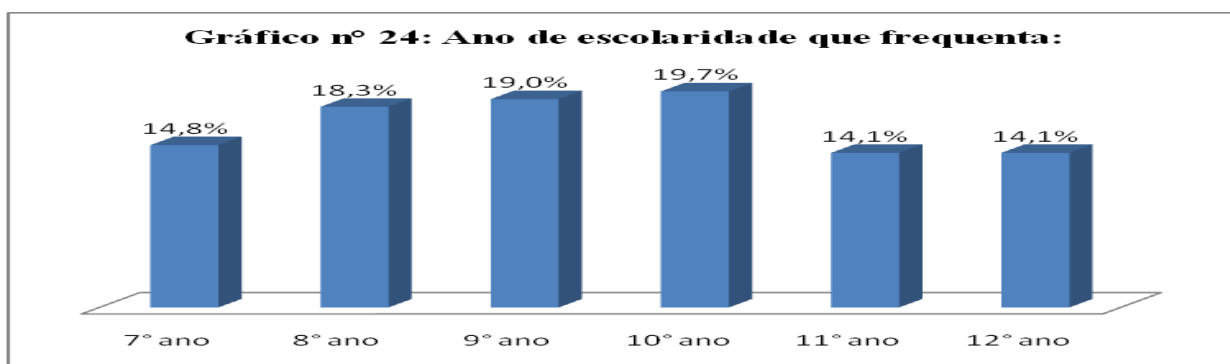


Para terminar a referida análise, de seguida apresentamos a tabela de dados e o gráfico percentual do ano de escolaridade dos alunos que participaram desse estudo:

Tabela nº 26: Ano de escolaridade que frequenta:

	Frequência	Percentagem
7º ano	21	14,8%
8º ano	26	18,3%
9º ano	27	19,0%
10º ano	28	19,7%
11º ano	20	14,1%
12º ano	20	14,1%
Total	142	100%

Dos 142 alunos que participaram desse estudo, 21 que corresponde a 14,8% estudavam a 7º ano; 26 que corresponde a 18,3% estudavam o 8º ano; 27 que corresponde a 19% estudavam o 9º ano; 28 que corresponde a 19,7% estudavam o 10º ano; 20 que corresponde a 14,1% estudavam o 11º ano, enquanto que, o mesmo nº de indivíduos ou seja 20 que corresponde a mesma percentagem, 14,1% estudavam o 12º ano. Portanto conferimos o seguinte gráfico:



3 - Confrontação das hipóteses

1 - As desigualdades sócio-económicas têm reflexo nas relações sociais e observa-se que a escola não só tem vindo a reflecti-las, mas também as reproduz, fazendo com quem, aquele que são excluídos muitas vezes envereda pela violência para pôr cobre a tal situação.

Esta hipótese confirma, isto porque segundo os dados da tabela nº 22 onde questiona o inquirido qual factor ele achava determinante nas situações de violência e segundo a sua resposta podemos ver que cerca de 32,4% dos inquiridos optaram pelas desigualdades sócio-económicas, sendo que a par da influência dos meios, partilharam o topo da percentualidade dos factores que motivam ou tem motivado a violência.

2 - Talvez a fraca ou não participação dos pais na escola, leva com que os filhos se sentem donos de si mesmo, fazendo da escola o lugar ideal para pôr cobre aos seus problemas do dia-a-dia e para confrontos entre pares.

No questionário perguntamos aos inquiridos, se existia uma participação activa dos pais na escola a maioria parte que corresponde a cerca de 61,3% responderam que não, então logo podemos comprovar que a falta de participação dos pais, tem feito com que os filhos se sintam a vontade para fazerem o que bem entenderem na escola e assim podemos dizer que torna-se difícil a escola assegurar uma boa convivência, isto porque os pais andam afastados das suas responsabilidades a par da escola, então esta hipótese comprova-se.

3 - As relações sociais são hierarquizadas entre os actores da escola, principalmente entre professores e alunos, deixando transparecer a exclusão e a desigualdade que podem gerar quem sabe a violência.

Esta outra hipótese confirma de acordo a questão colocada sobre, se na escola as relações sociais são hierarquizadas, onde podemos ver de forma clara que segundo a maioria dos inquiridos que corresponde a 57%, existe mesmo hierarquização de relações na escola. Logo podemos ver que a hierarquização se depara ao longo da história e de que qualquer instituição ou mesmo a sociedade está sujeita a este modelo de estruturação, visto que a nossa sociedade é desigual.

4 - Normas estabelecidas pela escola, que na maioria das vezes, não consegue responder aos objectivos, uma vez que formuladas e implementadas de forma unilateral não ponderando a palavra e o conhecimento dos actores escolares, fazendo com que esses entrem em divergências, gerando os conflitos e se não a violência.

Esta hipótese pode ser também confirmada através da tabela nº 12, onde podemos ver que cerca de 61,3% dos inquiridos responderam que não existe participação de todos nas tomadas de decisões ou seja a escola não tem dado voz a todos os membros da comunidade educativa para que dê a sua opinião sobre a melhor forma de organizar uma escola dinâmica e de maior convivência e logo na tabela nº 26 os cerca de 40,3% inquiridos apelam pelo diálogo/liberdade de todos os agentes escolares como forma de minimizar ou erradicar a situação de violência.

CONCLUSÃO

Tendo em conta todo o processo em que decorreu essa investigação, desde das pesquisas bibliográficas até as análises de dados é de salientar que houve uma grande motivação em torno desta, embora com certas limitações pelo facto de ainda ser um principiante na área da investigação e também porque o fenómeno da violência é muito amplo e surge em variadíssimos contextos, logo estamos consciente de que este trabalho é insuficiente na abordagem desta temática, pois muito mais haveria por dizer, isto porque em termos bibliográficos nacionais ficamos condicionados pelo facto de até então, não se ter abordado mas seriamente sobre esta temática em Cabo Verde, mas mesmo assim pensamos que conseguimos os objectivos traçados de acordo com uma investigação em ciências sociais e que contribuiremos muito no futuro junto de outras investigações nesta área temática. Só nos resta dizer que este tema é muito pertinente e preocupante na sociedade Caboverdiana, principalmente para as pessoas que primam e que querem contribuir para que haja uma educação de qualidade num ambiente saudável, de tolerância, tranquilidade, segurança e sem violência.

Este estudo foi realizado em São Vicente no ano lectivo 2010/2011, no terceiro trimestre, nas escolas secundárias públicas tendo como público-alvo alunos dos 12 aos 21 anos de idade, onde foi aplicado um questionário aos mesmos e de seguida aprofundaríamos esse estudo com entrevistas junto de um grupo de professores das diversas escolas. Pretendíamos saber até que ponto poderia-se considerar a escola secundária pública sãovicentino um locus de produção e reprodução de violências e chegamos assim a seguinte conclusão: de tudo o que foi dito ao longo dessa investigação, podemos afirmar que, a violência de facto existe, mas não é somente gerada e/ou reproduzida fortuitamente no interior das escolas, ela decorre das práticas sociais que são constituídas na sociedade como um todo. Trata-se então de um carácter sociológico para o entendimento desse processo, ou seja, as escolas são apenas uma pequena parte de um amplo e complexo contexto social.

No que tange as relações sociais nas escolas em jeito de conclusão, podemos afirmar, que estas muitas vezes estão na origem da violência e que é a partir destas relações reproduzidas no interior da escola que esse processo se constitui como determinante. Tomando ainda a escola como espaço social e de contradições, a violência se caracteriza como uma forma de recusa do

próprio espaço escolar, isso evidencia também uma certa resistência em compreender a escola como um espaço para a superação destas contradições.

RECOMENDAÇÕES

As medidas contra a violência inerente a escola partem de três premissas gerais: realizar diagnósticos e pesquisas para conhecer o fenómeno em sua concretude, legitimação pelos actores/sujeitos envolvidos (o que pressupõe a participação da comunidade educativa) e fazer um monitoramento permanente das acções nas escolas.

Deve-se assumir a importância da construção de uma Cultura de Paz, uma cultura baseada na tolerância, solidariedade e compartilhamento em base quotidiana, uma cultura que respeita todos os direitos individuais:

- ✚ O princípio de pluralismo, que assegura e sustenta a liberdade de opinião e participação;
- ✚ E que se empenha em prevenir conflitos resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças para a segurança, como exclusão, pobreza extrema e degradação ambiental. A cultura de paz procura resolver os problemas através do diálogo, da negociação e da mediação, de forma a tornar a violência inviável.

Toda a sociedade Sãovicentina, inclusive toda a comunidade educativa, precisa reconhecer a necessidade de prevenção e erradicação dos actos de violências nas escolas e não só, assim como a necessidade de relacionar conhecimento sensível, ético, valorização do jovem, criação de clima agradável e participativo na escola e na sala de aula, com conhecimento especializado e transdisciplinar, incluindo nas propostas curriculares conteúdos de vivências sobre segurança pública e segurança escolar.

Vale destacar a necessidade da inclusão de cuidados com o entorno ou vizinhança da escola, procurando transformar estas em zonas seguras, com especial atenção para a criação de espaços para o lazer no ambiente escolar; maior interacção entre a escola, família e comunidade, inserção na rotina escolar de actividades de cunho transdisciplinar, cuidados com a ambiência (clima) da escola, estabelecimento de regras disciplinares claras, que contemplem punições contra a violência moral e física envolvendo alunos, professores e funcionários.

Trabalhar com programas de sensibilização, parceria com os órgãos de segurança local, maior articulação da escola com os órgãos ligados à educação e formação dos alunos e a comunidade sãovicentina em geral, na busca de apoio especializado ao processo de implantação de medidas contra os actos de violências nas mesmas escolas.

A violência na escola, realiza de algum modo, um estranho retrocesso em relação à capacidade do sistema educacional de se ampliar, cumprindo com sua função de uma geração à outra. Porém a escola não pode ser vista apenas como uma caixa de ressonância social, pois ela possui seus próprios campos de relação e cria conflitos específicos nas relações que mantém com os diversos actores e segmentos envolvidos e envolventes à escola.

Nesse contexto, consideramos que é de suma importância a antecipação destes conflitos, pelos actores envolvidos no processo educativo sãovicentino e nacional: governantes, órgãos sociais, directores das escolas, professores, pais e alunos.

O contexto e as especificidades nacionais devem ser considerados para o desenho de políticas públicas a respeito do combate à violência na escola. Faz-se necessário enfatizar a importância da educação e dos serviços de atenção especializados voltados para a convivência cidadã, conjugar a participação com responsabilidades sociais, resgatar a confiança nas instituições educacionais e nos espaços de socialização, e ainda proporcionar oportunidades para o desenvolvimento de actividades culturais pelos alunos, de integração comunitária e de trabalhos com a família dos alunos. A intervenção deve ser precedida por uma investigação científica, e a observação crítica dos processos desenvolvidos na escola.

Ortega e Del Rey (1998, p. 21), afirmam que o combate a violência nas escolas deve contar com instrumentos de melhoria das relações que, actuam de forma preventiva no processo de convivência escolar e terminem por evitar a violência. Na opinião das autoras, aprender a conviver é um seguro de habilidades sociais para o presente e para o futuro, portanto um indicador de bem estar social.

Logo torna-se inegável o reconhecimento da necessidade de que toda a sociedade, inclusive a comunidade educacional secundária sãovicentina, compactue, reconhecendo a necessidade de prevenção e erradicação dos actos de violência nas escolas, assim como a necessidade de relacionar conhecimentos sensíveis, éticos, de valorização do jovem, de criação de um clima agradável e participativo na escola e na sala de aula, com conhecimento especializado e transdisciplinar, incluindo nos projectos educacionais das escolas conteúdos sobre segurança pública e segurança escolar.

Referências Bibliográficas e (Sitográficas)

ABRAMOVAY, Miriam (et. al) Escola e Violência. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

CAEIRO, José e DELGADO, Pedro, (2005), *Indisciplina em contexto escolar*, Lisboa, Instituto Piaget.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, violência e quotidiano escolar. Disponível em: mailto:www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_dhviolencia.html. Acesso em: 28 fev.2011.

CARVALHO, J. Eduardo, (2002), *Metodologia do trabalho científico – saber-fazer da investigação para dissertações e teses*, Lisboa, Escolar Editora.

COSTA, Maria Emília, (2003), *Gestão de conflitos na escola*, Lisboa, Universidade Aberta.

DELORS, Jaques (coord.) e outros. (2005). *Educação um tesouro a descobrir*. (9ª edição). Portugal. Edições ASA

DOS SANTOS, J. V. T. *A violência na escola, uma questão social global*. Disponível em: <mailto:<http://168.96.200.17/ar/libros/violencia/dossantos.pdf>>. Acesso em: 18 Janeiro. 2011.

DURKHEIM, Émile, *Educação e Sociologia*, Edições 70, Lisboa

Dicionário de Sociologia, Porto Editora, Porto, 2002

FESTINGER, Leon. *Teoria da dissonância cognitiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 249p.

GUIMARÃES, Áurea M. *A dinâmica da Violência escolar: Conflito e Ambigüidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

Jornal A SEMANA, sexta-feira 16 de Abril de 2010

MARQUES, Ramiro, (2000), *Breve dicionário de pedagogia*, Lisboa, Editorial Presença

MARQUES, Ramiro, (2000), *A Escola e os Pais. Como Colaborar?* Lisboa, Texto Editora lda, 6ª edição.

NOGUEIRA, M.A. NOGUEIRA, C.M.M. *A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu. In Educação e Sociedade*. Ano XXIII – Abril 2002 p.15-36

Porf.GilbertoTeixeira, O que é a metodologia? Acessado no site: www.spu.autoupdate.com, acesso em 15 de Novembro de 2010.

[Pt.wikipedia.org/.../Ilha_de_São_Vicente_\(Cabo_Verde\)](http://Pt.wikipedia.org/.../Ilha_de_São_Vicente_(Cabo_Verde)) – em 24 de Julho de 2010, 10:30

QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, LucVan, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Edições Trajestos, 1ª edição, Lisboa, 1992

REGO, Tereza Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Júlio R. Groppa. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 10. ed. São Paulo, 1996

Relações sociais. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-06-06]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](http://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais)>.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. *A violência na escola: conflitualidade e acções civilizatórias*. – Educação e Pesquisa. São Paulo: 2001.

SILVA, Aida Maria Monteiro, EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA: QUAL É A FUNÇÃO DA ESCOLA, disponível em <<http://www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/aida1.htm>>, consultado em 11/05/11

VASCONCELLOS, Celso dos S. Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola. In: *Idéias*. Nº 28. São Paulo: FDE, 1997. Disponível em: <www.celsovasconcellos.com.br/indi.pdf>. Acesso em 16 de Agosto. 2010.

VELHO, Gilberto. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (org). *Cidadania e Violência* 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRSB; Editora FGV. 2000..

ANEXOS

A1 - Guião de entrevistas aplicado aos professores

Roteiro de entrevista para professores

--o0o--

(Bom Dia/ Boa Tarde)

O (a) Senhor (a) professor (a) contribuirá muito para a nossa pesquisa, que tem por tema: A escola como locus de produção e reprodução de violência, se dispensar alguns minutos para responderes à algumas perguntas sobre este assunto.

IDENTIFICAÇÃO

1. Idade

19 a 25 anos ☐ 2) 26 a 32 anos ☐ 3) 33 a 39 anos ☐ 4) mais de 40 anos ☐

2. Género

Feminino ☐ Masculino ☐

3. Habilitações literárias

12º Ano ☐ Bacharelato ☐ Licenciatura ☐ Mestrado ☐ Doutor ☐

4. Vínculo profissional

Contratado ☐ Quadro definitivo ☐

5. Anos na docência

Menos de 5 anos ☐ de 5 a 10 anos ☐ mais de 10 anos ☐

6. Anos de serviço na escola

Menos de 5 anos ☐ de 5 a 10 anos ☐ mais de 10 anos ☐

II - Aspectos que retrata o tema

1. Como é que vês as relações sociais de nas escolas secundárias sãovicentina?

2. O que pensas sobre a escola como locus de produção e reprodução de violências?

3. O que pensa sobre os actos de violências que tem ocorrido nos estabelecimentos de ensino secundário sãovicentino?
4. Tem conhecimento de algum (s) caso (s) de violências na sua escola?
() Sim () Não
- 4.1. Se Sim que casos e onde ocorreram:
- 4.2. Quais foram as medidas tomadas para a sua resolução:
5. As vítimas de agressão foram maioritariamente do sexo masculino () ou feminino () ? E os agressores? Masculino () ou Feminino ()
6. A escola tem usado alguma (s) medida (s) e/ou desenvolvido projectos com o objectivo de reduzir os actos de violências. Quais?
7. Achas que o principal actor dos actos de violências que ocorrem nas escolas secundárias tem como único culpado os alunos? Se sim; em parte ou se não porquê?
8. Na sua opinião, quais os factores que tem gerado essas situações?
9. Achas que os pais têm colaborado para que esses acontecimentos sejam minimizados?
10. A escola tem uma proposta pedagógica para a resolução/redução dos actos de violências?
Sim () Não ()
- 10.1. Se a resposta for positiva, descreva como é essa proposta.
11. Se a resposta fôr negativa: qual (is) as dificuldades para a organização de uma proposta colectiva? Você acredita que uma proposta pedagogica é importante? Na sua opinião o que a escola deve fazer para organizar essa proposta?
12. Na qualidade de professor que tipo de educação você acredita que poderá reduzir os actos de indisciplina e violência nas instituições de ensino secundário?
13. O que deveria ser feito para reverter esse quadro de violências na escola e implantar uma cultura de paz? Quais as pessoas que deveriam ser envolvidas?

Obrigado pela sua colaboração!

A2 - QUESTIONÁRIO PARA INOUÉRITO COM ALUNOS

Este **questionário** enquadra-se no âmbito da realização da monografia do 4º ano do curso de Sociologia e objectiva recolher informações para a realização do trabalho de investigação de fim de curso, cujo tema é *A Escola como locus de produção e reprodução de violência*. Por favor responda todas as perguntas, pois garantimos-lhe a confidencialidade das tuas respostas e opiniões. Nas perguntas de resposta fechada assinala a sua resposta com um X e nas perguntas de respostas abertas utilize o espaço disponível para tal.

FILTRO

Sexo

1. Masculino
2. Feminino

Idade

1. 12 - 14 Anos
2. 15 - 17 Anos
3. 18 - 21 Anos

RELAÇÕES SOCIAIS NAS SECUNDÁRIAS PÚBLICAS

P1- Quando você tem um problema pessoal, você conta para quem?

1. Parentes/Familiares
2. Amigo
3. Ninguém
4. Colega
5. Professor
99. Ns/Nr

P2- Na sua opinião como avalia as relações sociais na sua escola?

1. Excelente
2. Boa
3. Razoável
4. Péssimo
99. Ns/Nr

P3 - Na sua opinião existe uma boa relação social entre os alunos no ambiente escolar?

1. Nem sempre
2. Ocasionalmente
3. Sempre
99. Ns/ Nr

P4 - Como classifica a relação entre alunos e professores no ambiente escolar?"

1. Excelente
2. Boa
3. Razoável
4. Péssimo
99. Ns/Nr

P5 - Como classifica a relação dos alunos com os outros membros da comunidade educativa na sua escola?

1. Excelente
2. Boa
3. Razoavel
4. Péssimo

P6 - Na sua opinião as relações sociais são hierarquizadas na sua escola?

1. Sim
2. Em parte
3. Não
99. Ns/Nr

P7- Acha que a escola cria actividades que visam gerar uma maior proximidade/convivência entre a C.educativa?

1. Nem sempre
2. Nunca
3. Ocasionalmente
4. Sempre
99. Ns/ Nr

P8 - Acha que existe uma participação activa dos pais na sua escola?

1. Acha
2. Nao acha
99. Ns/Nr

P9 - Acha que todos os membros da C. educativa, participam das tomadas de decisões da sua escola?

1. Sim
2. Em parte
3. Nunca
99. Ns/Nr

A INDISCIPLINA NAS SECUNDÁRIAS PÚBLICAS

P10 - Como avalia o grau de Indisciplina na sua escola?

1. Muito elevado
2. Elevado
3. Baixo
4. Muito baixo
99. Ns/Nr

P11 - Já alguma vez foste acusado de praticar algum acto de indisciplina na sua escola?

1. Sim
2. Não
99. Ns/Nr

P12 - Onde os casos de indisciplina tem maior incidência?

1. Sala de aula
2. No pátio
3. Ambas as opções
99. Ns/Nr

P13 - Na sua escola são realizadas actividades que visam combater a indisciplina?

1. Sempre
2. Muitas Vezes
3. Raramente
4. Nunca
99. Ns/Nr

→Passa para p 15

P14 - Que tipos de actividades são realizadas na tua escola para combater a indisciplina?

1. Palestras
2. Campanhas de sensibilização
3. Marchas
4. Outro! _____
99. Ns/Nr

VIOLÊNCIAS NAS SECUNDÁRIAS PÚBLICAS

P15– Alguma vez já presenciaste alguém a ser alvo de agressão (verbal ou física) na sua escola?”

1. Sim
2. Não → *passa para p 17*
99. Ns/Nr

P16– Quem eram os intervenientes? _____

P17 – Acha que na sua escola existe violência?

1. Acha
2. Em parte
3. Não acha → *passa para p 26*
99. Ns/Nr

P18 – Acha que essa violência é produzida ou reproduzida na sua escola?

1. Produzida
2. Reproduzida
3. Ambas as opções
99. Ns/Nr

P19 – Podia indicar UM acto que considera ser violência que ocorre na sua escola?

1. Agressões verbais
2. Insultos
3. Injúrias
4. Acusação difamatória
5. Brigas
6. Outro! Qual? _____
99. Ns/Nr

P20 – Onde estes casos tem maior incidência?

1. Sala de aula “passa para p22”
2. No pátio “passa para p22”
3. Lado de fora (para lá do muro)
99. Ns/Nr

P21- Porquê? _____

P22 - Podia indicar UM factor que considera ser geradores de violência na sua escola?

1. Desigualdades sociais
2. Pobreza
3. Influência dos meios de comunicação
4. Meio ambiente
5. Outro. Qual? _____
99. Ns/Nr

P23 – Alguma vez presenciou alunos c/ armas na sua escola ?

1. Muitas vezes

2. Raramante
3. Nunca “passa para p 27”
99. Ns/Nr

P24 – Que tipos de armas? _____

P25 – Sabes com que intenção?

1. Como meio de prevenção
2. Para ajuste de contas c/ colegas
3. Como meio de Protecção
4. Por hábito
5. Para intimidações
6. Outro! Qual? _____
99. Ns/Nr

P26- Na sua opinião quem responsabilizas por todas essas ocorrências? _____

P27 – Na sua opinião, para diminuir ou erradicar a violência, para que ponto a sua escola deveria optar?

1. Criatividade
2. Disciplina rígida
3. Diálogo, liberdade
4. Segurança
5. Outra! qual? _____
99. Ns/Nr

DADOS DE CLASSIFICAÇÃO

P28 – Ano de escolaridade que frequenta:

1º Ciclo (Tronco Comum)

1. 7º Ano
2. 8º Ano

2º Ciclo

3. 9º Ano
4. 10º Ano

3º Ciclo

5. 11º Ano
6. 12º Ano

29 – Escola que o aluno frequenta:

1. José Augusto Pinto
2. Ludjéro Lima
3. ECTM
4. Jorge Barbosa
5. Salesianos

*Muito Obrigado pela sua Colaboração
Votos de sucesso nos estudos!*

A3 - Codificação das perguntas abertas

P16 –

- 1- Alunos
- 2- Alunos/Professores
- 3- Alunos/outros
- 4- Professores
- 5- Professores/Funcionários
- 99- Ns/Nr

P21 –

- 1- Não existe controlo (segurança) por parte da escola
- 2- Lugar ideal para ajuste de contas
- 3- Dificilmente haja punições
- 4- Ns/Nr

P24 –

- 1- Facas
- 2- Catanas
- 3- Pistola
- 4- Tesoura
- 5- Lâmina
- 6- Naválias
- 99- Ns/Nr

P26 –

- 1-Direcção das escolas (concelho disciplina)
- 2-Pais/encarregados de educação
- 3-Os próprios alunos
- 4-O Ministério da educação
- 5-Professores
- 99 – Ns/Nr

A4 – Reflexão dum professor de ensino secundário sobre a Violência inerente a escola em Cabo Verde:

Achamos pertinente anexar esta reflexão do professor de ensino secundário Dtr. José António Mendes, como forma de dar um contributo ao nosso estudo.

A Violência Escolar é motivo de crescente preocupação?

“O futuro do mundo de quem mais depende, é em primeiro lugar, dos Pais, E depois dos Professores” (F. H. Veiga, 1999)

“Aqueles que mais precisam da Escola, são aqueles que mais ela quer abandonar”.

Recentemente falou-se muito da extrema violência ocorridas nalgumas Escolas Secundárias do país. Custa muito acreditar, mas infelizmente são factos. Os últimos incidentes constituem motivo de crescente preocupação e exigem respostas a outras questões, como saber o que teria passado na cabeça (e no coração) dos agressores e tentar ver algo mais do que simples violência escolar. A explicação dos conflitos que por vezes surgem nas escolas podem estar associado ao abuso do álcool e drogas, a super estimulação, a depressão, ao mau ambiente familiar, etc. Ao nível das escolas, várias são as razões de tensão e desequilíbrio, algumas são do conhecimento comum, como: turmas numerosas; escolas superlotadas, falta de equipamento didáctico adequado, fraco nível de remuneração dos docentes, que afasta do ensino os mais capazes, percentagem do pessoal docente sem formação profissional, percentagens elevadas de alunos oriundos de meios economicamente degradados, taxas enormes de insucesso escolar, falta de saída profissional para os alunos, etc. Portanto, a violência escolar não pode ser vista como existindo em si mesma, como uma qualidade inerente ao próprio comportamento, mas tem antes que ser analisada e compreendida no contexto da relação pedagógica. A sua compreensão exige um trabalho apurado de observação, descrição e interpretação, dificilmente compatível com esquemas explicativos com base numa casualidade linear, simplificadora e desresponsabilizadora (Amado, 2000). Ela está relacionada com a existência de muitos factores e com um conjunto de fenómenos interactivos na escola, de modo que é fundamental reconhecer como elementos da situação as expectativas, os conflitos de poder e os jogos de comportamentos estratégicos de alunos e professores.

A escola é um sistema aberto em constante interacção com o meio, de modo que, a problemática da indisciplina e violência surgem muitas vezes como reflexo das tensões e desequilíbrios da sociedade envolvente. Muitos efeitos da violência, intolerância, da falta de cortesia vividos fora da escola vão ecoar nela dando origem a comportamentos disruptivos. Assistimos frequentemente nas escolas, comportamentos disruptivos que podem até tocar as fronteiras da delinquência, mas raras vezes são actos de delinquência, pois não violam a ordem legal da sociedade, mas apenas a ordem estabelecida nas escolas em função das necessidades de uma aprendizagem organizada colectivamente. A gravidade da situação actual, requer uma tomada de decisão e uma mudança nas escolas. Perguntamos o que está sendo feito para enfrentar o desafio que a violência escolar representa? Qual é a solução?

Toda a sociedade visa a inserção do indivíduo que se pretende ordenada e harmónica. Por isso a disciplina social transforma-se num fim educativo de carácter imediato (Estrela, 1992).

A indisciplina que actualmente perturba a vida de muitas escolas é o reflexo dos conflitos e da violência que grassa na sociedade em geral, de modo que, a sua prevenção requer a Família, em primeiro lugar e depois a Escola (Veiga, 1999). Não há dúvida, que a base para a saudável conduta moral deve ser lançada, pelos pais. São eles, em vez das escolas, que devem envolver-se primariamente em ensinar valores morais a seus filhos. O apoio social poderá evitar o surgimento de comportamento agressivo, aqueles que tiveram apoio familiar directo estão mais protegido das eventuais adversidades e, conseqüentemente, não manifestam orientação para a violência escolar, porque sabem que a escola lhe é imprescindível para prosseguirem os objectivos da vida e cumprirem as expectativas do envolvimento, enquanto que, para os outros as expectativas futuras não incluem a escola como relevante, o envolvimento tolera a sua passagem pela escola encarando - a muitas vezes como um período de improdutividade (Matos 1997). Há alguns anos, quando um aluno tinha um problema, costumava procurar a família para que o ajudasse a tentar resolver - lo. Hoje, o tempo de comunicação entre os Pais e os Filhos ou entre Professores e Alunos, aparece como escasso e não significativo, cada família é um problema acrescido que cada aluno tem que resolver. O aluno enfrenta um duplo problema. Como ele pode compreender que a escola não aceite a sua interrogação, se é a mesma que a sua família valida e promove?

Alguns autores defendem que, a violência é relacionável com práticas educativas severas e intolerantes ou, por outro lado, negligentes e permissivas e está ligada a uma deterioração das

condições da vida do grupo social (família), a falta de diálogo e o reconhecimento afigura como uma das maiores causas que levam os jovens a tomarem atitudes extremas e violentas.

Mas, afinal qual é o maior factor da indisciplina escolar ou da violência juvenil? Para uns é a falta de valores (familiares, escolares e sociais), para outros a falta de perspectivas quanto ao futuro, para outros um sintoma de rupturas. Uns destacam a influência dos órgãos de comunicação social e outros, o clima da concorrência. Para outros, infelizmente a culpa seria dos professores, ou seja, quem deveria responder pelos actos de indisciplina dos alunos seria o professor e não os alunos. A violência escolar põe a todos nós na defensiva. Todavia, nem os pais, nem as escolas, estão enfrentando o desafio da violência, ou, pelo menos, não é bastante o número daqueles que fazem isso. Deterioram - se os padrões de comportamento na escola e na sociedade, tanto os menores como os adultos estão criando gosto pela violência, mas nunca é demais enfatizar a influência que as escolas podem exercer sobre a sociedade.

A escola deve clarificar aos olhos do aluno o tipo de “comportamento aceitável” e em que contexto. “Toda a organização social, para alcançar os seus objectivos têm de regulamentar as suas relações e as condutas dos seus membros” (Amado, 1997: 117). Cabe ao Ministério de Educação, definir e divulgar o estatuto dos alunos dos Estabelecimentos Públicos dos Ensinos Básico e Secundário, estabelecendo os direitos e deveres gerais e consagrando um código de conduta que contempla regras de convivência e de disciplina. E, às escolas a elaboração de um regulamento interno que desse corpo aos princípios e normas gerais estabelecidas e que tivesse em conta as necessidades dos professores e as especificidades dos alunos e dos contextos.

A existência destas regras explícitas de conduta certamente irão ajudar os alunos a regular as suas relações sociais na escola. Mas, o problema não se pode resumir simplesmente em ter regras, muitos estudos mostram que as regras formais não abrangem todas as particularidades da vida e das exigências da escola, nem se adaptam à letra a qualquer caso, o que obriga permanente negociação, e que “os professores apresentam características e atitudes muito diferentes em relação à capacidade de negociar” (Barreiros, 1996: 113). Acrescentam ainda que, todas as interacções entre professores e alunos devem caracterizar pela existência de um acordo de trabalho, assente no diálogo, negociação e responsabilização. A flexibilidade e a tolerância devem ser princípios fundamentais, pois, a rigidez de princípios e normas nas escolas é vista por alguns autores, como contraproducente. “Actuar com o equilíbrio, sem cair na rigidez de princípios e de normas, nem cair numa flexibilidade e numa tolerância fora de limites razoáveis”

(Schumuck, 1992:201). “Não se pretende tornar o mundo escolar mais simples do que ele o é na realidade... mas fica em aberto a necessidade de darmos sempre um passo em frente em relação à pessoa do aluno e à dinâmica na Escola” (Amado, 2000:14), procurando evitar o aparecimento de fenómenos relacionais próprios de grupos informais, (...)” luta pela liderança, emergência de líderes informais, rivalidade entre grupos...” (Estrela, 1992:54). “Os alunos socializam muito mais pelas vivências entre colegas (e amigos) do que pela acção dos professores” (Everhart, 1987: 34).

Alguns autores consideram que, os comportamentos desviantes dos alunos podem servir, também de apoio à organização, alertando para certos defeitos e opondo ao desempenho rotineiro e burocrático, sendo assim, é importante que reconheçamos as possíveis variáveis que intervêm nesse contexto e que nos disponibilizemos a olhar com abertura não só a variável aluno, mas também a variável professor e a variável currículo e os mediadores que sustentam as interações que entre aquela tríade se estabelecem” (Amado, 1992:18), que igualmente se questione, se for caso disso, “as variáveis exteriores ao contexto pedagógico próximo, mas que com ele interage: escola, família, sociedade” (Morgado, 1996). Devemos sempre admitir a existência de factores sociogênicos (influências sociais culturais e familiares), biopsicogênicos (patologias várias, depressões, auto conceito negativo, desinteresse) e ainda os factores escolares e pedagógicos.

Hoje, a escola é um mundo de culturas diferentes e, por isso, nela existem distintos comportamentos. Se ela não encontrar formas de atrair para si própria os alunos, teremos perante nós cada vez mais abandono escolar, para abrir as portas das cadeias, sarcasticamente, como prova da nossa incapacidade de saber trabalhar...e amar. “Os currículos flexíveis, o estudo acompanhado, uma educação para a cidadania, poderão vir a ser importantes se de facto vierem a contribuir para a igualdade de oportunidades e humanização da educação” (Veiga, 1999:12) Durante anos a tranquilidade das escolas foram asseguradas por dois princípios fundamentais: “a tradição “ cada um é para o que nasce” e o autoritarismo - “ o respeitinho é muito bonito”. A democratização do ensino, como imperativo do desenvolvimento económico, social, político e educativo, veio tornar todo o equilíbrio precário e atirar para as calendas a universalidade da tradição e do autoritarismo” (A. Neves Saul, 1999: 13). O autoritarismo deu lugar a exigências de participação diferenciada, criação do direito a livre expressão, a pluralidade de opiniões, a livre circulação de informação, a afirmação por distintos valores. “Uma educação “democrática” exige” igual preparação, igual oportunidade de participar em decisões significativas; direitos

universais de expressão, de privacidade, direito de gozar do benefício da dúvida, igual encorajamento a todos no sentido da realização plena das exigências valorizadas pela sociedade” (Pearl, 1988:225). Para que serve a escola? Podemos explicitar a um aluno o que ele vai ser em função do seu percurso escolar? Creio que não. Nem relativamente ao emprego, tão pouco em relação ao prosseguimento de estudos.

Hoje, há quem pretenda que a escola sirva para quase tudo! “Quanto mais mandatos sociais quisermos que a escola cumpra, menos ela será capaz de os cumprir e maior será o risco de desilusão provocado pela sua actuação” (A. Saul, Neves, 1999:8). A maioria dos alunos não só não pode acreditar em quase nada, antes de ver concluída a escolaridade, como não deve. Quem define o emprego, não é certamente a escola. Aceitar a ligação directa entre a escola e o emprego é mais do que um equívoco, uma ilusão. Até ao final da escolaridade obrigatória o discurso social é claro e destruidor: “hoje os miúdos não sabem nada! No meu tempo, com a quarta classe, bla, bla, bla...” Apesar de todos sabermos que os tempos nada têm de comparáveis... Agora de que me serve um diploma do décimo segundo ano, se é como caixa de um supermercado que irei trabalhar? Algum de nós consegue enunciar mais do que uma vaga generalizada para responder a esta pergunta? Serve para teres um diploma! Nenhuma escola consegue formar para o posto de trabalho! O secundário, para além disso, é demasiado plural para permitir uma resposta única.

Não é do mesmo modo quando falamos do aluno que concluiu um Curso profissional. E neste contexto, é pouco nítido para o aluno a utilidade de que a escola se reveste. Para inverter esta situação, importa conferir um outro sentido à escolaridade, um sentido que motive o aluno, que estimule os professores e convença a sociedade. Os jovens sentem a falta da relação directa entre o sucesso na escola e o sucesso na vida futura, muito especialmente na vida profissional, pois, muitas vezes alcançam êxitos que a escola desconhece e não valoriza (trabalho em associações juvenis, escutismo, organizações partidárias, desporto e até experiências de trabalho profissionais).

Muitos alunos frequentam a escola, porque a isso são obrigados pela lei ou por pressão da família, a falta de motivação origina situações de frustração e de descontentamento que se expressam através da agressividade, da fuga do trabalho e da apatia. Dai, “a necessidade de adequação do currículo às necessidades e aos interesses dos alunos, da planificação cuidada, da variação de estímulos e de projectos motivadores capazes de suscitarem entusiasmo e de

canalizarem a energia do grupo para a produção de trabalho e para a realização de nível elevados de aspiração” (Estrela, 1992:55).

Por outro lado, é necessário ter a consciência, de que a escola, não é um lugar onde o estudante apenas receba passivamente os valores, é pelo contrário, “um lugar de confronto activo, de resistência colectiva dos estudantes que, aos valores da escola, opõem os seus, os do seu grupo, reflectindo ou dando origem a uma verdadeira contra cultura, salvaguarda da sua dignidade” (Apple, 1989; Giroux, 1986, Dubberley, 1995).

Este comportamento de resistência pode ser explicado tendo em conta as variáveis; a classe social de origem dos alunos, o género, a raça, e pode estar ainda na “inadequação da escola à modificação da estrutura social da população” (Estrela, 1986:107), de modo que, são imprescindíveis a existência de “dispositivos pedagógicos” capazes de tornar a escola num verdadeiro centro de dialogo de culturas. Para além disso, as escolas devem fornecer ao aluno um espaço de convívio onde ele possa crescer livremente e onde tenha liberdade para estar sem grande controlo deve ainda, criar momentos significativos para a participação dos pais. Por exemplo: as festas comemorativas, dia do patrono da escola, os inícios e fins do ano lectivo etc.

Mas alguns estudos demonstram que grande parte dos problemas vividos nas escolas resulta de conflitos de poder entre professores e alunos. O professor possui fundamentalmente três bases de poder: “a lei e o costume, o conhecimento e as qualidades pessoais” (Hargreaves, 1998:118). Para que estas bases de poder principalmente as qualidades pessoais, não sejam simples meio de manipulação do aluno, é necessário que elas se expressem na simpatia, na capacidade de respeitar o aluno, no bom senso em acções e atitudes, na disponibilidade para ouvir, compreender e ajudar.

O poder é relacional, presumir que os professores têm poder e os alunos não o têm, é o pior dos erros que os professores podem cometer no seu esforço de controlar os alunos. Cada membro de uma organização, mesmo o mais humilde, dispõe de uma certa forma e até certo ponto (...) de um mínimo de poder (...), os alunos dispõem sempre muito mais do que um mínimo de poder. Sendo actores tão ou mais importantes que os professores no processo educativo, são também em maior numero que os professores, o que só por si é uma importante fonte de poder.

O aluno possui poderes legítimos, pelo menos enquanto cidadão, o poder de exigir respeito pelos seus direitos e de resistir às situações de manifesta injustiça, possui também o poder de partilhar decisões com o professor, embora por tradição, o que a escola lhe reserva é a

necessidade de acatar as regras vigentes, aprender o que lhe é proposto. Contudo, não nos devemos esquecer que, para além dos poderes legítimos, o aluno possui indubitavelmente, poderes informais que se manifesta na recusa em participar, nas influências sobre os colegas com base num poder pessoal. “A principal fonte de poder dos alunos é o grupo” (Delamont, 1987:89). Os adolescentes ao criarem a sua própria pequena sociedade desenvolvem também sub culturas separadas, frequentemente divergentes em relação aos objectivos e valores dominantes da sociedade. Deste modo, o poder de um aluno pode também avaliar - se pela sua capacidade de mobilizar conjunto de interacção, e por outro lado a força física que certos alunos ostentam, e que é frequentemente associada a agressão ou ameaça de agressão, pode exercer uma influência considerável no comportamento de diferentes actores a nível da escola. Assim, a mobilização de conjunto de interacção pode ser também uma forma indirecta do poder físico e que resulta quase sempre em violência com os pares.

Qual é realmente a solução? Vários autores consideram que, a construção da disciplina nas escolas passa por um conjunto de medidas e atitudes muito dependentes da formação do professor e que diz respeito à natureza das suas interacções com os alunos. A chave do sucesso depende de duas capacidades fundamentais: a de ensinar, e a de saber lidar com as relações sociais. O ambiente escolar deve estimular e apoiar o professor nesta tarefa, explicitando metas a atingir, os intervenientes e a forma como se deve actuar.

Os alunos devem saber, desde os primeiros dias do ano lectivo, como portar-se nas diferentes fases da aula, nos corredores e noutras áreas da escola e conhecer as principais regras como: trazer o uniforme e os materiais necessários para a aula, manter - se no lugar de trabalho, não falar nem sair do lugar sem autorização, respeitar os outros e obedecer as regras escolares, mas, por mais que se procure prevenir, nem todos os desvios serão evitáveis de modo que, os procedimentos correctivos são necessários, e devem ter como objectivo resolver os problemas através do estabelecimento de algumas formas de dialogo com os alunos, tendo em conta as bases do poder referente e normativo ou a partilha de poderes com o aluno. O elogio, o aplauso, o prémio do bom comportamento, trata - se de medidas muito bem aceites pelos alunos. Infelizmente, nas nossas escolas a construção da disciplina passa quase sempre pela punição, medidas que não circunscrevem a negociação mas sim o castigo sob formas de expulsão da aula e de suspensão. “O castigo produz um efeito de travar a indisciplina por um tempo curto, mas não

produz uma mudança de comportamento duradoura, só detém temporariamente a acção que castiga” (Curwin, 1992).

As nossas escolas precisam de trabalhar na prevenção da violência escolar e, para isso, é necessário, criar um bom ambiente de trabalho, formar e educar o aluno para a responsabilidade e para a autodisciplina, construir um clima resolutivo ou cooperativo e ter um ensino que estimule a participação dos alunos.

São Filipe, Abril de 2007

A5 – Outras tabelas sobre a investigação (Cruzamento de dados)

Como avalia o grau de Indisciplina na sua escola? * Idade Crosstabulation

			Idade			Total
			12 - 14	15 - 17	18 - 21	
Como avalia o grau de Indisciplina na sua escola?	Muito elevado	Count	12	22	12	46
		% of Total	8,5%	15,5%	8,5%	32,4%
	Elevado	Count	12	33	10	55
		% of Total	8,5%	23,2%	7,0%	38,7%
	Baixo	Count	12	19	6	37
		% of Total	8,5%	13,4%	4,2%	26,1%
	Muito Baixo	Count	4	0	0	4
		% of Total	2,8%	,0%	,0%	2,8%
Total	Count	40	74	28	142	
	% of Total	28,2%	52,1%	19,7%	100,0%	

Ano de escolaridade que frequenta: * Idade Crosstabulation

			Idade			Total
			12 - 14	15 - 17	18 - 21	
Ano de escolaridade que frequenta:	7º ano	Count	19	2	0	21
		% of Total	13,4%	1,4%	,0%	14,8%
	8º ano	Count	19	7	0	26
		% of Total	13,4%	4,9%	,0%	18,3%
	9º ano	Count	2	25	0	27
		% of Total	1,4%	17,6%	,0%	19,0%
	10º ano	Count	0	28	0	28
		% of Total	,0%	19,7%	,0%	19,7%
	11º ano	Count	0	12	8	20
		% of Total	,0%	8,5%	5,6%	14,1%
	12º ano	Count	0	0	20	20
		% of Total	,0%	,0%	14,1%	14,1%
Total	Count	40	74	28	142	
	% of Total	28,2%	52,1%	19,7%	100,0%	

Que tipos de actividades são realizadas na tua escola para combater a indisciplina?

		Frequência	Percentagem
	Palestras		64,8
	Ns/Nr	17	12,0
	Total	109	76,8
Missing	System	33	23,2
Total		142	100,0

Acha que na sua escola existe violência? * Podia indicar-nos UM acto que considera ser violência e que ocorre na sua escola? Crosstabulation

		Podia indicar-nos UM acto que considera ser e que ocorre na sua escola?				Total
		Agressões Verbais	Injúrias	Acusações difamatorias	Brigas	
Acha que na sua escola existe violência?	Acha	21 14,8%	19 13,4%	3 2,1%	43 30,3%	86 60,6%
	Em Parte	12 8,5%	10 7,0%	2 1,4%	30 21,1%	54 38,0%
	Não Acha	0 0,0%	1 0,7%	1 0,7%	0 0,0%	2 1,4%
Total		33 23,2%	30 21,1%	6 4,2%	73 51,4%	142 100,0%

Acha que na sua escola existe violência? * Podia indicar-nos UM factor que considera ser gerador da violência na sua escola? Crosstabulation

		Podia indicar-nos UM factor que considera ser gerador Violência na sua escola?					Total
		Desigualdade das sociais	pobreza	Influência dos média	Meio Ambiente	Outro!	
Acha que na sua escola existe violência?	Acha	38 26,8%	10 7,0%	24 16,9%	14 9,9%	0 0,0%	86 60,6%
	Em Parte	8 5,6%	6 4,2%	24 16,9%	14 9,9%	2 1,4%	54 38,0%
	Não Acha	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	2 1,4%	0 0,0%	2 1,4%
Total		46 32,4%	16 11,3%	48 33,8%	30 21,1%	2 1,4%	142 100,0%

Acha que na sua escola existe violência? * Na sua opinião, para diminuir ou erradicar a violência, para que pontos a sua escola deveria optar?

		Na sua opinião, para diminuir ou erradicar a violência, para que pontos a sua escola deveria optar?				Total
		criatividade	disciplina rígida	diálogo/verdade	segurança	
Acha que na sua escola existe violência?	Acha	13 9,2%	14 9,9%	41 28,9%	18 12,7%	86 60,6%
	Em Parte	17 12,0%	8 5,6%	17 12,0%	12 8,5%	54 38,0%
	Nao Acha	0 ,0%	1 ,7%	0 ,0%	1 ,7%	2 1,4%
Total		30 21,1%	23 16,2%	58 40,8%	31 21,8%	142 100,0%

FIM